



PPGTPC



Programa de Pós-Graduação em
Teoria e Pesquisa do Comportamento UFPA

**HABILIDADES SOCIAIS EM ESCOLARES DE BELÉM E SUAS CARACTERÍSTICAS PESSOAIS E
FATORES CONTEXTUAIS**

THACIANA ARAUJO DA SILVA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teoria e Pesquisa do Comportamento.

Área de Concentração: Ecoetologia
Orientador(a): Prof.^a Dr.^aLília Iêda Chaves Cavalcante
Projeto Financiado pela CAPES
Data da Defesa: 19 /02 /2014

Belém-PA
2014



Serviço Público Federal
Universidade Federal do Pará
Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento
Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento

**Habilidades sociais de escolares de Belém e sua relação com
características pessoais e fatores contextuais**

Belém-Pará
Fevereiro-2014



Serviço Público Federal
Universidade Federal do Pará
Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento
Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento

Habilidades sociais de escolares de Belém e sua relação com características pessoais e fatores contextuais

Aluna: Thaciana Araujo da Silva

Orientadora: Prof^a Dr^a Lília Iêda Chaves Cavalcante

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, da Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Teoria e Pesquisa do Comportamento.

Belém- Pará
Fevereiro-2014



Dissertação de Mestrado

“Habilidades Sociais de Escolares de Belém e sua Relação com Características Pessoais e Fatores Contextuais”

Aluna: Thaciana Araújo da Silva

Data da Defesa: 19 de Fevereiro de 2014.

Resultado: Aprovada.

Banca examinadora:

Prof.^ª. Dr.^ª. Lília Iêda Chaves Cavalcante (UFPA - Orientadora)

Prof.^ª. Dr.^ª. Alessandra Tuini Bolsoni Silva (UNESP - Membro)

Prof.^ª. Dr.^ª. Ana Emília Vita Carvalho (CESUPA - Membro)

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Silva, Thaciana Araujo da, 1987-
Habilidades sociais em escolares de belém e
suas características pessoais e fatores
contextuais / Thaciana Araujo da Silva. -
2014.

Orientadora: Lilia Iêda Chaves Cavalcante.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal
do Pará, Núcleo de Teoria e Pesquisa do
Comportamento, Programa de Pós-Graduação em
Teoria e Pesquisa do Comportamento, Belém, 2014.

1. Relações humanas. 2. Habilidades sociais.
3. Crianças. 4. Psicologia social. I. Título.

CDD 23. ed. 158.2

“Há coisas que não se pode fazer junto sem acabar gostando um do outro”.
(Harry Potter e a Pedra Filosofal)

DEDICATÓRIA

A todos que tornaram possível a realização desta pesquisa, especialmente às crianças e seus cuidadores.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por sempre iluminar meus caminhos.

A minha família que me acompanhou e me ajudou em todos os momentos durante o mestrado.

Aos meus amigos do colégio por torcerem por mim e compreenderem minha ausência em alguns momentos.

À Gyselle, amiga de sempre.

À Lana, Paulyane, Olívia e José Luzitano, que mesmo, às vezes distantes, conseguiam me trazer paz e tranquilidade, fundamentais nesse processo.

Aos meus voluntários de pesquisa, André, Eline, Paula e Marília.

Às minhas amigas formadas durante o mestrado, Maureanna, Kátia e Talitha, por todos os momentos de aprendizagem e descontração que tivemos juntas.

À minha amiga Tássia que muito me incentivou para entrar no mestrado.

Ao professor Édson Frazão que me aceitou na sua disciplina para a realização da Prática de ensino. Aprendi muito com você.

À minha orientadora querida, Lilia Cavalcante, por toda dedicação, exigência e paciência dispensadas a mim nestes meses de convivência.

Às professoras Ana Emília e Alessandra que aceitaram o convite para participar da banca.

Aos funcionários da escola que me acolheram e me deram o apoio necessário durante a coleta de dados.

Aos pais que aceitaram participar da pesquisa.

Às “minhas” crianças participantes, pelo carinho e entusiasmo, e por me transmitirem energia e fôlego, essenciais durante esta pesquisa.

Silva, T.A. (2014). Habilidades sociais de escolares de Belém e sua relação com características pessoais e fatores contextuais. *Dissertação de mestrado*. Universidade Federal do Pará

RESUMO

Este estudo teve por objetivo avaliar as habilidades sociais de escolares de Belém e relacioná-las a variáveis pessoais e contextuais analisadas. Este propósito orientou os três estudos que constituem a dissertação. O primeiro relacionou as médias de habilidades sociais às características biosociodemográficas das crianças. O segundo associou as médias de habilidades sociais às condições socioeconômicas e sociodemográficas da família das crianças avaliadas, além de aspectos do envolvimento dos pais nas atividades de vida escolar dos filhos. O terceiro, por sua vez, comparou dois grupos de dez crianças que obtiveram médias baixas e altas de habilidades sociais em relação a características pessoais (relacionamento e comportamento), contextuais (atividades), e aspectos escolares descrevendo e analisando as semelhanças e diferenças entre eles, conforme o enfoque teórico da Bioecologia do Desenvolvimento Humano. Verificou-se a partir dos resultados dos estudos que as crianças avaliadas possuem um adequado repertório de habilidades sociais, tendo obtido médias de reações socialmente habilidosas maiores que as ditas não habilidosas. Algumas características pessoais, familiares e escolares da amostra, sobretudo atividades realizadas nesses contextos, relacionaram-se à emissão de respostas socialmente habilidosas. Não foram encontradas associações significativas entre aspectos socioeconômicos e sociodemográficos familiares, ou envolvimento parental nas atividades escolares das crianças, com as médias de habilidades sociais. Conclui-se que habilidades sociais podem sofrer influência de aspectos pessoais, e que a qualidade das relações familiares e atividades que estimulam o desenvolvimento da criança contribuem para a presença de um adequado repertório de habilidades sociais. Este tipo de estudo pode orientar outros para intervenção em crianças de contextos semelhantes aos da amostra pesquisada, e ampliar o conhecimento sobre esta área de pesquisa em escolares da cidade de Belém ao incluir na investigação outros aspectos, tais como os processuais e os temporais em contextos específicos, apresentando-se como um importante desafio para os pesquisadores do desenvolvimento humano na atualidade.

Palavras-chave: crianças, habilidades sociais, modelo bioecológico

Silva, T.A. (2014) Social skills of Belém students and their connection with personal features and contextual factors. *Dissertação de mestrado*. Universidade Federal do Pará.

ABSTRACT

This study aims to evaluate social and school skills of *Belém* students by connecting them to personal and contextual variables. Such purpose has directed the three studies which are part of this dissertation. The first one has connected social skills medium to children biosocial demographic features. The second one, on the other hand, has associated social skills medium to the social economic and demographic conditions of the evaluated family children, besides aspects of parent's engagement over their children school life. The third one has compared two groups of 10 children who had low and high medium of social skills in relation to personal features (relationships and behavior), contextual activities, and school aspects describing and also analyzing the similarities and differences among them, according to a theoretical focus of Human Development Bioecology. The studies results have shown that evaluated children have an appropriate repertory of social skills with social skills reactions medium higher than non skills medium. Some personal, familiar, contextual and school features of sample, mainly activities done in this context are related to socially skills responses. There were no significant associations among social economic, social demographic and familiar aspects, nor parents engagement in their children school activities, with social skills medium. To conclude, social skills may be influenced by personal aspects, and that familiar relationship quality and activities that provide children development contribute to an adequate repertory of social skills. This kind of study may direct other ones to children intervention in similar contexts to this sample and increase knowledge over this research area and students of *Belém* city when including other aspects, such as processual and temporarily in specific contexts, showing as an important challenge to human development researchers nowadays.

Key-words: children, social skills, bioecological model.

LISTA DE TABELAS

Estudo I- Habilidades sociais infantis e características pessoais em escolares de Belém

Tabela 01- Comparação das características biociodemográficas, e condições clínicas e das crianças conforme frequência, média e o p-valor da média do indicador de Frequência de reações habilidosas e não habilidosas a partir do IMHSC-Del Prete, a partir do teste U de Mann-Whitney **34**

Tabela 02- Média e desvio padrão dos indicadores e tipos de reação do IMHSC-Del Prette comparadas às medidas da amostra em estudo **35**

Estudo II- Habilidades sociais em crianças de Belém: fatores contextuais e envolvimento parental escolar

Tabela 01- Variáveis sociodemográficas familiares e médias do indicador de Frequência de reação habilidosa e não habilidosas das crianças a partir do IMHSC-Del Prette **59**

Tabela 02 -Variáveis socioeconômicas familiares e médias do indicador de Frequência de reação habilidosa e não habilidosas das crianças a partir do IMHSC-Del Prette **61**

Tabela 03- Variáveis de envolvimento familiar nas atividades escolares e médias do indicador de Frequência de reação habilidosa e não habilidosas das crianças a partir do IMHSC-Del Prette **62**

Tabela 04- Comparação entre as médias da amostra de referência e a amostra em estudo para todas as subescalas, nos indicadores de dificuldade, frequência e adequação e reações em que foram avaliadas a partir do IMHSC-Del-Prette **63**

Estudo III- Estudo comparativo entre crianças avaliadas em suas habilidades sociais: características biopsicológicas e aspectos da vida escolar

Tabela 01- Interesse, atividades, características biopsicológicas, conforme cuidador da criança e médias de frequência de reações habilidosas e não habilidosas passiva e ativa a partir do IMHSC-Del Prette **89**

Tabela 02- Características escolares distribuídas conforme os grupos com menores e maiores médias de emissão de frequência de reações socialmente habilidosas segundo cuidador e professores **91**

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. Etapas do procedimento	33
FIGURA 2. Etapas da pesquisa	88

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	11
LISTA DE FIGURAS	12
RESUMO	9
ABSTRACT	10
APRESENTAÇÃO	14
ESTUDO I- Habilidades sociais infantis e características pessoais em escolares de Belém	
Resumo	20
Abstract	20
Introdução	21
Método	27
Resultados	33
Discussão	36
Considerações Finais	39
ESTUDO II- Habilidades sociais em crianças de Belém: fatores contextuais e envolvimento parental escolar	
Resumo	41
Abstract	41
Introdução	42
Método	51
Resultados	58
Discussão	64
Considerações Finais	67
ESTUDO III- Estudo comparativo entre crianças avaliadas em suas habilidades sociais: características biopsicológicas e aspectos da vida escolar	
Resumo	71
Abstract	71
Introdução	72
Método	85
Resultados	89
Discussão	92
Considerações Finais	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS	107
ANEXOS	120

Apresentação

O ser humano vive em constante relação com outras pessoas, situações, símbolos e objetos no convívio social. Estas interações têm início nos primeiros anos da infância, prolongam-se por toda a vida, tornando-se progressivamente mais complexas ao longo do tempo (Bronfenbrenner 1996, 2011). Em função disso, acabam por sofrer a ação de vários fatores pessoais e contextuais em um processo, contudo, de influência mútua.

No âmbito da psicologia, uma área que tem buscado conhecer como as formas de se relacionar socialmente podem interferir no desempenho das pessoas em suas atividades diárias, tanto acadêmicas como laborais, ou mesmo verificar quais seriam seus efeitos sobre a qualidade de vida do indivíduo, tem sido a pesquisa das habilidades sociais (Del Prette & Del Prette, 2010; 2011a).

Por Habilidade Social (HS) entende-se o repertório comportamental apresentado em situações que favorecem resultados positivos nas relações (Caballo, 1986/2012; Del Prette & Del Prette, 2005; Gresham, 2009). Dentre algumas classificações encontradas na literatura (Caballo, 1986/2012; Del Prette & Del Prette, 1996; Del Prette & Del Prette, 2005a), este trabalho está apoiado na classificação utilizada por Del Prette & Del Prette (2005a), estudiosos da área no Brasil, que se orienta pelas seguintes categorias propostas para a infância: a) Autocontrole e Expressividade emocional; b) Civilidade; c) Empatia; d) Assertividade; e) Fazer amizades; f) Solução de problemas interpessoais; g) e Habilidades sociais acadêmicas. Além disso, estes autores propõem classificações de reações não habilidosas passiva e não habilidosas ativa para expressar problemas internalizantes que se caracterizam por um controle excessivo de responder, manifestado por depressão, fobia social, ansiedade, e de problemas externalizantes, manifestados por comportamentos impulsivos e condutas agressivas. Além desses transtornos, citam comportamentos antissociais, como roubar ou mentir e

comportamentos opostos ou desafiantes (Del Prette & Del Prette, 2005; 2009a). As reações habilidosas são as que se expressam pela coerência entre os comportamentos abertos e encobertos no sentido de promover a adequação às demandas e que contribuem para a competência social (Del Prette & Del Prette, 2005).

Associado ao conceito de habilidades sociais está o que define competência social que, segundo Gresham (2009), trata-se de um termo de cunho avaliativo sobre o desempenho adequado ou não do indivíduo em uma determinada tarefa social por pessoas (ou grupos) com as quais este interage (escola, casa, comunidade). Assim, entende-se que as habilidades sociais estão intimamente ligadas aos contextos específicos em que são emitidas, bem como a competência social levada em conta em seu processo de avaliação. Este pressuposto leva à consideração de que o estudo das habilidades sociais deve ser contextualizado para melhor compreensão de sua presença ou déficit em amostras ou populações específicas.

A aquisição das habilidades sociais na vida do indivíduo acompanha o seu desenvolvimento social ao longo de sua vida, porém pode ser afetado positiva ou negativamente dependendo do ambiente e das situações em que são expostas. Desse modo, a família e a escola são dois contextos fundamentais para a aquisição e melhorias no repertório e desempenho das habilidades sociais ainda na infância, em virtude de serem espaços de interação social para novas experiências, assim como para o convívio com pessoas de diferentes idades e costumes (Del Prette & Del Prette, 2011a; Hammes, Crepaldi & Bigras, 2012).

Nesse sentido, estudos mostram que as habilidades sociais podem ser promovidas se o ambiente for favorável à sua aprendizagem e manutenção ou mesmo prejudicadas na sua aquisição (Del Prette & Del Prette, 2011b; Rasmussen, Becker, McLennan, Urichuk & Andrew, 2010; Reedtz, Handegard & Mørch, 2011),

especialmente em ambientes nos quais há vários fatores de risco para o desenvolvimento da criança (Rasmussen et al.,2010; Silveira, Silvaes & Marton, 2003;Wu, Selig & Roberts, 2011). Como exemplo, podem ser citadas práticas educativas parentais negativas (negligência, abuso físico e psicológico entre outros), baixa renda familiar, pais ou cuidadores que apresentem vícios em álcool ou outras drogas. A exposição da criança a um ambiente que lhe impõe algum tipo de risco interfere no seu desenvolvimento psicológico (Cooklin, Giallo & Rose, 2011; Del Prette & Del Prette, 2009), o que muitas vezes traz prejuízos escolares (dificuldades de aprendizagem, repetência), comportamentais (presença de agressividade, condutas antissociais), pessoais (baixa autoestima, autoconceito negativo) e psicopatológicos (presença de depressão, ansiedade).

A literatura sobre o tema também aponta que indivíduos com déficits em habilidades sociais expressam comportamentos antissociais ou agressivos, estabelecendo relacionamentos conflituosos, e, num outro extremo, aqueles com poucos amigos, inibidos, que ficam frequentemente sozinhos. Nos dois casos há a tendência das pessoas evitarem ou se afastarem desses indivíduos (Del Prette & Del Prette,2005a; Gresham, 2009), o que também contribui para desenvolverem prejuízos escolares, como dificuldades de aprendizagem e baixo desempenho escolar (Arslan, Durmusoglu-Saltali & Yilmaz, 2011; Ashdown & Bernard, 2012; Bandeira, Rocha, Souza, Del Prette & Del Prette, 2006a; Molina & Del Prette, 2006; Sabol & Pianta, 2011).

Diante das evidências de que são vários os prejuízos ao qual o déficit em habilidades sociais pode estar associado na trajetória de vida de uma criança (Hammes, et al.,2012), torna-se fundamental buscar alternativas que possam agir na promoção das habilidades sociais por meio de intervenções sistemáticas em escolas e na família. Esses programas de natureza interventiva têm sido norteados pela investigação prévia de suas

configurações nesses contextos, procurando conhecer a força com que determinadas variáveis ambientais agem sobre esses repertórios comportamentais, mas sem desconsiderar a importância das características das pessoas que estão em interação em cada um deles. Em razão disso, observa-se que vem sendo mais e mais importante a utilização de metodologias voltadas ao treinamento de habilidades sociais (Garaigordobil & Maganto, 2011; Molina & Del Prette, 2006) para que se consiga prevenir problemas futuros na qualidade das relações estabelecidas pela criança, seja consigo mesma, seja com os outros.

Por se ter clara a importância de se investigar os fatores pessoais e contextuais que concorrem para a configuração de habilidades sociais para o convívio do indivíduo com outros, esta proposta de pesquisa está fundamentada no modelo teórico Bioecologia do Desenvolvimento Humano (Bronfenbrenner, 2011). Com base nos quatro núcleos que estão em sua base teórica, denominados Pessoa-Processo-Contexto-Tempo, assume-se aqui a perspectiva de que a pesquisa do desenvolvimento humano deve considerar as características biopsicológicas da pessoa em foco, as relações que esta estabelece com ambiente no qual está inserida, as pessoas com as quais convive e a cultura que os envolve. Do mesmo modo, estudos (Dessen, 2007; Lisboa & Koller, 2004) orientados por este modelo teórico consideram importantes os elementos característicos dos contextos em que ocorrem essas relações, procurando conhecer como as condições ecológicas e processos que são subjacentes têm demonstrado serem capazes de influenciar a direção do desenvolvimento, considerando-se ainda a dimensão temporal que os envolve.

A natureza do contexto de pesquisa desta dissertação é o da população do norte do país, com foco em crianças da capital paraense, visto que ainda não é encontrado na literatura investigações sobre habilidades sociais que contemplem esta região. Estudos

de revisão sobre área de habilidades sociais tanto em periódicos (Bolsoni-Silva et al.,2006) quanto em capítulos de livros (Fumo, Manolio, Bello & Hayashi,2009) apontam para maior predominância de investigações principalmente na região sudeste e sul, com amostras principalmente de adultos, adolescentes e um aumento nos últimos anos nas de crianças. Evidencia-se assim a carência de pesquisas de habilidades sociais em escolares na região norte do país, já que se entende que o conhecimento sobre as habilidades sociais de crianças brasileiras será mais completo ao contemplar sua expressão em diferentes regiões geográficas e seus contextos específicos.

Dessa maneira, a averiguação dos fatores que favorecem ou dificultam a emergência das habilidades sociais nesta população e contexto, possui relevância teórica, tanto no que diz respeito à forma de abordar o tema, desta vez considerando-se as dimensões bioecológicas do desenvolvimento humano, quanto por ser um estudo inovador que poderá acrescentar elementos à compreensão do fenômeno em sua complexidade na caracterização de escolares da região Norte.Neste sentido, apresenta-se como uma proposta de estudo que possui relevância social na medida em que os conhecimentos gerados tornarão possível a definição de estratégias de intervenção capazes de promover habilidades sociais no contexto escolar pesquisado, além de poder contribuir para orientação de políticas e programas de intervenção dirigidos a essa população, investindo na prevenção de conflitos interpessoais entre escolares.

Diante do que foi apresentado e ao considerar que tanto fatores pessoais quanto contextuais podem estar associados ao desempenho de crianças e que, do ponto de vista bioecológico tonar-se difícil precisar a sobreposição entre eles, onde começa um e termina o outro, na medida em que atuam em interação, esta pesquisa está apresentada no formato de três artigos. O primeiro aborda a relação entre habilidades sociais em escolares com características da criança; o segundo contempla as relações entre fatores

contextuais familiares e habilidades sociais; enquanto o terceiro compara dois grupos de crianças que obtiveram maiores e menores médias de habilidades sociais e investiga a sua relação ao desempenho de variáveis pessoais e contextuais, abordando essa relação em uma perspectiva bioecológica.

ESTUDO I

Habilidades sociais infantis e características pessoais em escolares de Belém

Resumo

Este estudo avaliou habilidades sociais (HS) de 109 crianças escolares, e relacionou as médias que retratam o seu desempenho a variáveis pessoais. Os instrumentos utilizados foram Questionário de Caracterização da Criança (QCC) e o Inventário Multimídia de Habilidades Sociais de Crianças (IMHSC-Del Prette). Os resultados indicaram médias superiores na frequência de reações habilidosas ($M=1,44$) em relação as não habilidosas passiva ($M=0,68$) e ativa ($M=0,56$). Houve correlação positiva entre habilidades sociais e variáveis como idade ($p=0,0001$) e sexo ($p=0,0397$), o que indica aumento do repertório conforme o avançar dos anos, e que meninas apresentaram mais reações habilidosas que meninos. Não houve associações significativas entre habilidades sociais e condições clínicas ($p=0,5389$). Verifica-se que atributos pessoais podem interferir na presença e desempenho de repertório socialmente habilidoso, dependendo da idade e sexo da criança, estando sujeitos, contudo, aos efeitos da interação com seu ambiente imediato. Sugerem-se outras técnicas de avaliação que complementem os dados investigados e possibilitem intervenções futuras para amostras semelhantes.

Palavras-chave: Habilidades Sociais, desenvolvimento infantil, problemas de saúde

Children Social skills and personal features at Belém students

Abstract

This study has evaluated social abilities (SS) of 109 school children and has related the medias which portrait their development to personal variables. The instruments used are Questionnaire of Child Characterization (QCC) and Multimedia Inventory of Social Skills (IMHSC-Del Prette), written version. The results showed superior medias in the frequency of ability reactions ($m=1,44$) in relation to the non passive abilities ($M=0,68$) and active ($M=0,56$), pointing out precise repertory of social skills of children from this study. There was positive correlation between social skills and age ($p=0,000$) and the gender ($p=0,0397$) indicating that according to the raise of age, higher the repertory of social skills becomes, and females show more social skill than males. There were no significant associations between social skills and clinical conditions ($p=0,5389$). Personal attributes can interfere in the presence and development of social skills repertory, depending on the children's age and gender being, however linked to the effects of interaction with his immediate environment. Other evaluation techniques are suggested which complement investigated data and enable future interventions for similar samples.

Keywords: Social Skills, Child development, health problems

Introdução

As habilidades sociais compõem “uma classe de comportamentos que um indivíduo emite para completar com sucesso uma tarefa social” (Del Prette & Del Prette, 2009a, p.19). Dizem respeito à presença de um repertório comportamental que permite ao indivíduo ampliar a sua capacidade para resolução de problemas imediatos e minimizar outros futuros por meio da construção de relacionamentos saudáveis e produtivos com as demais pessoas (Caballo,1986 em Caballo,2012)

Dada à abrangência do termo, a literatura que trata das habilidades sociais e da importância da sua avaliação realça pelo menos três aspectos que devem ser considerados para sua definição conceitual e proposição de pesquisa. De acordo com Caballo (2012), o primeiro aspecto a ser considerado é a dimensão comportamental (tipo de habilidade, seja verbal, não verbal, mistos ou para-linguísticos); o segundo, conforme Caballo (2012) e Del Prette e Del Prette (2009a) é a dimensão pessoal (variáveis cognitivas que abrangem a percepção e a avaliação cognitiva que o indivíduo possui sobre situações, estímulos, acontecimentos momentâneos, e também sobre si mesmo); e o terceiro, destacados por estes mesmos autores, é a dimensão situacional (momento e contexto em que ocorre as habilidades sociais). Além desses três aspectos, Del Prette e Del Prette (2009a; 2011), acrescentaram a dimensão cultural, que equivale a normas e valores os quais influenciam os padrões de comportamentos aceitos ou reprovados em variados tipos de contextos, situações e interlocutores.

Esses e outros aspectos conceituais que marcam o estudo das habilidades sociais no Brasil (Del Prette & Del Prette,1996; Del Prette & Del Prette, 2005a; Del Prette & Del Prette, 2009b), e no mundo (Caballo,2012; Caballo, Irurtia & Salazar, 2009; Gresham, 2009; Olaz, 2009), têm permitido a realização de investigações as mais diversas. Destacam-se, em particular, aquelas que tiveram como propósito verificar os

fatores que concorrem para a prevalência de um repertório comportamental socialmente habilidoso ou que reduziram as chances de não alcançá-lo (Del Prette & Del Prette, 2011b; López-Soler et al.,2012; Rasmussen et al.,2010; Reedtz, Handegard & Mørch, 2011; Silveira, Silvares & Marton, 2003;Wu, Selig & Roberts, 2011), sugerindo, pelos resultados relatados, a existência de algum tipo de déficit de habilidade social a ser avaliado inclusive para fins de triagem e diagnóstico. A importância desse tipo de avaliação reside no fato de que esses problemas são entendidos hoje como importantes indicadores de um desenvolvimento comportamental e psicológico saudável, seja no campo da psicologia do desenvolvimento, seja na psicopatologia infantil.

Estudos publicados em periódicos internacionais têm avaliado habilidades sociais em pré-escolares e escolares e sua relação com outras medidas de comportamento, tais como nível de atenção, agressividade, empatia, capacidade de leitura, habilidades matemáticas (Arnold et al., 2012; Arslan, Durmusoglu-Saltali & Yilmaz, 2011; Welsh, Parke, Widaman & O'Neil,2001). Neles, verifica-se evidente associação entre o repertório de habilidades sociais e o melhor ajustamento social e acadêmico da criança.

Pesquisas nacionais também têm encontrado relações entre habilidades sociais e desempenho acadêmico, além de trazerem a discussão de eficácia de programas de treinamento de habilidades sociais para a redução de reações não habilidosas socialmente, com a evidente melhora nos relacionamentos interpessoais (Gonçalves & Murta,2008; Rodrigues, Dias & Freitas,2010) e associação com outros aspectos pessoais como autoconceito (Cia & Barham,2009a; Stevanato et al.,2003) e desenvolvimento atípico (Angélico, 2004; Rosin-Pinola, Del Prette & Del Prette, 2007). Estudos deste tipo podem ser norteadores de programas de prevenção do comportamento agressivo e de rejeição entre pares (Pavarino, Del Prette & Del Prette,2005), já que casos de

problemas de comportamento e de resolução de conflitos podem revelar-se muito precoces no contexto escolar, e são muitas vezes encaminhados para clínicas de psicologias (Moura, Marinho-Casanova, Meurer & Campana, 2008).

Em virtude da interferência que um repertório de habilidades sociais, avaliado como adequado, possui na vida da criança, admite-se neste estudo que algumas variáveis que representam atributos pessoais podem direcionar certos padrões de comportamento socialmente desejáveis. Entre as características individuais que têm sido mais associadas à presença de habilidades sociais adequadas estão variáveis presentes no perfil pessoal da criança como sexo (Ceconello & Koller, 2000; Fumo, 2009; Garaigordobil & Maganto, 2011; Valle e Garnica, 2009), idade (Bolsoni-Silva, Marturano & Freiria, 2010; Garaigordobil & Maganto, 2011; Sabol & Pianta, 2011; Welsh et al., 2001) e condições de saúde (Campos, 2010; Salomão Jr., 2008). Numa avaliação, estas características individuais são importantes por se considerar que podem atuar nos processos em interação com o ambiente ao longo da trajetória de desenvolvimento do indivíduo (Bronfenbrenner, 2011), podendo afetar os padrões de comportamento conforme o estágio que a criança se encontra. Ademais, tais características podem influenciar na manifestação de determinados padrões de classes de comportamento social, como demonstrado nos estudos apresentados a seguir.

A relação entre comportamentos sociais habilidosos e não habilidosos em crianças e adolescentes e a variável sexo como uma importante característica da pessoa, tem apontado a existência de desfechos os mais diversos na literatura revisada. Os estudos de Ceconello e Koller (2000), Fumo (2009), Garaigordobil e Maganto (2011) e, por exemplo, que investigaram habilidades sociais e competência social de crianças e adolescentes através de vários instrumentos, e indicaram que as meninas tendem a possuir mais comportamentos habilidosos (empatia, por exemplo) em comparação aos

meninos. Já o estudo de Valle e Garnica (2009), que comparou as habilidades sociais em grupos de alunos de duas escolas encontrou que a autoavaliação de habilidades sociais de crianças pré-escolares obteve maior frequência de comportamento habilidoso em meninos na escola 1, e na avaliação das professoras, esta medida esteve associada às crianças do sexo feminino, enquanto na escola 2, as meninas destacaram-se com mais comportamentos habilidosos que os meninos.

Considera-se que diferenças individuais podem concorrer de forma significativa para a manifestação de classes de habilidades sociais, pois fatores biológicos (taxas hormonais) e sociais (situações de risco para negligência, abuso físico e psicológico, como ameaças e humilhações, dos pais sobre filhos) podem pesar na explicação de eventuais diferenças encontradas em pesquisas de comparação entre os sexos na emissão e déficits de habilidades sociais (López-Soler et. al.,2012; Zahn-Waxler, Shirtcliff & Marceau, 2008).

Outro fator apontado pela literatura é a variável idade e o quanto conseguem explicar as variações no repertório social de crianças. Garaigordobil e Maganto (2011) apontaram, ao pesquisarem sobre presença de empatia em crianças e adolescentes, que esta se torna mais presente no início da adolescência não havendo diferenças na infância. Por sua vez, Bolsoni-Silva, Marturano e Freiria (2010), ao compararem crianças sem e com indicativos de problemas de comportamentos em dois momentos (5 e 10 anos), evidenciaram que foram observadas alterações significativas em seus repertórios sociais com o avanço da idade dos participantes. Os autores verificaram aumento da incidência de comportamento socialmente habilidoso no grupo de problemas de comportamento e diminuição no grupo designado socialmente habilidoso. Já sobre as medidas de problemas de comportamento, a média no primeiro grupo diminuiu e no segundo grupo houve aumento, o que, neste último caso, pode estar

associado ao contexto que as crianças vivenciaram ao longo de cinco anos, ou seja, a suas trajetórias desenvolvimentais pessoais diferenciadas, assim como diferenças no projeto pedagógico para o ensino na educação infantil e para o ensino fundamental, e viés nas avaliações dos professores. De todo modo, o estudo de Bolsoni-Silva, Marturano e Freiria (2010) e outros (Sabol & Pianta, 2011; Welsh et al.,2001), deixam claro que essas alterações captadas pelo aumento de repertório social longitudinalmente é algo esperado em termos desenvolvimentais biológicas e psicológicas quando considerada a idade cronológica da criança. As crianças passam a se ver de forma mais independente conforme a idade avança e recorrem menos a ajuda de adultos para resolução de conflitos, bem como tornam-se mais amadurecidas emocionalmente com o passar do tempo (Bee, 2003; Cecconello & Koller,2000; Pavarino, Del Prette & Del Prette,2000).

Outro aspecto associado a variáveis que aumentam a probabilidade de o indivíduo apresentar em seu repertório de comportamentos sociais inadequados, tem sido o estado de saúde. O estudo de Salomão Júnior et al. (2008), que se propôs avaliar variáveis associadas à competência social e à manifestação de transtornos comportamentais, assim como a frequência de problemas de comportamento em crianças com doenças crônicas (como asma, por exemplo), têm indicado frequente associação entre a presença de doença crônica e prejuízos nos níveis de competência social global, além da manifestação de transtornos comportamentais do tipo internalizante (ansiedade e depressão).

Campos (2010), ao comparar diferenças no repertório de habilidades sociais em adolescentes que apresentavam indicativos de depressão, identificou que os adolescentes do sexo feminino apresentavam déficit de habilidades sociais em várias áreas como empatia, autocontrole, civilidade, assertividade, desenvoltura social e

abordagem afetiva, enquanto os do sexo masculino apresentavam um repertório socialmente habilidoso nas áreas de assertividade, empatia e autocontrole e abordagem afetiva. Percebe-se que o repertório de habilidades sociais também pode variar em pessoas com condições clínicas, conforme outras variáveis, como o gênero neste caso.

Entende-se, assim, que déficits em habilidades sociais podem se manifestar e até variar em razão da presença de condições clínicas específicas (ser portador de doenças crônicas como a asma, ou depressão, por exemplo). Em outras palavras, os déficits em habilidades sociais podem ser explicados por eventos múltiplos, ora decorrentes de disposições biológicas, ora da interação entre o organismo com o ambiente, o que significa dizer que dependendo das particulares da doença e da maneira como é enfrentada pelo paciente, várias áreas da sua condição psicossocial tendem a ser afetadas, incluindo, no caso de crianças e adolescentes, o relacionamento social e a vida escolar (Pílger & Abreu, 2007; Silva, 2001; Solé, Naspitz & Silva, 2000).

Aspectos não relacionados diretamente à ocorrência de doenças, mas que permeiam as condições de funcionamento do organismo têm reflexos evidentes na manifestação de comportamentos agressivos entre as crianças. Por exemplo, estudos mostram que crianças sem perfil clínico por terem sido expostas a fatores também influentes e nocivos nessa fase da vida, podem sofrer alterações importantes na aquisição de suas habilidades sociais alteradas. Ou seja, os resultados de vários estudos (Rasmussen et al., 2010; Wu, Selig & Roberts, 2011), e a revisão da literatura de Mendes et al. (2009) sobre fatores associados a comportamento agressivo, sugerem que para avaliação do padrão das habilidades sociais desenvolvido pela criança deve ser considerado o fato de ela ter sido ou não exposta desde a gestação a fatores de risco biológicos e genéticos (baixa expressão do gene monoaminaoxidase e do gene transportador de serotonina, variações nos genes transportador e receptor de

dopamina), a substâncias tóxicas durante o desenvolvimento intrauterino (tabaco, álcool e cocaína) e a aspectos nutricionais severos (desnutrição infantil).

A partir da breve literatura apresentada e da importância da avaliação de habilidades sociais na infância como forma de identificar déficits e gerar estratégias de promoção de repertório social adequados em escolares, o objetivo do presente estudo pode ser assim descrito: relacionar a frequência da emissão de reação socialmente habilidosa a variáveis da criança (sexo, idade e condições clínicas).

Método

Delineamento e tipo de estudo

Este estudo é descritivo exploratório e de caráter correlacional.

Contexto da pesquisa

Esta pesquisa foi realizada em uma instituição pública filantrópica conveniada ao Governo do Estado do Pará, que atende crianças da pré-escola ao quinto ano do Ensino Fundamental. A escola funciona em dois turnos, pela manhã de 07h30 às 11h30, e pela tarde das 14h às 17h30. No ano de 2013, a instituição atendeu cerca de 300 crianças de quatro a doze anos, sendo que os alunos de quatro e cinco anos estão vinculados à creche e os de seis a doze anos à escola.

Neste estudo, a amostra de crianças avaliada era proveniente em sua maioria de bairros localizados no entorno da escola (Curió-Utinga, Souza e Marambaia). Trata-se de um contexto ecológico que possui características geográficas, sociodemográficas e socioeconômicas próprias, condizentes com descrição de bairros situados em áreas da periferia da cidade, onde geralmente predominam crianças em situação de risco social, que vivem em famílias, cuja renda em sua maioria é de até dois salários mínimos e que têm como cuidador principal a mãe ou a avó.

A instituição possui 41 funcionários (técnicos, professores, administrativo e serviço geral), e, em termos espaciais, conta com 11 salas, dois dormitórios, um refeitório, um pátio, dois banheiros (um masculino e um feminino), um parquinho, uma sala de coordenação, uma secretaria e uma biblioteca.

Participantes

Participaram deste estudo 109 crianças e adolescentes com idades entre 6 a 12 anos ($M = 8,75$; $DP = 1,35$), que cursavam do 2º ao 5º ano do ensino fundamental. Também tomaram parte do estudo 100 cuidadores das crianças participantes, já que 9 destes eram cuidadores de mais de uma criança que compunham a amostra. Os cuidadores que concordaram em participar e autorizaram a dos filhos na pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo F). Os critérios de exclusão abrangeram crianças cujos responsáveis não permitiram sua participação na pesquisa, e que apresentassem mais de 12 anos de idade. A seleção das crianças participantes foi sorteio a partir da lista dos nomes dos alunos por série e turma disponibilizados pela coordenação técnica pedagógica da escola. Foram selecionados de 218 crianças, 109, sendo $n=23$ (2º ano), $n=30$ (3º ano), $n=27$ (4º ano) e $n=29$ (5º ano). A seleção foi aleatória sem controle de variáveis como sexo, por exemplo.

Ambiente

A coleta de dados foi realizada em três ambientes da escola: sala de coordenação, biblioteca e dormitórios. A sala da coordenação é o espaço destinado ao armazenamento de parte do material utilizado pela equipe técnica e por algumas professoras e foi disponibilizado pela direção da escola para realização das entrevistas individuais com os cuidadores. Contudo, quando o uso da sala não podia acontecer no turno requerido, as entrevistas eram realizadas em um dos dormitórios. No período da tarde, quando essa sala se encontrava ocupada, as entrevistas com os cuidadores eram

realizadas no espaço da biblioteca. Por outro lado, a coleta com as crianças durante os dois turnos, como necessitava de um espaço mais isolado, com menor interferência de ruídos ou outras distrações, aconteceu no espaço do dormitório feminino, onde havia cadeiras e mesa adequadas para as crianças. O dormitório media 5,53m de largura x 7,41m de comprimento x 2,82m de altura. O espaço possuía cinco janelas de madeira que no momento da aplicação eram fechadas e isolavam os barulhos externos e a visão para o lado de fora, e, em um canto da sala, ficavam empilhados os colchonetes que eram distribuídos pelo chão para o uso das crianças da creche logo após o almoço. A aplicação com cada um dos professores ocorreu em sala de aula nos intervalos das aulas.

Instrumentos e materiais

Os instrumentos utilizados foram:

- Questionário de Caracterização da criança (QCC) (Anexo A): Para esta pesquisa foi elaborado um questionário de caracterização da criança baseado no Questionário de Caracterização do Sistema Familiar versão-pais ou responsáveis desenvolvido por Dessen (2009), assim como do Roteiro de Entrevista com Pais elaborado por Angélico (2004), voltado para avaliação de habilidades sociais de crianças com Síndrome de *Down*. Para a adaptação do primeiro instrumento foram condensadas questões referentes à identificação da criança e dados sociodemográficos, enquanto, no segundo, algumas questões aproveitadas e reelaboradas pertenciam ao item Relacionamentos. Além dessas adaptações, a elaboração da versão a ser aplicada com as crianças da escola contemplaram também sugestões sobre aspectos escolares apresentadas por membros do grupo de pesquisa Escola com Contexto de Desenvolvimento, que integra o Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento da

Universidade Federal do Pará (LED/UFPa), do qual a pesquisadora é integrante. Ao final, o questionário foi organizado em torno de seis tópicos: I- Dados pessoais (10 itens); II- Composição e estrutura familiar (11 itens e um quadro que solicita dados de idade, sexo, renda, parentesco com a criança, escolaridade e atividade profissional de cada membro da pessoa que mora na mesma habitação da criança participante); III- Escola (8 itens, sendo um quadro sobre eventos da vida escolar ocorridos com a criança); IV- Interesses e Rotina (10 perguntas abertas). O questionário foi respondido pelo responsável da criança e conduzido pela pesquisadora. Para este estudo foram analisadas e discutidas as questões referentes aos dados pessoais referentes ao sexo, idade, condições clínicas de saúde e de tratamento de saúde.

- Inventário Multimídia de Avaliação de Habilidades Sociais de Crianças-versão impressa (IMHSC-Del Prette) (Anexo B): Este instrumento foi elaborado por Del Prette & Del Prette (2005) para a avaliação da emissão de habilidades sociais por parte das crianças quanto a aspectos de frequência, dificuldade, adequação. Além disso, contempla a versão professor para avaliação das habilidades sociais de cada criança, adequação e importância para o sucesso escolar, porém não foi utilizado neste estudo. É composto por um caderno de pranchas que apresenta 21 situações e três formas de reação (não habilidosa passiva, habilidosa e não habilidosa ativa) para cada situação na forma de imagens digitalizadas. Por meio delas, a criança deve indicar a frequência, adequação e dificuldades em emitir cada reação nas fichas correspondentes. Conforme o manual que orienta a sua aplicação, trata-se de um instrumento de autoavaliação do aluno que cursa o ensino fundamental (2º ao 5º ano) e avaliação do professor, com 21 itens que abordam o cotidiano da criança no contexto escolar e em outras situações de relacionamento com outras crianças e adultos. Os itens estão agrupados em quatro subescalas: Empatia e civilidade (itens 06, 10, 13, 14, 16, 18, 19, 21); Assertividade de

enfrentamento (itens 03, 05, 11, 17, 20); Autocontrole (itens 02, 07, 09, 15); e Participação (itens 01, 08, 13); e mais dois itens que não se enquadram nessas subescalas, sendo agrupados e denominados de “Não-Fatores” (04,12).

Este instrumento de avaliação foi padronizado tendo como um grupo amostral de 853 crianças de ambos os sexos na faixa etária de 7 a 12 anos, de escolas públicas de uma cidade do estado de São Paulo. A consistência interna aferida através do Alpha de Cronbach foi de 0,6413 para frequência e de 0,6890 para dificuldade; correlação positiva e significativa ($p < 0,01$) entre os itens e escores de dificuldade e frequência e nos escores de teste e reteste; estrutura fatorial com três fatores com coeficientes alfa variando de 0,7241 a 0,3058 nos três fatores de frequência e 0,7054 a 0,2160 nos quatro fatores de dificuldade; reações habilidosas indicadas como mais adequadas que as não habilidosas e, nestas últimas, as passivas consideradas como mais adequadas em relação às ativas; correlação positiva e significativa entre a autoavaliação e a avaliação por professores em vários indicadores e reações; indicadores de validade concorrente na comparação entre crianças com e sem dificuldades de aprendizagem e com diferentes padrões de desempenho social. Além disso, é possível comparar o resultado de qualquer criança com os da amostra de referência através dos intervalos médios do escore total e escores de cada fator.

Os materiais utilizados foram:

- Ficha de autoavaliação C (Avaliação de Frequência, Dificuldade e Adequação): Esta ficha possui cabeçalho para preencher informações sobre a criança (nome, idade, sexo, série, número de reprovações, presença de dificuldade de aprendizagem e problemas de comportamento, condições clínicas de saúde, entre outras que não foram utilizadas neste estudo), e data de aplicação além de uma planilha com 21

linhas e colunas para serem preenchidas a frequência, a adequação e a que a criança atribui a cada uma das reações, e dificuldade que sente na emissão de reações habilidosas.

- Cartões de Siglas das Escalas: Apresenta os nomes e siglas das escalas utilizadas no IMSHC-Del Prette (Frequência- ‘S’ de sempre, ‘V’ de às vezes, e ‘N’ de nunca; Adequação- ‘C’ de certo, ‘M’ de mais ou menos, e ‘E’ de errado; Dificuldade- ‘M’ de muita, ‘P’ de pouca, e ‘N’ de nenhuma), para facilitar que as crianças lembrassem das letras que deveriam preencher na ficha C.
- Caderno de Pranchas da versão impressa do Inventário de Habilidades Sociais: Apresenta 21 situações e as três reações interpessoais ilustradas com as imagens digitalizadas extraídas do vídeo usado no CD-ROM.
- Lápis e borracha

Procedimento

Os passos dados para a execução da pesquisa foram os seguintes, conforme a

Figura 1:

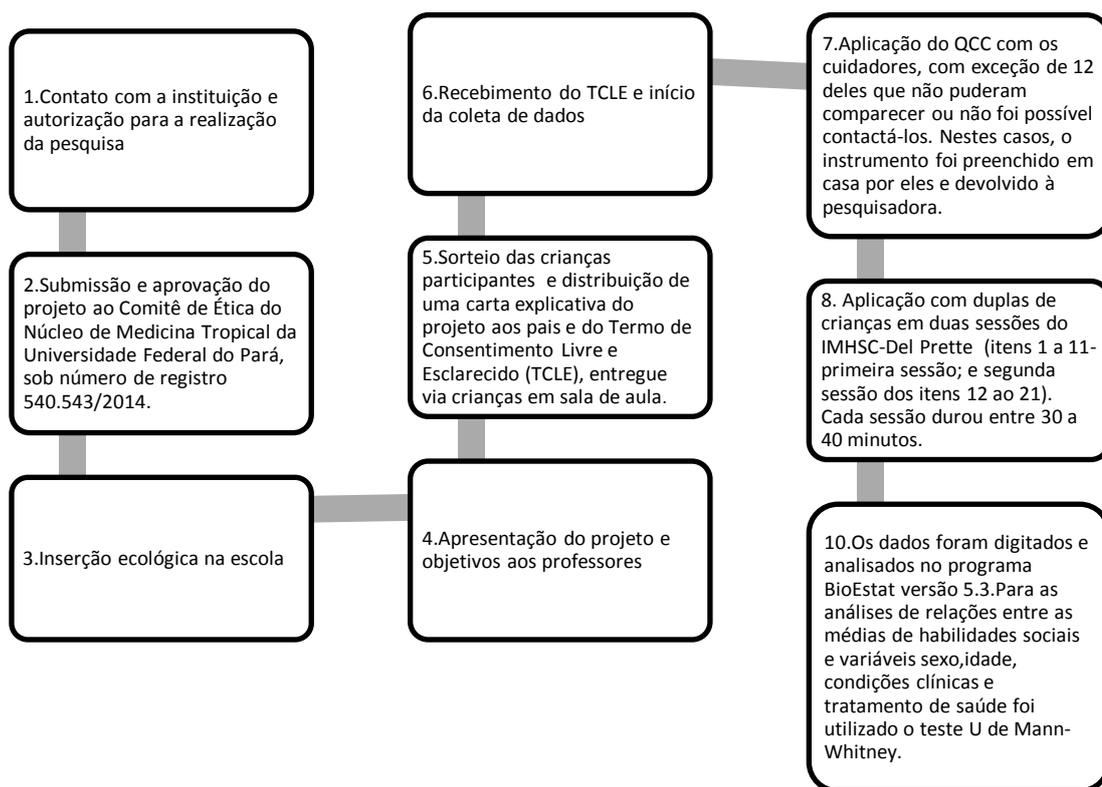


Figura 1. Etapas do procedimento

Resultados

Os resultados deste estudo que teve o objetivo de relacionar as habilidades sociais de crianças escolares e suas características pessoais. A tabela 1 apresenta a distribuição das frequências para categorias das variáveis biosociodemográficas e as médias das reações habilidosas, não habilidosas passiva e ativa, conforme cada variável.

Tabela 1. Comparação das características biociodemográficas, e condições clínicas e das crianças conforme frequência, média e o p-valor da média do indicador de Frequência de reações habilidosas e não habilidosas a partir do IMHSC-Del Prete, a partir do teste U de Mann-Whitney

	Variáveis	Categorias	Frequência (%)	HAB	NHAB Passiva	NHAB Ativa
Características biosociodemográficas	Sexo	Masculino	57 (52,3)	1,37	0,61	0,18
		Feminino	52 (47,7)	1,48	0,64	0,16
		p-valor		0.0397*	0.4128	0.6888
	Idade	6-8	50(45,8)	1,32	0,64	0,18
		9-12	59(54,1)	1,53	0,61	0,18
	p-valor		0.0001*	0.4895	0.9754	
Condições clínicas	Presença de condições clínicas específicas	Não	89 (81,7)	1,42	0,62	0,17
		Sim	20 (18,3)	1,45	0,59	0,18
		p-valor		0.5389	0.7305	0.7781
	Tratamento de saúde	Não	97 (89)	1,42	0,61	0,16
		Sim	12(11)	1,50	0,63	0,23
	p-valor		0.3140	0.8163	0.1347	

Os dados apresentados na Tabela 1 indicam que houve maior média de reações habilidosas entre crianças do sexo feminino, com idade entre 9 e 12 anos que apresentavam alguma condição clínica de saúde específica e realizava tratamento de saúde. As médias de reações não habilidosas passivas foram maiores nos escolares com perfil semelhante ao mencionado, com exceção de crianças na idade entre 6 a 8 anos e que não possuíam certa condição clínica. Já as médias elevadas de reações não habilidosas ativas foram encontradas de forma mais frequente entre participantes do sexo masculino, e que apresentavam condições clínicas de saúde específicas. O resultado do teste U de Mann-Whitney para verificar diferenças estatísticas entre os grupos as variáveis sexo, idade, condições clínicas (dislexia, albinismo, asma, alergia, problemas na fala, epilepsia, rinite, otite, sendo apenas doze realizavam acompanhamento clínico) e tratamento de saúde em relação às reações habilidosas e não habilidosas passiva e ativa, apontou diferenças significativa apenas entre frequência de reações habilidosas e as variáveis sexo e idade, sendo o sexo feminino apresentando mais reações habilidosas assim como crianças na faixa etária de 9 a 12 anos.

Foi realizado o teste de correlação de Pearson para verificar a existência de associação entre idade e as reações habilidosas e não habilidosas. O teste não indicou correlações entre idade e reações não habilidosas passiva ($p=0.9465$) e não habilidosa ativa ($p=0.8431$), porém foi encontrado correlação positiva e significativa, entre reações habilidosas e idade indicando que as habilidades sociais das crianças aumentaram conforme a idade ($p=0.0001$), sendo que a partir de 9 anos a amostra passa a apresentar as reações habilidosas com mais frequência. Ou seja, o repertório de habilidades sociais tornou-se mais amplo à medida que a idade das crianças aumenta.

Os resultados gerais da avaliação de habilidades sociais da amostra conforme os tipos de reação e indicadores estão dispostos na Tabela 2 a seguir:

Tabela 2. Média e desvio padrão dos indicadores e tipos de reação do IMHSC-Del Prette comparadas às medidas da amostra em estudo

Reações	Indicadores	Média de Referência (Desvio Padrão)	Média da amostra (Desvio Padrão)
Socialmente Habilidosa	Dificuldade	0,71(0,28)	0,40(0,68)
	Frequência	1,44(0,23)	1,43(0,69)
	Adequação	1,03(0,66)	1,71(0,61)
Não habilidosa Passiva	Frequência	0,68(0,26)	0,62(0,73)
	Adequação	0,37(0,35)	0,80(0,83)
Não habilidosa Ativa	Frequência	0,56(0,21)	0,17(0,47)
	Adequação	0,65(0,48)	0,18(0,52)

Sobre resultados do IMHSC-Del Prette, verifica-se, na Tabela 2, comparada às médias de referência, as médias dos indicadores de Dificuldade e Frequência foram inferiores em todas as reações, e o indicador de Adequação foi superior nas reações habilidosas e não habilidosa passiva. Isto indica as crianças da amostra apresentam menos frequentemente reações não habilidosas que as da amostra de referência do instrumento, acho menos difícil emitir reação habilidosa e consideram como mais adequado reagir de forma habilidosa e não habilidosa passiva.

Discussão

Este artigo se propôs avaliar as habilidades sociais de crianças e verificar possíveis relações com características pessoais, tais como idade, sexo, condições clínicas e tratamento de saúde.

Destaca-se que foram encontradas diferenças significativas em relação ao sexo para reações habilidosas, o que confirma os achados de Cecconello e Koller (2000), Garaigordobil e Maganto (2011) e parcialmente os de Valle & Garnica (2009), por apontarem que meninas apresentaram em geral um repertório comportamental social mais habilidoso que os meninos. Estes dados apontam ainda para a necessária observação de variáveis de caráter situacional, uma vez que oferecem elementos importantes para se compreender determinados padrões de habilidades sociais encontrados de forma mais frequente entre meninos ou meninas. É possível que tais diferenças possam ser melhores explicadas quando apoiadas na forma diferenciada entre de crianças do sexo masculino e feminino lidarem com as demandas do ambiente (Caballo,2012; Del Prette & Del Prette,2009a).

Os resultados também confirmaram dados da literatura que defendem o pressuposto de que com o avançar da idade das crianças ocorre um aumento no repertório de habilidades sociais, no caso da amostra pesquisada, a partir de nove anos de idade (Bolsoni-Silva, Marturano e Freiria, 2010; Garaigordobil & Maganto, 2011). Essa tendência tem sido explicada em razão do esperado crescimento e amadurecimento da criança com o passar do tempo, já que com o aumento da idade, crescem as experiências vividas pela criança em razão da sua inserção em novos contextos e grupos de convívio, o que traz demandas variadas de atuação no meio e uma maior diversificação das relações interpessoais, tendo como consequência inéditas

oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento do repertório de habilidades sociais (Bee, 2003; Cecconello & Koller, 2000; Pavarino, Del Prette & Del Prette, 2005).

No que se referem às variáveis clínicas específicas e de tratamento de saúde não foram encontradas diferenças significativas em relação à média de reações habilidosas e não habilidosas. A literatura aponta que algumas doenças às vezes limitam a execução de tarefas escolares e atividades esportivas, interferindo, por exemplo, no desempenho escolar e na socialização (Mendes et al., 2009; Salomão Júnior et al., 2008), além de prejuízos socioemocionais relativos à autoestima (Silva, 2001). Pode-se pensar que a presença de condições clínicas apresentadas por algumas das crianças deste estudo talvez não interferissem de forma proeminente na dinâmica do cotidiano da criança e suas relações interpessoais, como há relatos semelhantes na literatura da área (Pilger & Abreu, 2007; Silva, 2001; Solé, Naspitz & Silva, 2000). Esta hipótese remete às informações adicionais registradas durante a aplicação do QCC com os cuidadores, indicando que estas condições não traziam qualquer indício de prejuízo relacional que pudesse estar associado especificamente à condição de saúde do filho, entretanto, para entender melhor como se comportam as relações entre saúde e habilidades sociais novas pesquisas devem ser realizadas com controle de outras variáveis, como por exemplo as limitações da doença tanto orgânica quanto social, e o tempo de tratamento e até considerar problemas de comportamento enquanto grupo clínico, o que poderia gerar outras análises quando relacionado a habilidades sociais.

Em resumo, tais resultados podem sugerir que o perfil do desempenho das habilidades sociais da amostra deste estudo está associado da forma esperada a características pessoais (Angélico, 2004; Cia & Barham, 2009a; Rosin-Pinola, Del Prette & Del Prette, 2007; Stevanato et al., 2003; Zahn-Waxler, Shirtcliff & Marceau, 2008), e que o padrão de relacionamento interpessoal está de acordo com o que tem sido

apontado na literatura em estudos realizados com populações semelhantes (Arnold et al., 2012; Arslan, Durmusoglu-Saltali & Yilmaz, 2011; Garaigordobil & Maganto, 2011; Welsh et al., 2001), especialmente os que envolveram crianças brasileiras (Bolsoni-Silva, Marturano & Freiria, 2010; Cecconello & Koller, 2000; Salomão Júnior et al., 2008), ainda que em outras regiões do país (Sudeste e Sul).

No que diz respeito aos resultados de habilidades sociais nos indicadores de Frequência, aferiu-se que as crianças emitiram com mais frequência reações socialmente habilidosas, depois as não habilidosas passivas e por último as consideradas não habilidosas ativa. Em relação ao indicador de Adequação, averiguou-se que as crianças conseguiram discernir respostas adequadas e não adequadas para os três tipos de reação, tendendo a achar mais certo as respostas habilidosas, em segundo as reações não habilidosas passivas, e em terceiro, respostas não habilidosas ativas. O desempenho do indicador Dificuldade sugere que as crianças possuem alguma dificuldade de emissão das respostas socialmente habilidosas, apesar de abaixo da média, caracterizando um déficit de fluência na sua emissão.

Comparando-se os resultados obtidos com a população pesquisada e os valores de referência do IMHSC-Del Prette, observou-se que o repertório de habilidades sociais manteve-se acima da média. Este dado é importante, pois conforme a literatura, crianças com adequado repertório de habilidades sociais possuem menores chances de desenvolverem comportamentos antissociais ou de risco, como argumentam Moura et al. (2008) e Silveira, Silvares e Marton (2003). Considera-se que as variáveis pessoais estudadas ainda que tenham sido aqui apresentadas e discutidas de forma recortada, devem ser consideradas de forma contextualizada, isto é, como produto e produtora de interações do organismo com o ambiente em que vive. Portanto, cada variável que descreve uma característica pessoal da criança deve ter suas implicações para a

aquisição de habilidades sociais na sua trajetória desenvolvimental pensada de maneira particular. Mas isso não significa pensá-las de forma exclusiva. Ao contrário, tais variáveis pessoais precisam ser vistas em interação com outros fatores, como as normas e valores que permeiam os grupos com os quais as crianças interagem, posto que são esses processos proximais que direcionam o curso do desenvolvimento da criança, e neste sentido, o domínio das habilidades sociais (Bronfenbrenner,2011; Del Prette & Del Prette, 2009;2011).

Considerações Finais

Os resultados desta pesquisa corroboram os apontados na literatura sobre relações entre habilidades sociais e sexo e idade, porém não apresentaram associação significativa com outras variáveis pessoais como condição de saúde das crianças. Os resultados do IMHSC-Del Prette indicaram desempenho satisfatório das crianças avaliadas no repertório de reações habilidosas e não habilidosas, o que sugere a capacidade entre elas para lidar com demandas de interação com outras crianças e adultos.

Diante dos resultados apresentados do desempenho das habilidades sociais e sua relação com variáveis pessoais das crianças, nota-se que a interação que ocorre entre as características investigadas e seu desempenho social pode variar conforme características particulares da pessoa. Ao mesmo tempo, estas considerações deixam claro que tais variáveis reproduzem elementos do contexto imediato em que convivem e interagem (Bronfenbrenner,2011) e que o padrão dessa interação pode direcionar o curso do desenvolvimento do indivíduo, particularmente no que se refere às habilidades sociais.

Talvez, por isso, uma limitação deste estudo seja justamente o fato de as habilidades sociais terem sido avaliadas apenas a partir da versão da autoavaliação das

crianças, pois apesar de ser vantajoso por acessar direto o próprio participante, pode refletir respostas socialmente aceitas e não o desempenho real que a criança teria (Del Prette & Del Prette, 2005). Além disso, apenas uma forma de avaliação é restrita ao que o instrumento fornece, e portanto, as situações apresentadas não contemplam as mais diversas reações e experiências pelas quais a criança continuamente passa, uma vez que alguns escolares durante a aplicação falaram espontaneamente de outras reações habilidosas e não habilidosas que teriam diante das situações apresentadas como por exemplo, pedir ajuda para própria professora ao invés de pedir ao colega como é apresentado no instrumento. Outra limitação apontada é a falta de um instrumento que mesure especificamente problemas de comportamento que complementariam o quadro comportamental social das crianças avaliadas e geraria outras possibilidades de análise entre as variáveis, como por exemplo, avaliar problemas de saúde apenas em grupo clínico para problemas de comportamento.

Sugere-se, assim, a utilização de outros instrumentos e técnicas como a de observação para complementar o entendimento das relações criança-criança e criança-adulto, tanto em sala de aula quanto em situação livre. Acrescenta-se que novos estudos devem ser realizados para aprofundar peso de aspectos das condições clínicas da criança como restrições na rotina que a doença impõe, e estudos longitudinais em uma amostra que permita o acompanhamento da aquisição ou redução de habilidades sociais conforme o avançar da idade e sua relação com sua condição de gênero.

ESTUDO II

Habilidades sociais em crianças de Belém: fatores contextuais e envolvimento parental escolar

Resumo

Este estudo avaliou o repertório de habilidades sociais de escolares e sua relação com características contextuais familiares. Participaram 109 crianças de uma escola pública com média de idade de 8,75 ($DP=1,35$) e seus cuidadores. Foram utilizados o Questionário de Caracterização da Criança (QCC), Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB) e o Inventário Multimídia de Habilidades Sociais de Crianças-Del Prette (IMHSC-Del Prette). Os resultados sugerem que as médias dos indicadores de frequência das reações socialmente habilidosas de empatia e civilidade ($M=1,7$), assertividade ($M=1,32$), autocontrole ($M=1,09$) e participação ($M=1,57$) foram superiores às das reações não habilidosas passivas ($M=0,56$; $M=0,83$; $M=0,78$; $M=0,85$) e não habilidosas ativa ($M=0,29$; $M=0,57$; $M=0,77$; $M=0,65$), respectivamente. Não houve associação significativa entre as médias das crianças avaliadas como socialmente habilidosas e variáveis referentes ao envolvimento escolar dos cuidadores ($p>0,05$) assim como outras características socioeconômicas das famílias ($p>0,05$). O padrão relacional familiar similar da amostra pode ter atuado para estes resultados assim como a assistência social que a escola estende aos cuidadores. Outras investigações devem ser feitas para resultados mais conclusivos.

Palavras-chave: criança, família, habilidades sociais

Children Social Skills at Belém: contextual factors and school parents engagement

Abstract

This study has evaluated social skills repertory of students and its relation to contextual familiar features. 109 children from public schools that are 8,75 ($DP=1,35$) and their curators participated in this research, by which it was used the Child Characterization Questionnaire (QCC), the Brazilian economical classification criteria (CCEB) and the Multimedia of Social Skills Inventory of Children- Del Prette (IMHSC- Del Prette). Results suggest that frequency indicators medium of social abilities of empathy and civility ($M=1,7$), assertiveness ($M=1,32$), self control ($M=1,09$) and participation ($M=1,57$) were higher to reaction of non passive abilities ($M=0,56$; $M=0,83$; $M=0,78$; $M=0,85$) and non active abilities ($M=0,29$; $M=0,57$; $M=0,77$; $M=0,65$), respectively. There was no significant association between the medium of evaluated children as socially skills and variables referring to parents engaging ($p>0,05$) as well as social economic features of families ($p>0,05$). Homogeneity of sample can explain partially the results. Other investigations should be made to get more conclusions.

Keywords: child, family, social skills

Introdução

O desenvolvimento humano compreende mudanças nas características da pessoa que culminam em um processo de reorganização sistemático, mas que possui certa continuidade ao longo do tempo e no espaço. Entretanto, ainda que o indivíduo experimente um processo contínuo de amadurecimento do ponto de vista da bioecologia do desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 2011), a infância e os contextos de natureza familiar e escolar são apontados como estágio e ambientes fundamentais para aprendizagens diversas, inclusive das habilidades sociais (Del Prette & Del Prette, 2010). As experiências precoces podem influenciar decisivamente as etapas posteriores e até o curso de outras áreas do amadurecimento neuropsicomotor da criança (Del Prette & Del Prette, 2010; Hammes et al.,2012; Harden &Whittaker,2011;Marturano & Loureiro, 2007).

Por sua importância na trajetória de desenvolvimento do indivíduo desde os anos iniciais da infância (Pavarino, Del Prette & Del Prette, 2005; Valle & Garnica, 2009), as habilidades sociais têm sido estudadas como classes diferenciadas de comportamentos sociais (Del Prette & Del Prette, 2005) que compõem o repertório de crianças e adolescentes para lidar de forma competente com as demandas colocadas por diferentes situações interpessoais. Por exemplo, habilidades de comunicação, expressividade e desenvoltura nas interações sociais podem resultar em respeito, status no grupo, amizade, promovendo uma convivência interpessoal mais agradável (Del Prette & Del Prette,2009a). As habilidades sociais, portanto, facilitam o início e a manutenção de relacionamentos sociais positivos, contribuem para a aceitação por colegas e também resultam em ajustamento escolar satisfatório (Gresham, 2009).

As habilidades sociais possuem inquestionável importância na ampliação e diversificação do repertório comportamental da criança e do adolescente, na medida em

que estão associadas a aquisições desenvolvimentais importantes em classes de comportamento que envolvem autocontrole e expressividade emocional, empatia, assertividade, solução de problemas interpessoais (Del Prette & Del Prette, 2009a). Por isso, sua avaliação é realizada geralmente em conformidade com aspectos referentes à frequência de emissão dos comportamentos pesquisados (componentes verbais e não-verbais) e a forma como respondem pela funcionalidade do desempenho. Em outras palavras, a baixa frequência, a ausência e dificuldade em emitir uma habilidade social específica indicam a presença de alterações comportamentais importantes que, por sua vez, sugerem uma maior ou menor adequação do indivíduo frente às demandas e as consequências obtidas (Del Prette & Del Prette, 2005), tendo esse quadro implicações esperadas para o desenvolvimento desde os primeiros anos de vida. Entende-se que indivíduos socialmente menos habilidosos e com reduzida capacidade de responder às demandas têm maior probabilidade de apresentar déficit de desempenho, déficit de aquisição e déficit de fluência (Del Prette & Del Prette, 2009).

No contexto das habilidades sociais as classes comportamentais podem caracterizar por parte da criança e do adolescente: a) Reações não habilidosas passivas que podem ser aferidas através da frequência de comportamentos que denotam sentimentos de incômodo e mágoa, ou mesmo fuga ou esquiva diante da situação ao invés do seu enfrentamento; b) Reações não habilidosas ativas quando os comportamentos apresentam-se de forma aberta, ou seja, direcionados para o meio ambiente e pessoas, na forma de agressividade verbal ou física, ironia e coerção, comprometendo sua competência social; c) Reações habilidosas quando os comportamentos são adequados às demandas e favorecem uma relação interpessoal saudável (Del Prette & Del Prette, 2005).

Outro pressuposto importante a ser destacado no que diz respeito ao processo de desenvolvimento e execução de habilidades sociais é o de que as características específicas presentes em dado desempenho social dependem de três fatores: a) situacionais, ou seja, o contexto físico no qual a pessoa se comporta; b) pessoais, que incluem objetivos, sentimentos e avaliação do próprio repertório comportamental, relação com o outro e identificação de demandas do ambiente; c) e cultural, através das normas e valores que influenciam os padrões de comportamentos valorizados ou reprovados para variados tipos de contextos, situações e interlocutores. Esses três fatores podem afetar a forma, a efetividade do desempenho social, e a decisão do enfrentamento da situação interpessoal (Del Prette & Del Prette, 2009).

Estudos vêm mostrar-se geralmente significativa a correlação entre os padrões de habilidades sociais aferidos e variáveis contextuais associadas à família (Assis, Avanci & Oliveira, 2009; Bandeira, Rocha, Freitas, Del Prette & Del Prette 2006b; Coronel, Levin & Meajil, 2011) e o envolvimento parental com atividades escolares (Cia, Pamplim & Del Prette, 2006; Cia & Barham, 2009b; Foster et al., 2005; Roopnarine, Krishnakumar, Metindogan & Evans, 2006).

Essa posição de destaque que a família tem entre os contextos primários de desenvolvimento diz respeito ao fato de que esta se apresenta como um núcleo primordial no processo de socialização da criança, sendo o *locus* privilegiado para o estabelecimento das primeiras interações e onde geralmente tem início o seu processo de aprendizagem no convívio em grupo e na constituição das primeiras habilidades sociais (Del Prette & Del Prette, 2010). Nela, há estabelecimento de vínculos da criança com os seus integrantes, tornando possível com essa relação avanços no seu desenvolvimento socioemocional e na sua capacidade para lidar com demandas interpessoais que ocorrem nesse grupo de convívio. Mesmo que sejam quase inevitáveis

os conflitos que decorrem de um tipo de convívio social tão próximo e intenso da criança com adultos e seus pares, estudos mostram que a qualidade do meio ambiente familiar tende a contribuir de forma positiva para o desenvolvimento da criança, principalmente em idades específicas, pautando-se por experiências nela vivenciadas (Amar,2000; Harden & Whittaker, 2011; Santos & Marturano,1999).

Além desses aspectos relacionais familiares que podem se constituir em fatores de risco para o desenvolvimento geral da criança (Santos & Marturano, 1999), variáveis sociodemográficas podem também exercer influência sobre o repertório de habilidades sociais das crianças e competência social, tais como escolaridade dos cuidadores, classe socioeconômica, estado civil (Assis, Avanci & Oliveira, 2009; Bandeira et al.2006b; Coronel, Levin & Meajil,2011).

O estudo de Bandeira et al. (2006b) relacionou a escolaridade dos cuidadores e o nível socioeconômico da família com a frequência das habilidades sociais de 257 crianças, com idade média de oito anos investigadas por meio do Social Skills Rating System (SSRS) e os resultados apontaram que quanto mais elevado o nível de classe econômica e escolaridade dos cuidadores maiores os escores de habilidades sociais e a competência acadêmica dos escolares, e maior a importância atribuída por seus familiares às habilidades sociais para o desenvolvimento pessoal e escolar da criança.

Na mesma direção, Assis, Avanci e Oliveira (2009) identificaram alguns determinantes sociodemográficos para a competência social e problemas de comportamento de 479 escolares, entre seis e 13 anos de idade, e perceberam que condições sociais e econômicas muito precárias, como baixa escolaridade dos cuidadores, convívio em famílias monoparentais ou constituídas por madrasta/padrasto e a cor da pele da criança ser negra, são fatores que apresentaram implicações para a competência social deficitária e problemas de comportamento.

Com base em estudos da literatura (Assis, Avanci & Oliveira,2009; Bandeira et al.2006b; Coronel, Levin & Meajil, 2011) e ao se observar as características sociodemográficas que prevalecem na população que vive região Norte do país, em especial na cidade de Belém, onde, conforme o último censo realizado, 57.549 famílias sobrevivem com rendimento mensal de ½ a 1 salário mínimo, e 24.258 destas são compostas por mulher sem cônjuge e com filhos, presume-se que estejam postas condições ecológicas que podem gerar impacto negativo no desenvolvimento de crianças em presença destas condições. Além de ser expressivo o número de famílias consideradas de baixa renda e caracterizadas pela monoparentalidade, verifica-se que necessidades básicas de saúde, educação e alimentação não são supridas adequadamente. Neste caso, supõe-se que há chances desses aspectos serem reconhecidos como fatores de risco ao desenvolvimento, como quebra da coesão familiar, estabelecimento de vícios e desenvolvimento de comportamento antissociais das crianças e adolescentes, particularmente quando fatores de proteção como as redes de apoio social não conseguirem atuar e com isso atenuar os efeitos da exposição da criança a situações de privação (Amar,2000).

Ainda que em sua maioria os estudos apontem para correlação negativa entre variáveis sociodemográficas e habilidades sociais, é importante ressaltar que crianças de famílias com baixo nível socioeconômico podem apresentar repertório adequado de habilidades sociais, pelo menos em algumas áreas. É o caso do estudo realizado por Coronel, Levin e Meajil (2011), que compararam habilidades sociais de 283 adolescentes (11 e 12 anos) de acordo com sua condição socioeconômica (alta ou baixa) e utilizaram a Bateria de Socialização-BAS3, elaborada por Silva e Bartorell (1994). Seus resultados indicaram que o grupo de crianças com nível socioeconômico baixo apresentou desempenho maiores nas escalas de 'liderança', e 'ansiedade/timidez',

enquanto o grupo com alto nível socioeconômico obteve pontuações maiores em ‘autocontrole’, e ‘retraimento’. Por outro lado, a escala facilitadora de socialização “consideração com os demais” teve maior pontuação em ambos os grupos de nível socioeconômico diferente. Estas comparações evidenciaram nos adolescentes de ambos os níveis socioeconômicos a capacidade de sensibilidade social e preocupação com outras pessoas, principalmente diante de situações problemáticas. Em contrapartida, as escalas de ansiedade/timidez e retraimento indicaram o temor dos participantes face às relações sociais, isolamento e atitudes passivas, sugerindo que apesar das diferenças de níveis socioeconômicos, inadequações nos relacionamentos sociais foram observadas de modo semelhante entre os participantes com baixo e alto nível econômico, já que presença de ansiedade/timidez e retraimento pode prejudicar a aproximação espontânea de outros pares ou grupos.

Nota-se que apesar destas associações terem sido relatadas na literatura de modo mais comum, essas condições não podem ser entendidas como determinantes de déficits em habilidade sociais, mas como fatores associados. Ainda que fatores de risco estejam mais presentes em populações de baixo nível econômico (envolvendo renda e escolaridade, especialmente) a qualidade da relação mantida pela criança com o cuidador habitual (os cuidadores ou qualquer um deles, além de outro membro da família), pode ser considerada como fator de proteção para o desenvolvimento da criança (Amar, 2000; Valencia & López, 2012). Isso atenua os efeitos nocivos da privação material e outras formas de vulnerabilidade social para a aquisição e a ampliação de habilidades sociais importantes, como por exemplo, modelos de comportamento, valores e normas transmitidos, e atividades conjuntas realizadas entre os membros da família.

Um estudo que apoia esse argumento foi o realizado por Foster et al. (2005) que, por meio da avaliação de 325 famílias de baixo nível socioeconômico e expostas a fatores de risco sociais, encontrou que experiências de atividades em casa (como cantar, contar histórias, ler livros para crianças), com pelo menos um dos cuidadores, está relacionada com um adequado funcionamento social da criança e alfabetização emergente. Outro estudo que averiguou possível ligação entre relações cuidadores-escola e aspectos sociais de seus filhos é o de Roopnarine et al. (2006), que numa amostra de 70 crianças imigrantes caribenhas que residiam no Estados Unidos, encontrou que interação acadêmica e escolar entre pai e filho, e contato da mãe com a escola foram positivamente associados ao comportamento social das crianças.

Nesta mesma direção, Cia e Barham (2009b) pesquisaram as relações entre indicadores de envolvimento paterno e desenvolvimento social dos filhos em 97 pares formados por cuidadores e mães de crianças que frequentavam a 1ª ou 2ª série do ensino fundamental, e mais 20 professoras, utilizando Avaliação do Bem-Estar Pessoal e Familiar e do Relacionamento Pai-Filho (Versão Paterna), além do Social Skills Rating System (SSRS). Os resultados deste estudo indicaram habilidades sociais de acordo com a média de referência nos fatores cooperação ($M=11,5$), asserção positiva ($M=10,2$), desenvoltura social/iniciativa ($M=09,7$), assertividade de enfrentamento ($M=09,9$), civilidade ($M=07,1$) e autocontrole ($M=04,6$). Sobre a comunicação entre pai e filho e de participação do pai nas atividades escolares, culturais, de lazer e de cuidado do filho, quanto maior a frequência dos itens avaliados, mais adequado o repertório de habilidades sociais das crianças e menores indicadores de hiperatividade e de problemas de comportamento.

O estudo de Cia e Barham (2009b) realçou a importância do envolvimento positivo do pai para o desenvolvimento social de seus filhos, ainda que os autores

tenham deixado claro que não se trata de reconhecer apenas a figura paterna como importante, mas também a presença de mais de um cuidador se fez notar de forma positiva. Resultados semelhantes foram apontados por Cia, Pamplim e Del Prette (2006), que correlacionaram habilidades sociais e problemas de comportamento e participação cuidadores-filhos em uma amostra de 110 crianças da 4ª série do Ensino Fundamental. Para isso, foi utilizado o Questionário Qualidade da Interação Familiar na Visão dos Filhos (QIFVF), que avaliou a percepção dos filhos sobre a comunicação dos cuidadores e participação destes em suas vidas, e o Sistema Multimídia de Habilidades Sociais para Crianças, que pretendeu fazer um inventário do repertório social da criança (SMHSC-Del-Prette). Nos resultados referentes às habilidades sociais, as crianças apresentaram indicadores de ‘frequência’ e ‘adequação’ avaliados dentro da média (1,58 e 1,49, respectivamente), e abaixo desta medida no indicador de ‘dificuldade’ de emissão de reações socialmente habilidosas. Nas subescalas, os valores relativos à ‘assertividade’ e ‘enfrentamento’ estavam localizados todos acima da média, enquanto que os de ‘empatia e civilidade’, ‘autocontrole’ e ‘participação’, o desempenho alcançou a média quando comparado à amostra de referência. As relações entre os indicadores de envolvimento dos pais com os filhos estiveram correlacionadas positivamente com frequência e adequação das reações habilidosas das crianças. Por sua vez, o fator Comunicação mostrou-se positivamente associado com a frequência e adequação de reações habilidosas e negativamente correlacionado com a adequação de reações não habilidosas ativas. Assim, os autores concluíram que a forma como os pais se comunicam com os filhos e participam de suas atividades, se adequadas, trazem resultados benéficos para o desenvolvimento social da criança.

Diante destes resultados, conforme resultados de Cia, Pamplim e Del Prette (2006), Cia e Barham (2009b), Foster et al. (2005) e Roopnarine et al. (2006), a presença

de integração entre pais e filhos em atividades conjuntas e supervisionadas, no âmbito escolar, cultural e de lazer, favorecem melhores indicadores de desempenho social e menores problemas de comportamento. Logo, esses achados assim como os desta pesquisa permitem afirmar que mesmo em situações adversas, o vínculo e o envolvimento parental na vida dos filhos são importantes fatores de proteção para o desenvolvimento e manutenção de comportamentos adequados, o que favorece o sucesso escolar.

Além disso, a relação que os integrantes da família possuem com outros contextos de interação da criança pode direcionar positiva ou negativamente o seu desenvolvimento. Segundo Bronfenbrenner (1996), o desenvolvimento é dependente da relação existente entre os microssistemas família e escola no que concerne a divisão de papéis, atividades progressivamente mais complexas e objetivos comuns. Neste contexto, a família e a interação que esta estabelece com a escola constituem-se em fatores de proteção para o desenvolvimento da criança (Morais, Koller & Rafaelli, 2012) e a presença de integrantes da família estabelecer modelos de comportamento e crenças que sustentam um modo de viver mais positivo, e possibilidades de engajamento e atividades edificadoras como a aprendizagem escolar, ainda que em situações adversas, promovem comportamentos adequados e previnem problemas de comportamento (Amar,2000).

Desta maneira, considera-se que a família é um contexto fundamental a ser estudado e compreendido em sua organização e dinâmica, e que, por seu nível de importância nos anos iniciais da vida, e a sua contribuição para a aquisição de habilidades sociais, tem sido associada à promoção de comportamentos adequados, desempenho social competente e sucesso escolar da criança em desenvolvimento.

Este estudo procurou investigar se variáveis sociodemográficas e aspectos do envolvimento escolar dos cuidadores possuem associação com as médias que representam a frequência de reações socialmente habilidosas de crianças escolares. Por isso, os objetivos desta pesquisa foram: a) avaliar o repertório de habilidades sociais de crianças escolares (empatia e civilidade, assertividade de enfrentamento, participação, e autocontrole); b) relacionar as médias que descrevem a frequência de emissão das habilidades sociais com variáveis sociodemográficas (número de pessoas na família, cuidador principal, escolaridade, ocupação, estado civil) e socioeconômicas (renda, classe econômica, recebe benefício social) dos cuidadores; c) correlacionar habilidades sociais e variáveis de envolvimento escolar parental (leva e busca criança na escola, ajuda nos deveres escolares, participa de eventos e reuniões escolares) relacionadas ao acompanhamento dos cuidadores às atividades escolares.

Método

Delineamento e tipo de estudo

Este estudo é descritivo e apresenta caráter correlacional.

Contexto da pesquisa

O contexto desta pesquisa é composto pelas famílias das crianças participantes de uma escola localizada na cidade de Belém e apresenta em seu perfil características que se supõe ser predominante na maior parte das famílias que vivem na região Norte do Brasil, conforme o censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os dados do censo mais expressivos da população urbana belemense indicam que sua composição familiar é caracterizada por domicílios com até três pessoas, que apresentam renda *per capita* inferior a um salário mínimo. Ainda de acordo com os dados censitários, na caracterização dos domicílios predominam mulheres sem cônjuge

com filhos que atuam como responsável financeira. Em geral elas têm 25 anos ou mais, escolaridade ausente ou com fundamental incompleto, apresentam alguma ocupação economicamente ativa e, muitas vezes, coabitam com parentes na moradia. Outro aspecto importante é que essas famílias caracterizam-se pela presença numerosa de crianças e adolescentes na faixa etária de 10 a 14 anos de idade frequentando a escola.

A instituição escolar da qual faz parte a amostra é uma escola pública filantrópica, administrada por uma ordem religiosa católica. Por meio de convênio com o Governo do Estado do Pará, a instituição atende crianças de creche, pré-escola ao quinto ano do Ensino Fundamental, oriundas preferencialmente de famílias consideradas de nível socioeconômico baixo. A escola surgiu como uma resposta às necessidades cada vez maior da população que vive nos bairros vizinhos (Curió-Utinga, Souza e Marambaia), funcionando como suporte social às muitas famílias de baixo nível socioeconômico que vivem no seu entorno. Também em parceria com uma organização não governamental internacional desenvolve o projeto “OCA Curumim”, que mantém serviços de psicologia e serviço social, acompanhando aquelas crianças e famílias que apresentam maior risco social e pessoal por meio de visitas regulares em domicílio; orientações psicoterapêuticas e sociais para famílias em baixas condições socioeconômicas; oportunidades de cursos profissionalizantes para alguns de seus integrantes; e parceria em setores de assistência médica, educativa, social e profissionalizante.

Participantes

Os participantes deste estudo foram 109 crianças e 100 cuidadores que aceitaram tomar parte da realização da pesquisa. A idade das crianças variou de 6 a 8 anos, e adolescentes de 11 a 12 anos, com média de idade de 8,75 ($DP=1,35$), que cursavam do

2º ao 5º ano do ensino fundamental, sendo 57 do sexo masculino e 52 do feminino. Os responsáveis foram 87 mulheres de 18 a 67 anos ($M=36,5; DP=10,8$) e 13 homens de 20 a 51 anos de idade ($M=37,7; DP=8,22$). Os participantes foram selecionados por meio de sorteio a partir de uma lista atualizada com o nome de todos os 218 alunos matriculados por série e turma, disponibilizada pela coordenação pedagógica da escola. O único critério de inclusão na amostra da pesquisa foi associado à aceitação prévia do responsável através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo F), tanto para as crianças quanto aos responsáveis. O critério de exclusão para as crianças foi o de ter idade acima de 12 anos.

Ambiente

As dependências da escola que foram disponibilizadas para a coleta de dados foram a sala de coordenação, biblioteca e os dormitórios. A sala da coordenação foi cedida para as entrevistas individuais com os cuidadores, e quando seu uso era inviável, as entrevistas eram realizadas no dormitório masculino. No período da tarde, as entrevistas com os cuidadores ocorreram, principalmente no espaço da biblioteca que não era muito utilizada, e nos dormitórios. A coleta com as crianças ocorreu no dormitório feminino, pois era uma sala isolada, com poucos estímulos sonoros e visuais, favorável à coleta e possuía cadeiras e mesa adequadas para as crianças.

Instrumentos e materiais

Os instrumentos utilizados para coleta dos dados foram os seguintes:

- Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB) (Anexo D): Este instrumento estima o poder de compra das pessoas e famílias urbanas, com a divisão deste poder de compra definida em classes econômicas. Possui duas sessões referentes ao que a família possui em casa (televisão, carro, DVD, entre outros) e sua quantidade; além do item referente ao grau de escolaridade do chefe da família. Cada alternativa tem

uma pontuação específica e seu resultado define a classe econômica ao qual pertence a família participante que corresponde a uma estimativa média de renda salarial familiar, se Classe A1 (R\$12.926), A2 (R\$8.418), B1 (R\$4.418), B2 (R\$2.565), C1 (R\$1.541), C2 (R\$1.024), D (R\$714) ou E (R\$477). Este instrumento auxiliou nos casos em que houve *missing* de respostas em relação à renda familiar, quando o participante não soube informar ou não disponibilizou a informação.

- Inventário Multimídia de Avaliação de Habilidades Sociais de Crianças-versão impressa (IMHSC-Del Prette) (Anexo B): Este instrumento foi elaborado por Del Prette & Del Prette (2005) para a auto avaliação e avaliação do professor da emissão de habilidades sociais de crianças quanto a aspectos de frequência, dificuldade, adequação, sendo utilizado neste estudo apenas a auto avaliação (versão-criança). Os itens avaliados estão agrupados em quatro subescalas: ‘empatia e civilidade’ (itens 06, 10, 13, 14, 16, 18, 19, 21); ‘assertividade de enfrentamento’ (itens 03, 05, 11, 17, 20); ‘autocontrole’ (itens 02, 07, 09, 15); e ‘participação’ (itens 01, 08, 13); e mais dois itens que não se enquadram nessas subescalas, sendo agrupados e denominados de “não-Fatores” (04,12). A primeira subescala engloba habilidades de expressão de sentimentos positivos de companheirismo, solidariedade e polidez social; a segunda subescala são habilidades de afirmação e defesa de direitos e de autoestima; a terceira são habilidades que envolvem controle emocional frente a demandas que gerem frustração ou de reação negativa de colegas; e a quarta são habilidades de envolvimento e comprometimentos com o contexto social, mesmo que as situações do ambiente não lhe sejam dirigidas diretamente. Faz parte do instrumento um caderno de pranchas que apresenta 21 situações na forma de imagens digitalizadas e para cada situação, três formas de reação (não habilidosa passiva, habilidosa e não habilidosa ativa), em que a criança deve

sinalizar a frequência, adequação e dificuldades em emitir cada reação nas fichas correspondentes.

- Questionário de Caracterização da Criança (QCC) (Anexo A): Este questionário é composto por seis partes, cujos itens procuram levantar e reunir informações sobre os seguintes tópicos: I- Dados pessoais (10 itens); II- Composição e estrutura familiar (11 itens e um quadro que solicita dados de idade, sexo, renda, parentesco com a criança, escolaridade e atividade profissional de cada membro da pessoa que mora na mesma habitação da criança participante); III-Escola (8 itens, sendo um quadro sobre eventos da vida escolar ocorridos com a criança); IV- Interesses e Rotina (10 perguntas abertas). Para este estudo, foram utilizadas apenas as questões referentes aos dados pessoais, composição e estrutura da família, sobre envolvimento da família na rotina escolar da criança. A elaboração deste instrumento contou com a participação dos membros do grupo de pesquisa Escola com Contexto de Desenvolvimento, que integra o Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Pará (LED/UFPa), do qual a pesquisadora é integrante, foi baseado em questões do Questionário de Caracterização do Sistema Familiar versão-cuidadores ou responsáveis desenvolvido por Dessen (2009), e do Roteiro de Entrevista com Pais elaborado por Angélico (2004), para avaliação de habilidades sociais de crianças com Síndrome de *Down*.

Os materiais utilizados foram:

- Caderno de Pranchas da versão impressa do Inventário de Habilidades Sociais: Apresenta 21 situações e as três reações interpessoais ilustradas com as imagens digitalizadas extraídas do vídeo usado no CD-ROM.
- Lápis e borracha

- Fichas de autoavaliação C(Avaliação de Frequência, Dificuldade e Adequação) (Anexo C): Esta ficha possui cabeçalho para preencher informações da criança como sexo, idade, nome e data de aplicação, além de uma planilha com 21 linhas e colunas para serem preenchidas a frequência e a adequação que a criança atribui a cada uma das reações e, a dificuldade em emitir a reação habilidosa.
- Cartões de Siglas das Escalas: Apresenta os nomes e siglas das escalas utilizadas no IMSHC-Del Prette (Frequência- ‘S’ de sempre, ‘V’ de às vezes, e ‘N’ de nunca; Adequação- ‘C’ de certo, ‘M’ de mais ou menos, e ‘E’ de errado; Dificuldade- ‘M’ de muita, ‘P’ de pouca, e ‘N’ de nenhuma), para auxiliar o preenchimento das fichas C pelas crianças.

Procedimento

- Inicialmente a direção da escola foi contactada com o objetivo de se fazer uma explanação dos objetivos do projeto e após isso obter a autorização para a realização da pesquisa (Anexo G). Em seguida, o projeto foi submetido e aprovado no Comitê de Ética para Pesquisa com Seres Humanos do Núcleo de Medicina Tropical, do Instituto de Ciências da Saúde, da Universidade Federal do Pará sob o número de registro 540.543/2014. Após a aprovação, foi iniciado o período de inserção ecológica na escola para familiarização do ambiente e dinâmica escolar através de informações obtidas com a assistente social, técnicas pedagógicas e professoras; e definições dos espaços do ambiente para a realização da coleta com os cuidadores e crianças. Logo em seguida, a pesquisadora enviou aos responsáveis das crianças o material explicativo sobre o projeto (Anexo E) e junto o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

(TCLE) (Anexo F) para este ser devolvido assinado, caso concordassem com a participação sua e de seus filhos no estudo proposto. Este material foi entregue em sala de aula pela própria pesquisadora às crianças que foram selecionadas por meio de escolha aleatória (sorteio).

Após a devolução dos TCLE assinados, passou-se à aplicação do Questionário de Caracterização da Criança. O dia e o horário para a aplicação foram combinados através de ligação telefônica que a pesquisadora fez a cada um dos responsáveis. Ressalta-se que houve 12 cuidadores que a pesquisadora não conseguiu fazer contato via telefone nem durante sua visita à escola, e, para estes, o questionário foi enviado para serem respondidos e foram devolvidos à pesquisadora.

A aplicação do IMHSC-Del Prette-versão impressa para crianças ocorreu em duas sessões, sendo que a primeira sessão envolveu as situações retratadas nos itens de 1 a 11; e a segunda sessão dos itens referentes à situação 12 a 21. Esta etapa foi conduzida pela pesquisadora em sala cedida pela administração da escola, sendo a aplicação feita em dupla de participantes. As crianças tinham permissão da professora da série para se retirarem da sala e serem avaliadas. A pesquisadora seguiu as instruções do manual para explicar ao participante a atividade a ser realizada, apresentar o material da pesquisa, verificando através dos cartões de siglas quem já sabia ler e como se daria o preenchimento das fichas. Caso a pesquisadora percebesse que a criança não havia entendido, repetiam-se as instruções. Não foi necessário interromper ou realizar outra atividade, pois as crianças conseguiram desenvolver a aplicação sem problemas. As possíveis interferências entre as respostas das crianças foram minimizadas com falas da pesquisadora que sinalizavam para serem sinceras nas suas respostas e de forma independente, sem a colaboração ou a interferência dos colegas por meio de comentários do colega da dupla que por ventura acontecessem. A pesquisadora solicitou

que as crianças pudessem responder o questionário de forma independente, sem a Logo em seguida foi solicitado que as crianças que sabiam escrever preenchessem os dados pessoais (nome, idade e série) na ficha. Após o preenchimento, teve início a aplicação do IMHSC-Del Prette, versão impressa. Cada situação foi apresentada às crianças e, aquelas que já sabiam escrever, preencheram suas respostas na ficha entregue pela pesquisadora e, no caso daquelas que não sabiam escrever, a própria pesquisadora anotava suas respostas que eram ditas em voz alta. As sessões tiveram duração de aproximadamente 30 minutos.

Para as análises descritivas foram calculadas as frequências e porcentagens para cada grupo de variável e nas análises inferenciais foram realizados testes estatísticos (Teste t de Student, e ANOVA) para verificar o nível de dependência e associação entre as variáveis do contexto socioeconômico (renda, classe econômica, benefícios assistenciais) sociodemográfico familiar (escolaridade do cuidador, ocupação, número de pessoas que moram com a criança, cuidador principal, estado civil do cuidador) e de envolvimento escolar parental nas atividades das crianças e adolescentes (acompanha criança até a escola, participa de eventos e reuniões escolares, ajuda nas tarefas escolares) e do IMHSC-Del Prette, através do programa Bioestat,5.3).

Resultados

Este estudo teve o objetivo de avaliar a frequência de reações socialmente habilidosas e comparar as médias referentes à emissão de reações socialmente habilidosas de crianças escolares com, primeiramente, variáveis sociodemográficas da família (Tabela 1), socioeconômicas (Tabela 2), além do envolvimento escolar dos cuidadores (Tabela 3).

A tabela 1 apresenta as médias de reações habilidosas e não habilidosas conforme as variáveis sociodemográficas e o resultado do teste estatístico ANOVA em relação às medidas das reações Habilidosas.

Tabela 1. Variáveis sociodemográficas familiares e médias do indicador de Frequência de reação habilidosa e não habilidosas das crianças a partir do IMHSC-Del Prette

Variáveis	Categorias	Frequência (%)	Média HAB	Média NHAB Passiva	Média NHAB Ativa	p-valor HAB
Número de pessoas na família	Até 3 pessoas	52 (47,7)	1,46	0,61	0,17	0,837
	4 a 6 pessoas	50 (45,9)	1,38	0,62	0,17	
	Acima de 6 pessoas	7 (6,4)	1,56	0,64	0,17	
Ocupação	Desempregado	5 (4,6)	1,49	0,83	0,19	0,661
	Do lar	26 (23,9)	1,45	0,66	0,17	
	Empregado	62 (56,9)	1,41	0,57	0,16	
	Autônomo	14 (12,8)	1,41	0,63	0,19	
	Aposentado	1(0,9)	1,57	0,9	0,14	
	Sem informação	1(0,9)	1,48	0,81	0,05	
Escolaridade do cuidador	Sem estudo	2 (1,8)	1,59	0,64	0	0,5803
	Fundamental incompleto	21(19,3)	1,48	0,73	0,19	
	Fundamental completo	8(7,3)	1,29	0,64	0,31	
	Ensino médio incompleto	20(18,3)	1,43	0,55	0,14	
	Ensino médio completo	50(45,9)	1,41	0,59	0,18	
	Ensino superior	5(4,6)	1,50	0,52	0,06	
	Sem informação	3(2,8)	1,49	0,73	0,01	
Estado civil	Pais casados	49 (45)	1,35	0,58	0,13	0,201
	Pais separados	26(23,9)	1,53	0,68	0,22	
	Mãe solteira	10(9,2)	1,49	0,67	0,19	
	Recasados	11(10,1)	1,38	0,46	0,19	
	Outros (viuvez,abandono)	13(11,9)	1,50	0,73	0,17	
Cuidador principal	Mãe	65(59,63)	1,43	0,63	0,18	0,381
	Pai	6(5,5)	1,38	0,48	0,07	
	Pai e mãe	4(4,36)	1,39	0,52	0,06	
	Avó	19(17,43)	1,49	0,62	0,21	
	Tia	9(8,25)	1,37	0,71	0,20	
	Outro	6(5,5)	1,3	0,50	0,06	

Teste ANOVA com Teste *post hoc* Tukey

Os resultados da Tabela 1 indicam que não houve diferenças estatísticas entre as médias das reações habilidosas em relação às variáveis socioeconômicas e suas categorias correspondentes. Além disso, a tabela 1 indica que as características predominantes no perfil sociodemográfico das famílias das crianças avaliadas foram: a)

presença de até 3 pessoas morando juntas na residência; b) cuidadores empregados; c) escolaridade do cuidador ser ensino médio completo; d) cuidadores casados; e) e o cuidador principal da criança ser a mãe. As maiores médias de reações habilidosas foram encontradas em crianças que moravam com mais de 6 pessoas em casa, cujo seu cuidador principal não tinha ocupação, e quanto à escolaridade, variou de sem estudo até ensino superior. Ademais os cuidadores destas crianças eram separados e o cuidador principal a avó. Por outro lado, as maiores médias de reações não habilidosas foram encontradas em crianças cujos cuidadores possuíam ensino fundamental incompleto e completo, família monoparental (cuidadores separados ou viúvos), e o cuidador principal ser a avó ou tia.

A Tabela 2 apresenta os resultados das médias das reações habilidosas e não habilidosas e o resultado do teste em relação às características socioeconômicas familiares.

Tabela 2. Variáveis socioeconômicas familiares e médias do indicador de Frequência de reação habilidosa e não habilidosas das crianças a partir do IMHSC-Del Prette

Variáveis	Categorias	Frequência (%)	HAB	NHAB Passiva	NHAB Ativa	p-valor HAB
Renda	Menor que 1 salário	9(8,3)	1,51	0,82	0,24	0.3984
	Até 2 salários	60 (55)	1,36	0,57	0,18	
	Acima de 2 salários	15(13,8)	1,59	0,53	0,10	
	Sem renda	16(14,7)	1,46	0,70	0,18	
	Sem informação	9(8,3)	1,48	0,71	0,13	
Classe econômica	B1 ou B2	11(10)	1,49	0,58	0,18	0.3443
	C1	38 (34,9)	1,43	0,54	0,15	
	C2	45(41,3)	1,38	0,66	0,20	
	D ou E	15(13,7)	1,52	0,93	0,39	
Recebe benefício	Sim	32(29,35)	1,47	0,71	0,18	0,920
	Não	77 (70,64)	1,41	0,58	0,17	
Recebe pensão alimentícia	Sim	7(6,42)	1,51	0,59	0,19	0,966
	Não	53(48,62)	1,51	0,65	0,20	

Teste aplicado: ANOVA de Kruskal-Wallis (Classe econômica e renda) e ANOVA com Teste *post hoc* Tukey(recebe benefício e recebe pensão alimentícia)

Os resultados do teste ANOVA na Tabela 2 não indicou diferenças estatísticas entre as médias das reações habilidosas e as variáveis socioeconômicas. Com relação ao perfil socioeconômico, percebe-se que o perfil predominante nas famílias foi: a) renda mensal familiar de até 2 salários mínimos; b) pertencentes à classe econômica C2; c) não recebem benefício social; d) não recebem pensão alimentícia. Nos três tipos de reações avaliados predominaram crianças oriundas de família com baixa renda e que não recebiam qualquer benefício social. Quando se considera os dados do CCEB, a maior parte das famílias foi incluída na classe C1 e C2 que representa cerca de 80% do total.

A tabela 3 apresenta as reações das médias habilitadas e não habilitadas e o resultado do teste t de *student* em relação às variáveis de envolvimento escolar familiar e as médias de reações socialmente habilitadas.

Tabela 3. Variáveis de envolvimento familiar nas atividades escolares e médias do indicador de Frequência de reação habilitada e não habilitadas das crianças a partir do IMHSC-Del Prette

Variáveis	Categorias	Frequência (%)	HAB	NHAB Passiva	NHAB Ativa	p-valor HAB
Leva a criança na escola	Sim	95(87,18)	1,50	0,62	0,16	0,625
	Não	14(12,84)	1,51	0,58	0,23	
Busca a criança na escola	Sim	91(83,48)	1,50	0,63	0,17	0,829
	Não	18(16,51)	1,50	0,55	0,18	
Arruma a criança	Sim	26(23,85)	1,49	0,61	0,16	0,516
	Não	83(76,14)	1,50	0,62	0,17	
Participa das reuniões escolares	Sim	107(98,16)	1,50	0,62	0,17	0,635
	Não	2(1,83)	1,52	0,57	0,28	
Participa dos eventos escolares	Sim	107(98,16)	1,50	0,61	0,17	0,241
	Não	2(1,83)	1,52	0,93	0,35	
Ajuda as crianças nos deveres	Sim	98(89,90)	1,50	0,63	0,26	0,782
	Não	11(10,09)	1,50	0,49	0,18	

Teste t de Student ($\alpha = 5\%$). Não houve diferenças significativas.

O resultado do Teste t de student não encontrou diferenças estatísticas entre as médias de reações socialmente habilitadas e as variáveis de envolvimento escolar do cuidador. Sobre os aspectos de envolvimento parental nas atividades escolares da criança, a tabela 3 indica que a maioria dos cuidadores: a) leva e busca os filhos na escola; b) não arruma a criança para a escola; c) participa das reuniões e eventos escolares; d) ajuda as crianças nos deveres de casa. As médias maiores de reações habilitadas são encontradas em crianças que vão sós para a escola e cujos cuidadores não participam de reuniões e eventos escolares. As variáveis ‘busca criança na escola’ e ‘ajuda as crianças nos deveres’ tiveram médias iguais para os subgrupos sim e não de

reações habilidosas. As crianças que tiveram médias altas nas reações não habilidosas passiva possuíam cuidadores que as acompanhavam na ida e volta da escola, que participavam de reuniões escolares e as ajudavam nos deveres. Por outro lado, as crianças que obtiveram médias altas de reações não habilidosas ativa iam e voltavam sozinhas da escola, e os cuidadores não participavam das reuniões escolares. Tanto para as crianças com maiores médias nas reações não habilidosas quanto nas habilidosas, observou-se que cuidadores não a preparavam para a ida à escola nem participavam dos eventos escolares ou ajudavam as crianças nos deveres escolares.

A Tabela 4 apresenta as médias das reações e suas subescalas obtidas pela amostra deste estudo e as médias da amostra de referência padrão do instrumento.

Tabela 4. Comparação entre as médias da amostra de referência e a amostra em estudo para todas as subescalas, nos indicadores de dificuldade, frequência e adequação e reações em que foram avaliadas pelo IMHSC-Del-Prette

Indicador	Reação		Subescalas			
			Empatia e civilidade	Assertividade de enfrentamento	Autocontrole	Participação
Dificuldade	Socialmente Habilidosa	MR(DP)	0,41(0,35)	0,84(0,47)	1,07(0,5)	0,65(0,49)
		MA(DP)	0,25(0,58)	0,42(0,70)	0,66(0,79)	0,36(0,63)
Frequência	Socialmente Habilidosa	MR (DP)	1,7(0,3)	1,32(0,39)	1,09(0,4)	1,57(0,4)
		MA(DP)	1,65(0,57)	1,27(0,75)	1,21(0,74)	1,61(0,58)
	NHAB Passiva	MR (DP)	0,56(0,33)	0,83(0,45)	0,78(0,78)	0,75(0,43)
		MA(DP)	0,46(0,66)	0,61(0,73)	0,80(0,77)	0,70(0,75)
NHAB Ativa	MR(DP)	0,29(0,28)	0,57(0,34)	0,77(0,44)	0,65(0,43)	
	MA(DP)	0,06(0,28)	0,28(0,58)	0,21(0,50)	0,14(0,44)	
Adequação	Socialmente Habilidosa	MR(DP)	1,6(0,45)	1,32(0,34)	1,4(0,39)	1,54(0,58)
		MA(DP)	1,86(0,43)	1,57(0,72)	1,57(0,71)	1,85(0,47)
	NHAB Passiva	MR(DP)	0,96(0,27)	1,11(0,41)	1,21(0,36)	1,26(0,34)
		MA(DP)	0,56(0,30)	0,75(0,82)	1,11(0,84)	0,95(0,81)
NHAB Ativa	MR(DP)	0,32(0,31)	0,52(0,45)	0,4(0,46)	0,55(0,58)	
	MA(DP)	0,08(0,34)	0,26(0,61)	0,18(0,51)	0,20(0,55)	

Nota: MR=Média da amostra de referência do instrumento; MA= Média da amostra do estudo II; DP=Desvio Padrão

Observa-se na Tabela 4 que as crianças e adolescentes obtiveram médias superiores nas reações habilidosas nos indicadores de Adequação e de Frequência nas

subescalas de autocontrole e participação. As médias das reações não habilidosas passiva e ativa foram inferiores em todos os indicadores e subescalas, indicando um repertório social superior ao da amostra de referência.

Discussão

Este estudo teve por objetivo avaliar as habilidades sociais de escolares e relacioná-las às características familiares de natureza socioeconômica e sociodemográfica, além daquelas que apontam o envolvimento escolar dos cuidadores e/ou responsável. Em relação às variáveis de composição e características familiares (número de pessoas que moram com a criança, cuidador principal, estado civil e ocupação) não foi encontrado associação com reações socialmente habilidosas como nos estudos de Assis, Avanci e Oliveira (2009) e de Harden & Whittaker (2011). Neste sentido, considera-se a hipótese de que o contexto de interações entre a criança e seu cuidador pode agir como fator de proteção, ainda que a composição familiar das crianças com maiores médias de habilidades sociais tenha sido em sua maioria caracterizada como monoparental, e o responsável estivesse sem atividade economicamente ativa. Outras pesquisas podem investigar esta questão da configuração do relacionamento pais-filhos, já que a qualidade positiva das interações pode neutralizar ou amortecer o impacto da sobrecarga emocional e financeira da mulher sem cônjuge e com filho, o que diminui as chances de a criança apresentar comportamentos antissociais (Bronfenbrenner, 1996; Morais, Koller & Rafaelli, 2012; Santos & Marturano, 1999).

Os resultados não apontaram associação estatisticamente significativa entre as características socioeconômicas e as medidas de habilidades sociais, discordando de estudos que propuseram investigação semelhante realizados por Bandeira et al. (2006a) e Assis, Avanci e Oliveira (2009). Entretanto, o fato de tais variáveis não ter

apresentado associação estatisticamente significativa com os padrões de habilidades sociais identificados entre as crianças pesquisadas corrobora estudo recente de Coronel, Levin e Mejail (2011), que encontrou tanto aspectos positivos para a socialização quanto negativos para os grupos de baixas e altas condições socioeconômicas. Ou seja, independente da situação econômica, as medidas das escalas de reações socialmente habilidosas obtiveram médias estatisticamente iguais.

Estes resultados indicam que, contrariando o que mostram estudos relatados na literatura (Amar, 2000; Valencia & López, 2012; Zhang & Anderson, 2010), verificou-se que crianças que estudam em escola pública e que são oriundas de famílias de baixo nível socioeconômico (especialmente nos quesitos renda e escolaridade dos cuidadores) obtiveram desempenho de habilidades sociais satisfatórias, conforme apresentado a comparação das médias das reações na Tabela 4. Uma explicação para isso estaria na ação de outros fatores não investigados neste estudo, como a rede de apoio social que auxilia as famílias no enfrentamento de dificuldades esperadas dado o seu baixo nível socioeconômico. Estudos mostram que comumente crianças que vivem em meio à pobreza podem ter o seu desenvolvimento prejudicado em alguma medida por situações de privação e dificuldades diversas (Bronfenbrenner, 1996).

Sobre as variáveis de envolvimento escolar dos cuidadores e habilidades sociais, ainda que os resultados não tenham indicado associações significativas o que diverge dos achados de Foster et al. (2005), Cia, Pamplim e Del Prette (2006), Cia e Barham (2009) e Roopnarine et al. (2006), percebe-se que mais de 50% dos cuidadores envolviam-se nas atividades escolares de seus filhos. Ao se considerar as características de apoio que a escola oferece às crianças e suas famílias, pareceu existir para esta amostra investigada disposição para aceitá-lo com prontidão e igual interesse dos cuidadores pelo desempenho escolar dos filhos. Os cuidadores apresentaram

comportamentos de envolvimento parental positivo em relação à vida escolar da criança, conforme se identifica nos resultados da Tabela 3 apresentada.

Pode-se pensar com esses resultados, apesar da não associação com variáveis socioeconômicas, sociodemográficas, e de envolvimento escolar parental, que a própria escola através de sua equipe técnica-pedagógica que desenvolve o projeto social “OCA Curumim” e levam às famílias serviços sociais podem estar funcionando como fatores de proteção. São ações e serviços que oferecem orientação e suporte não só em aspectos pertinentes ao ensino e problemas de aprendizagem do aluno, mas também oportunidades de acesso a empregos e contatos com redes de assistência à saúde e de formação cidadã. Por exemplo, regularmente, a escola recebe a visita de membros do Corpo de Bombeiros que procuram esclarecer as crianças sobre prevenção de acidentes, realização de primeiros socorros; de universitários de faculdades particulares com projetos sobre saúde bucal e outros temas; de representantes dos Conselhos Tutelares que atuam no município e que procuram alertar sobre as mais diversas formas de violação dos direitos da criança e adolescente e como identificar e denunciar abusos infantis; profissionais que participam voluntariamente de eventos comemorativos como a Semana da Família com o propósito de integrar e orientar os cuidadores e demais cuidadores em assuntos de seu interesse; e parceiros sociais que oferecem atividades envolvendo esporte e música para as crianças.

Em se tratando do desempenho social das crianças nos indicadores investigados, este estudo encontrou resultados parecidos com os de Cia, Pamplim e Del Prette (2006), no que diz respeito às médias dos indicadores de Frequência, Dificuldade e Adequação. Os resultados indicaram ausência de déficits de desempenho, já que as crianças desta amostra apresentaram a média para frequência das subescalas de reações habilidosas, estatisticamente igual a que foi tomada como referência neste estudo. Ademais, a

frequência de reações não habilidosas está abaixo da média de referência, demonstrando que nesta amostra prevaleceram reações habilidosas de ‘empatia e civilidade’, ‘assertividade de enfrentamento’, ‘autocontrole’ e ‘participação’ para as situações apresentadas. O indicador adequação de reações não habilidosas passivas esteve abaixo da média referente à subescala de ‘assertividade de enfrentamento’ e de reações não habilidosas ativas nas quatro subescalas. O conjunto de dados levantados por este estudo sugere que as crianças conseguem julgar como ‘erradas’ ou ‘mais ou menos’ ações não habilidosas, sinalizando internalização de modelos e regras de como se comportar em determinadas situações similares a apresentadas no instrumento. Em relação a auto avaliação do indicador dificuldade de emissão de reações socialmente habilidosas, os resultados não evidenciam déficits de fluência, ou seja, comparativamente com as crianças da amostra de referência, os participantes deste estudo consideram em geral como ‘fácil’ agir de forma habilidosa.

Estes dados podem ser interpretados como resultados positivos em termos desenvolvimentais quando se consideram as características da população envolvida na pesquisa e do contexto sociofamiliar ao qual pertence. Também se deve considerar ainda o aspecto religioso cristão da instituição que ensinam e realizam reflexões sobre valores sociais como o respeito ao próximo, a importância da solidariedade e da justiça nas relações sociais, o que evidencia aspectos da dimensão cultural e situacional das habilidades sociais (Del Prette & Del Prette, 2009).

Considerações finais

Este estudo teve por objetivo avaliar as habilidades sociais das crianças de uma escola pública de Belém e relacionar medidas de frequência de reações socialmente habilidosas com variáveis contextuais familiares como as sociodemográficas, socioeconômicas, e de envolvimento escolar. Ao contrário do esperado, os resultados

sugerem que não houve associação estatisticamente significativa entre a frequência de reações socialmente habilidosas e as variáveis referentes a nível socioeconômico das famílias. Este estudo chama a atenção pelo fato de as médias de habilidades sociais nas subescalas não indicarem déficits de fluência e desempenho, ainda que o perfil sociodemográfico e socioeconômico pudessem interferir negativamente neste resultado como apontaram estudos anteriores sobre o tema. Isso levanta a hipótese de que outras variáveis contextuais não investigadas neste estudo concorreram para minimizar eventuais prejuízos ao desenvolvimento social da criança. Entre outras hipóteses, pode-se considerar a atuação das redes de apoio social que dispõem as famílias a partir de ações socioassistenciais mantidas pela escola e seus parceiros, ou mesmo, aspectos descritores da qualidade da relação entre cuidadores e filhos.

Segundo Bronfenbrenner (1996, 2011), crianças desenvolvem-se socialmente com a ajuda de seu primeiro núcleo social, a família, mais precisamente das características do ambiente ecológico que a constitui (atividades realizadas, relações estabelecidas e papéis exercidos pelos seus membros). Além das relações mantidas pela família com outros sistemas que fazem chegar a ela influências macrosistêmicas (políticas sociais e econômicas, tendências sociodemográficas) e possibilidade de ligações mesossistêmicas (compartilhamento da tarefa de cuidar e educar os filhos com outros sistemas ecológicos, como por exemplo, a escola), que podem favorecer ou prejudicar o desenvolvimento biopsicossocial da criança. Neste sentido, apesar de ser importante a caracterização e a investigação rigorosa de aspectos que envolvem o contexto familiar, em uma perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano, é necessário que ir além do ambiente imediato da criança. Em outras palavras, a análise do contexto familiar do ponto de vista bioecológico implica em incentivar a realização de investigações sobre as redes de apoio social às famílias de crianças e adolescentes, a

posição que elas ocupam na comunidade, para se conseguir ter uma noção mais precisa das condições (sociais, econômicas, culturais, políticas, entre outras) em que efetivamente as crianças estão sendo criadas e educadas, no sentido de reconhecer fatores de risco e de proteção atuantes na ecologia do seu desenvolvimento.

Uma das limitações deste estudo a seleção da amostra de crianças que tomaria parte da pesquisa, que esteve condicionada quase que exclusivamente à aceitação dos cuidadores. Isso pode ter em alguma medida alterado os resultados obtidos com esta pesquisa. Por exemplo, os cuidadores que aceitaram participar da pesquisa podem ter agido assim porque, provavelmente, são aqueles que demonstram mais interesse e preocupação com o desenvolvimento pessoal e escolar do filho, e, supostamente mantém uma interação mais positiva com sua criança.

Uma sugestão para um próximo estudo seria complementar dados sobre habilidades sociais educativas parentais e estilos parentais que poderiam fornecer mais elementos para se avaliar a qualidade da interação com os filhos. Além disso, a amostra estudada pode se considerar homogênea no que se refere a variáveis contextuais, assim como no padrão sociocultural de criação e educação dos filhos, já que vivem numa mesma área da cidade, o que para uma próxima pesquisa, poderia haver comparações entre crianças provenientes de escola pública de área não urbana da cidade (por exemplo, da região das Ilhas de Belém). Outra limitação diz respeito aos instrumentos referidos na literatura consultada sobre o envolvimento dos cuidadores na vida escolar da criança, que diferem dos utilizados nesta pesquisa. O QCC não é um instrumento validado, tendo sido elaborado pela pesquisadora, podendo ter desconsiderado questões importantes sobre o tema.

Por fim, considera-se que como as características familiares são importantes indicadores de ajustamento socioemocional da criança, já que atuam também como

fatores tanto de proteção quanto de risco, uma forma de apoiar estas famílias são programas de intervenção e promoção de habilidade sociais, que poderiam agir no sentido da prevenção de problemas de comportamento, principalmente na adolescência, uma vez que as habilidades sociais têm implicações em várias áreas de relacionamento da criança como na vida escolar.

ESTUDO III

Estudo comparativo entre crianças avaliadas em suas habilidades sociais: características biopsicológicas e aspectos da vida escolar

Resumo

Este estudo descritivo comparou dois grupos de crianças que apresentaram médias menores (MEHS) e maiores (MAHS) de habilidades sociais em relação a características biopsicológicas (humor e comportamento e relacionamentos) e contextuais (escolares e atividades). A amostra foi composta por 20 crianças (10 do grupo MEHS e 10 do grupo MAHS) que cursavam do 2º ao 5º ano, além de 20 cuidadores e 9 professoras. Foram utilizados os seguintes instrumentos de pesquisa: Questionário de Caracterização da Criança (QCC) e o Inventário Multimídia de Habilidades Sociais de Crianças- Del Prette (IMHSC-Del Prette). Os resultados indicaram que o grupo MAHS realizavam atividades variadas e possuíam mais grupos de relacionamento comparado ao grupo de MEHS. A análise de aspectos escolares indicou que perfil do grupo de MEHS 9 crianças cursavam 2º e 3º ano, apresentavam dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento, enquanto no grupo de MAHS, 7 crianças pertencentes ao 4º e 5º ano, não apresentavam dificuldades de aprendizagem e 9 sem problemas de comportamento. No geral, das 20 crianças, mais da metade em ambos os grupos possuíam humor e comportamento considerados como positivos e relacionamentos não conflituosos. Níveis ecológicos mais ricos de atividades e relações favorecem maior presença de habilidades sociais. Sugerem-se outras investigações que contemplem os elementos Processo e Tempo para o estudo das habilidades sociais em escolares.

Palavras-chave: crianças, habilidades sociais, escola, atividades, modelo bioecológico,

Comparative study in evaluated children concerning their social skills: biopsychological features and school life aspects

Abstract

This descriptive study compared two groups of children that presented minor and higher medias (MEHS) of social skills in relation to bio psychological (relationships, humor and behavior) and contextual (school and activities) features. The sample was made of 20 children (10 of the MAHS group) who were taking 2º and 5º year, 20 curators and 9 teachers. Questionnaire of Child Characterization (QCC) and Multimedia Inventory of Social Skills – Del Prette (IMHSC- Del Prette). Results showed that MAHS group were doing many activities and had more social relationships compared to MEHS group. The analysis of school aspects indicated that in the group profile of MEHS 9 children were taking the 2º and 3º year, showed learning difficulties and behavior problems, while in the MAHS 7 group, 7 children belonged to the 4º and 5º year, didn't have learning difficulties or behavior problems. In general, out of 20 children, more than a half in both groups had humor and behavior seen as positive e non conflicting relationships. Results justify the literature: richer ecological levels of activities and relationships are associated to a higher presence of social skills. Investigations are suggested which involve other elements of Bioecological human development as Process and Time to the study of social abilities in students.

Keywords: children, social skills, school, activities, bioecological model.

Introdução

As pesquisas que descrevem e classificam as habilidades sociais, e os programas de treinamento para a aquisição de repertórios comportamentais pelo indivíduo, têm evidenciado a importância de se conhecer de forma contextualizada esses importantes aspectos do desenvolvimento humano. A literatura associa com frequência as habilidades sociais à capacidade do indivíduo de interagir e relacionar-se com o ambiente social, enfrentando de forma satisfatória situações que emergem da convivência com seus parceiros em contextos diversos (Caballo, 2012; Del Prette & Del Prette, 2005; Gresham, 2009). Em termos desenvolvimentais, admite-se que o indivíduo cria seu próprio ambiente social ao influenciar outras pessoas no convívio que mantém na família, na escola e outros espaços, mas também por ser influenciado por elas nesses contextos (Caballo, 2012; Del Prette & Del Prette, 2009).

As habilidades sociais devem assim ser compreendidas como o repertório comportamental que expressa atitudes, desejos, opiniões, sentimentos ou sentimentos da pessoa que, quando em consonância com a situação ou o contexto interpessoal, favorecem resultados positivos nas relações (Caballo, 2012; Del Prette & Del Prette, 2005; Gresham, 2009). Ademais, as habilidades sociais dependem invariavelmente da estrutura do ambiente onde a pessoa em desenvolvimento está em interação com outras, mas também das suas características particulares e dos traços da cultura que permeiam esses contextos relacionais. Ou seja, as características da pessoa em desenvolvimento e o seu contexto relacional atuam conjuntamente e exercem influência sobre o repertório de habilidades sociais em formação.

Uma das perspectivas teóricas que investigam estas relações na atualidade e que consideram inevitável a reciprocidade entre pessoa e ambiente é a Bioecologia do Desenvolvimento Humano, proposta por Urie Bronfenbrenner. Nela, a dimensão

processual da interação entre organismo e ambiente e suas implicações para o estudo do desenvolvimento são abordadas, apoiando análises voltadas aos comportamentos, relações e habilidades sociais, particularmente na infância.

De acordo com Bronfenbrenner (2011), o modelo teórico prevê quatro núcleos bem definidos: Processo-Pessoa-Contexto-Tempo (PPCT). É a partir dele que estudos na área da pesquisa em desenvolvimento humano têm procurado evidenciar aspectos materiais, biológicos, relacionais e contextuais que exercem influência nas trajetórias desenvolvimentais do indivíduo. Para esse autor, esses são aspectos com reconhecida importância nesse processo, e que se ligam aos núcleos fundamentais desse modelo teórico.

Por meio da Teoria da Bioecologia do Desenvolvimento Humano, entende-se ser possível captar e compreender a dinâmica de integração desses diferentes aspectos biológicos, relacionais, contextuais, entre outros, organizando-os em torno dos seus quatro núcleos primordiais: Pessoa, Processo, Contexto e Tempo (Bronfenbrenner, 2011). O elemento Pessoa contempla as características biológicas, cognitivas, emocionais e comportamentais do indivíduo que foram construídas na interação com o ambiente. São consideradas, nesse sentido, tanto produto como produtoras do desenvolvimento do indivíduo e podem influenciar o estabelecimento dos processos proximais com outras pessoas e ambientes. O Processo, que é o segundo elemento do modelo, abrange as interações do indivíduo e seu ambiente imediato por meio de processos proximais, além de permitir a exploração deste e o aprimoramento das habilidades pessoais diante das situações vivenciadas. Os processos proximais ocorrem justamente quando há engajamento em atividades progressivamente mais complexas, reciprocidade das relações interpessoais envolvidas nelas, durante um período regular de tempo. O Contexto, já definido por Bronfenbrenner (1996) em sua proposta da

Ecologia do Desenvolvimento Humano, foi descrito na obra mais recente novamente como um conjunto de estruturas encaixadas e inter-relacionadas, sendo essas estruturas o Microssistema, Mesossistema, Exossistema e Macrossistema.

A primeira dessas dimensões ecológicas, o Microssistema, pode ser definida como um ambiente imediato com seus componentes de padrões de atividades, papéis e relações e suas características físicas, sociais e simbólicas nas quais ocorrem os processos proximais e que são permeadas pelas características da pessoa. O Mesossistema resulta na integração de dois ou mais microssistemas em que o indivíduo frequenta, e influenciam-se mutuamente através dos processos que neles ocorrem. O Exossistema é o ambiente no qual o indivíduo não se faz presente, porém sofre influência de sua dinâmica no seu desenvolvimento. O Macrossistema abrange a cultura, ou seja, os valores, as crenças que permeiam a sociedade e que, portanto, se faz sentir nas dimensões anteriores através das pessoas com as quais o indivíduo em desenvolvimento se relaciona no seu cotidiano. E, por último, o elemento Tempo, situando os processos proximais ocorridos no ambiente enquanto sua periodicidade e sua possível influência no ciclo de desenvolvimento do indivíduo (Bronfenbrenner, 2011).

Ainda na perspectiva do modelo proposto por Urie Bronfenbrenner, ressalta-se que as dimensões ecológicas em que as crianças se encontram e estão em contínua interação, frequentemente envolvem a família e a escola, sendo a transição entre esses microssistemas a condição fundamental para que se estabeleça a aquisição e o aperfeiçoamento de novas habilidades (especialmente, as habilidades sociais), cujo impacto será percebido por extensão na relação com novos ambientes e no convívio com outras pessoas. Segundo Bronfenbrenner (1996, 2011), a transição ecológica resulta em mudança de papel, ambiente, ou os dois, e esta ampliação de convivência em

outros contextos também possibilita à criança entrar em contato com outros padrões culturais de relacionamentos interpessoais, e, portanto, novas habilidades e competências sociais.

Desse ponto de vista teórico e metodológico, os aspectos que definem os contextos ecológicos e seus respectivos níveis de influência sobre o desenvolvimento podem favorecer o crescimento da criança e a sua saúde física e mental, ou, por outro lado, dificultar os seus relacionamentos interpessoais. Tais dificuldades podem trazer prejuízos à aquisição de novas e importantes habilidades sociais pela criança em diferentes contextos, como o escolar e o familiar. Ou seja, o fenômeno das habilidades sociais, aqui entendido como uma forma particular de expressão dos múltiplos processos que movem o desenvolvimento, depende das características biopsicossociais da pessoa, mas assume igualmente diferentes significados e influências em razão do contexto em que a criança estabelece interação com seu entorno e o tempo que permeia a relação com outros parceiros.

Neste sentido, investigou-se na literatura elementos para pensar as habilidades sociais e sua presença na bioecologia do desenvolvimento da criança desde os primeiros anos. Ainda que tais estudos não tenham sido realizados necessariamente a partir dessa orientação teórica, entende-se que apresentam evidências da presumida associação entre aspectos do ambiente social e atributos da pessoa com o repertório social da criança nos contextos pesquisados.

Características da pessoa e habilidades sociais

Características biopsicológicas levam a diferenças existentes na forma da pessoa interagir com o ambiente no qual está inserida, que, por sua vez, possui também aspectos físicos, simbólicos e sociais que lhes são próprios. A variável sexo tem sido associada ao repertório de habilidades sociais como indicam os estudos de Ceconello e

Koller (2000), Fumo (2009) e Garaigordobil e Maganto (2011), Valle & Garnica (2009) que, em geral, evidenciaram a predominância de reações não habilidosas passiva e maiores médias de habilidades sociais em crianças do sexo feminino, enquanto no sexo masculino, por sua vez, foram observados mais frequentemente reações não habilidosas passiva. Outra característica pessoal de ordem biopsicológica relacionada às habilidades sociais é a idade, e a literatura que investigou esta interação (Bolsoni-Silva, Marturano & Freiria, 2010; Garaigordobil & Maganto, 2011; Sabol & Pianta, 2011; Welsh et al, 2001) aponta que crianças em idade pré-escolar (4 e 5 anos) apresentam déficits em habilidades sociais comparadas a crianças escolares e adolescentes, apontando que ganhos no repertório socialmente habilidoso conforme o amadurecimento psicológico da criança.

Além desses aspectos mencionados, o padrão comportamental e emocional de crianças também pode ser relacionado ao estudo das habilidades sociais, principalmente naqueles que investigaram presença de problemas de comportamento que sinalizam déficits de habilidades sociais como indicam os estudos de Bolsoni-Silva e Del Prette (2002), Castro, Mello & Silveiras (2003). Além disso, estudos que demonstram a eficácia de programas de intervenção de habilidades sociais em crianças que possuem um perfil comportamental considerado problemático (Gonçalves & Murta, 2008; Maddern, Franey, McLaughlin & Cox, 2004) evidenciam a inter-relação entre características pessoais comportamentais e ambiente, e que mudanças neste provocam alterações no aspecto pessoal emocional e comportamental conforme aponta Bronfenbrenner (2011).

Neste sentido de reciprocidade entre os elementos contexto e pessoa, a interação criança-criança, que pode ser permeada por atritos, e a avaliação que os pares têm de si também influenciam no próprio autoconceito e na maneira de agir no ambiente, portanto, de se relacionar com o outro. Castro, Mello & Silveiras (2003) avaliaram as

alterações na percepção dos companheiros de turma das crianças com dificuldades de relacionamento interpessoal participantes de um programa de intervenção psicológica com treinamento de habilidades sociais e de orientação a cuidadores e professores. Os resultados apontaram na direção de mudanças positivas nas percepções dos pares, sendo uma delas as classificações de crianças participantes referidas antes como negligenciadas, e que após a intervenção foram avaliadas como populares. Tonelloto (2002) cita que segundo Newcombe (1999), crianças menos aceitas por seus pares apresentam um padrão específico de comportamentos que abrange conflitos, brigas, discussões e agressões, alvo de provocações, imaturidade, habilidades sociais e cognitivas reduzidas.

A partir dos estudos apresentados percebe-se que as medidas mais investigadas nesses estudos e que expressam a associação entre características da pessoa e repertório social têm se referido ao perfil comportamental da criança, o que se pode compreender como déficits em habilidades sociais. Entretanto, estudos mais direcionados à tentativa de se investigar a relação entre características da pessoa e classes de habilidades sociais podem ser apontado a partir de uma revisão mais abrangente da literatura. Esta questão deve suscitar investigações específicas e aprofundadas posto que o padrão relacional de uma criança pode ser considerado um preditor de déficits de habilidades sociais ao longo do desenvolvimento e também pode ser foco de intervenções para mudanças positivas nas características comportamentais infantis. Vale ressaltar que as reações das crianças tanto com e sem indicativos de problemas de comportamento variam não só considerando suas individualidades, mas de acordo com os comportamentos e estilos de educação que os cuidadores apresentam (Bolsoni-Silva & Del Prette, 2002), que, nesse caso, contemplam aspectos contextuais familiares.

O microsistema família e sua influência sobre as relações interpessoais

Considera-se a partir da visão bioecológica que díades ou tríades quando estabelecem padrões de atividades, papéis e relações progressivamente mais complexos, dotados de significado, orientam o desenvolvimento da criança de forma positiva (Bronfenbrenner, 1996; 2011). Estes elementos do contexto familiar dependendo de como se comportam podem favorecer ou não o desenvolvimento de habilidades sociais da criança, visto que por ser o ambiente primário de interação da criança, nele são apresentados através das relações cuidadores-filhos modelos comportamentais aceitos socialmente, mas também de valores e crenças que os cuidadores transmitem aos filhos que contemplam o macrossistema referido por Bronfenbrenner (1996, 2011).

A literatura tem apontado que déficits em habilidades sociais dos cuidadores e práticas educativas negativas estão relacionados a uma maior incidência de problemas de comportamento dos filhos (Barros, 2008; Bolsoni-Silva & Del Prette, 2002; Bolsoni-Silva, Paiva & Barbosa, 2009; Salvo, Silares & Toni, 2005). Diante deste cenário, ações como orientação aos cuidadores e treinamento de suas habilidades sociais e práticas parentais positivas têm sido eficazes na prevenção e redução de problemas de comportamento indicativos de déficits em classes de habilidades sociais.

Pinheiro et al. (2006) realizaram treinamento de habilidades sociais de 34 cuidadores em situações de risco que incluíam orientações sobre práticas disciplinares não coercivas, tarefas de observação do comportamento do filho, estabelecimento de situações que favorecessem aprendizagem e desempenho de comportamentos desejáveis dos filhos, tais como empatia, ajuda espontânea, cumprimento de regras. Assim sendo, os autores demonstraram ter havido diminuição significativa na frequência de comportamentos inadequados dos filhos, observando que o efeito do treino foi de intensidade moderada segundo as avaliações feitas com auxílio de instrumentos como

Inventário de Comportamentos Inoportunos (QCI, de Barkley, 1997) e o Questionário de Situações Domésticas (QSD, de Barkley, 1997). Além disso, os relatos dos cuidadores após o treinamento revelaram mudanças positivas não só no comportamento deles mesmos, como dos filhos.

Assim, percebe-se que a qualidade da relação dos cuidadores primários de crianças são importantes para um desenvolvimento saudável, e que orientações aos cuidadores possibilitam ampliar o repertório de habilidades necessárias para a educação dos filhos e favorecer modelos de padrão de comportamento social adequado para interações das crianças não só no microssistema familiar, como em outros contextos constituídos de atividades, papéis e relações diferenciados que a criança vier a experimentar.

Contexto Escolar e aquisição de Habilidades Sociais

Também devem ser aqui mencionados estudos que apontaram a influência do contexto escolar para as habilidades sociais em formação desde a infância. Neles, observou-se que a escola, assim como o contexto familiar, pode se apresentar como um ambiente no qual são oferecidas oportunidades para diversas aprendizagens, constituindo-se em um *locus* privilegiado para o treino e a aquisição de habilidades sociais importantes (Del Prette & Del Prette, 2010; Tonelloto, 2002). A convivência com outras crianças da mesma idade ou maiores e outros adultos, as atividades realizadas, como jogos e brincadeiras, e por fim, as experiências de aprendizagem vivenciadas, permitem apreensão da organização social, identificação de habilidades associadas a diferentes papéis desempenhados, aprendizagem de regras, além de assimilação de aspectos morais e prossociais, tal como a empatia (Del Prette & Del Prette, 2010). Pelo exposto, na visão da bioecologia do desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 2011),

o ambiente escolar deve ser entendido como um microsistema que possibilita a ampliação de experiências afetivas e a aquisição de conhecimentos, entre outras razões porque este ambiente é um legítimo representante da cultura da sociedade vivida (Marturano & Loureiro, 2007).

Além desse aprimoramento no repertório social, pesquisas também revelam em contrapartida que desajustamento social no contexto escolar está associado a baixo desempenho acadêmico (Bandeira et al,2006; Feitosa, Del Prette, Del Prette & Loureiro,2011) e que tensões vivenciadas na escola pelas crianças ocorrem desde as séries iniciais, mas de modo peculiar no processo de adaptação a um ambiente com características tão distintas do familiar (Gonçalves & Damke, 2007; Picado & Rose, 2009), e têm implicado em níveis de estresse muitas vezes denunciados pelo aparecimento súbito de comportamentos agressivos que não são representativos do repertório da criança no geral, nem se fazem presentes em outros ambientes. Entre os comportamentos que devem ser alvo de atenção por parte dos cuidadores e familiares, citam-se, dificuldade de concentração; desobediência inusitada; dificuldades de relacionamento, depressão, ansiedade, birras; dificuldades escolares, entre outros (Lipp, Arantes, Buriti & Witizig, 2002). Essa alteração no comportamento apresentada pela criança ao longo da socialização escolar nem sempre é vivida de forma tranquila, uma vez que esse processo implica em conflitos e tensões que ela experimenta enquanto se adapta ao novo ambiente, o que poderá refletir em aspectos do ajustamento social e escolar (Fram, Kim & Sinha,2012; Gonçalves & Damke, 2007; Pacheco & Sisto, 2005; Picado & Rose,2009).

Tonelloto (2002) chama atenção que a qualidade dos relacionamentos entre escolares é um dos fatores de ordem externa e interpessoal capaz de interferir no processo ensino-aprendizagem, assim como nas relações estabelecidas em sala de aula,

o que é imprescindível para o alcance de metas de aprendizagem escolar. Dessa maneira, um repertório de habilidades sociais deficitário/deficiente pode associar-se a dificuldades de aprendizagem e presença de problemas de comportamento (Bandeira et al., 2006 a; Feitosa et al., 2011).

Entende-se, portanto, que avaliação e promoção de habilidades sociais em escolares poderão trazer benefícios não só relacionais como acadêmicos, e especificamente no desempenho da leitura na forma como demonstram Sabol e Pianta (2011) e Molina e Del Prette (2006) ao identificarem em grupos de crianças que a presença de um repertório habilidoso socialmente está relacionada a melhorias e aquisições acadêmicas (leitura e escrita) além de sociais.

Uma outra relação investigada nesta área são associações entre déficits em habilidades sociais e problemas de comportamento e série escolar. Adverte-se, contudo, que os resultados obtidos pelos estudos mencionados a seguir não foram tão conclusivos quanto seria esperado, sobretudo quando envolveram especificamente crianças no ensino fundamental. Saud e Tonelotto (2005), por exemplo, encontraram que problemas de relacionamento com colegas e a ocorrência de comportamentos prossociais de classificação 'normal' foram predominantes em escolares da 3ª série, e que resultados que contrariaram esse desfecho foram observados mais em escolares da série imediatamente posterior, ou seja, em alunos da 4ª série. Por sua vez, Bandeira et al. (2006b) notaram que comportamentos problemáticos tornaram-se menos frequente ao longo das séries escolares, sendo mais evidentes na 1ª série e menos comuns na 4ª série. Entre outros autores, Fumo (2009) não encontrou diferença entre às séries em relação às habilidades sociais nos grupos de crianças estudados. Estas discordâncias requerem mais investigações, pois supõe-se que cada série tenha suas particularidades em termos

de atividades e conteúdos ensinados, e que a dinâmica em sala de aula possa variar na qualidade das relações estabelecidas.

Diante dessas relações encontradas percebe-se que o contexto escolar é fundamental não só para transmissão de conteúdos disciplinares como por se constituir em um espaço de aprimoramento de melhorias nas relações interpessoais entre alunos, assim como entre aluno-professor. Por isso, pesquisadores da área tem investido em programas de intervenção para promoção e avaliação de habilidades sociais em crianças, com a participação de professores (Dereli,2009; Moreira et al,2010) e tem encontrado resultados positivos na expansão do repertório socialmente habilidoso das crianças, em áreas como autocontrole, habilidades emocionais, assertividade, regulação emocional e estratégias de *coping*. Entretanto, a durabilidade dos efeitos depende também de interações adequadas que professores e familiares estabelecem com a criança para a manutenção das habilidades sociais aprimoradas durante o programa.

É possível assim, a partir dos estudos apresentados, verificar relações estreitas entre medidas de desempenho social a variáveis escolares como competência acadêmica, habilidade de leitura, dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento e do papel do microsistema escolar da criança para não só o seu sucesso escolar como também interpessoal.

As atividades de lazer e do contraturno escolar

Dentro ou fora do microsistema familiar e escolar, entende-se que existem atividades diversas que podem favorecer o desenvolvimento social da criança no dia-a-dia, mas, especialmente, aquelas que envolvem o contexto lúdico caracterizado por brincadeiras (pular corda, faz de contas, corrida) e outras que são comuns na infância (esportes, cursos de idiomas, educação musical). Estes são exemplos de atividades que

podem ser qualificadas como molares, porque ocorrem, conforme Bonfenbrenner (1996), de forma regular, sendo dotadas de significado e intenção dos participantes. Além disso, podem ser descritas como atividades molares porque se tornam cada vez mais complexas à medida que desafios surgem e novas habilidades são requeridas e aprendidas, contribuindo para o crescimento psicológico e social da criança em desenvolvimento.

Atualmente os jogos virtuais são muito comuns e existem vários dispositivos eletrônicos que dão acesso a eles, como computador, *smartphones*, vídeo games propriamente ditos, além dos que se dão por meio do acesso à Internet. A literatura indica que tanto programas de televisão quanto videogames podem trazer prejuízos para as crianças e adolescentes (Batista, Quintão & Lima, 2008; Dukin & Low, 1999). Tais jogos estimulam a agressividade, principalmente se não forem utilizados adequadamente, mas também trazem inúmeros benefícios ao estimularem cognitivamente crianças e adolescentes nas áreas de concentração, raciocínio (Correa, 2010; Ramos, 2013), linguagem (Paula, 2011), e desenvolvimento emocional. Nesse contexto lúdico, os jogadores experimentam emoções que os personagens vivenciam, podendo até identificar-se com eles ou não, além de obterem ganhos sociais, uma vez que muitas vezes os jogos ocorrem com duas ou mais pessoas (Correa, 2010; Ramos, 2013).

A leitura pode ser considerada como outro elemento que favorece o desenvolvimento da criança não só melhorando habilidades a ela relacionadas com reflexos no seu desempenho acadêmico, mas também no reconhecimento de emoções e situações éticas em contos infantis, por exemplo (Rodrigues & Tavares, 2009). Deve-se citar ainda que atividades que envolvem o desenho, configuram-se muitas vezes como um canal de expressão da criança, que diz muito de como ela percebe o mundo em que

vive (Veit, 2007), estimula a sua criatividade e as interações sociais (Dias & Almeida, 2009), ainda que muitas vezes estas atividades sejam realizadas sozinhas.

Outras atividades que prezam pelo ensino formal de conhecimentos específicos e sua relação com habilidades sociais na infância também são investigadas, tal como foi feito no trabalho de Lima e Coser (2010) ao compararem grupos de adolescentes que participavam e não participavam do projeto de handebol oferecido pela escola, além de Feiten e Pergher (2013), que trabalharam com grupos de adultos praticantes e não praticantes de esportes. De modo geral, os resultados dos dois estudos indicaram que os grupos que realizavam atividade esportiva obtiveram médias de habilidades sociais superiores em relação ao outro grupo, embora sem diferenças significativas.

A aprendizagem musical também tem sido investigada em sua relação com as habilidades sociais, e os estudos de Souto (2012), Carminatti e Krug (2010), Blandfor e Duarte (2004) exemplificam isso. Em comum, estes estudos apontaram a presença de elevados escores entre indivíduos que frequentavam aulas de música. A aprendizagem de outro idioma também é citada como benéfico para melhora nos relacionamentos sociais como encontrou no estudo de Pereira e Peres (2011). As autoras mostraram que 80% dos cuidadores referiram melhorias nas relações sociais de seus filhos, argumentando ter aumentado o número de telefonemas e de visitas de colegas de classe.

Diante destes estudos, considera-se que estas atividades que possuem um período regular de tempo, que participam do mesmo grupo de pessoas, podem trazer não só melhorias nas relações interpessoais, mas também estimular o desenvolvimento cognitivo e motor, e ainda favorecer o aprendizado de noções de disciplina e responsabilidade ao interagir com e neste contexto (Aubrey & Dahal, 2006; Pederiva & Tristão, 2006; Rocha, 2007), pois o aprendiz tende a obter resultados altamente

positivos na aprendizagem quando a interação é significativa, como argumenta Rocha (2007).

Após o relato de estudos levantados na literatura do tema de habilidades sociais e relações com aspectos pessoais, familiares escolares e de atividades e da importância dessas relações para o desenvolvimento social saudável da criança, existe uma preocupação comum entre os pesquisadores da área (Bolsoni-Silva, et al., 2010; Dereli, 2009; Han, et al., 2005; Sabol & Pianta, 2011) no sentido de se conhecer o fenômeno ainda na infância, já que quanto mais cedo forem detectados possíveis déficits, maiores são as chances de ajudar a criança e prevenir consequências negativas para os relacionamentos sociais que irá construir ao longo da vida. E, para isso, torna-se importante compreender o fenômeno em sua complexidade, e através de uma perspectiva de desenvolvimento bioecológica, identificar variáveis pessoais e contextuais que estejam relacionadas a um melhor desempenho social, capazes de promover diferentes classes de habilidades sociais.

Desta maneira, o objetivo deste artigo foi comparar dois grupos de crianças com maiores (MAHS) e menores (MEHS) médias de habilidades sociais de acordo com características escolares e biopsicológicas determinadas, discutindo possíveis associações entre as variáveis estudadas na perspectiva do modelo bioecológico do desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 2001).

Método

Delineamento e tipo de estudo

Este estudo tem caráter descritivo e apresenta abordagem quantitativa e qualitativa dos dados.

Participantes

Participaram 20 crianças (F=12; M=8), entre 6 a 12 anos de idade ($M=8,75$; $DP=1,74$), e mais 20 cuidadores e nove professores da escola onde foi realizada a pesquisa. Os participantes foram selecionados a partir de um universo amostral composto por 109 alunos. Foram formados dois grupos de dez crianças com as maiores e as menores pontuações conforme o critério da média de frequência de emissão de reações habilidosas obtida por cada participante.

Local de pesquisa

O local de pesquisa foi uma instituição de ensino filantrópica que atende crianças de creche, pré-escola até o quinto ano do Ensino Fundamental. As dependências da escola ocupadas para realização dos procedimentos iniciais da pesquisa foram sala de coordenação e a biblioteca quando envolveram os responsáveis dos alunos, as salas de aula para a coleta com os professores e os dormitórios para avaliação das crianças, já que este era um espaço mais reservado e com menor interferência de sons e ruídos externos.

Instrumentos e materiais

A coleta de dados foi realizada a partir do uso dos seguintes instrumentos:

- Questionário de Caracterização da criança (QCC) (Anexo A): Para a coleta das informações sobre os aspectos de vida escolar e de interesse, atividades e relacionamento das crianças foram utilizadas as seções III-Escola (8 itens, sendo um quadro sobre eventos da vida escolar ocorridos com a criança) e IV- Interesses e Rotina (10 perguntas abertas), elaboradas pela pesquisadora.

- Inventário Multimídia de Avaliação de Habilidades Sociais de Crianças-versão impressa (IMHSC-Del Prette) (Anexo B): Este instrumento, elaborado por Del Prette & Del Prette (2005), avalia indicadores de frequência, adequação e dificuldade de emissão de reações habilidosas e não habilidosas de crianças de 7 a 12 anos, a partir da auto

avaliação da criança e versão-professor. Neste estudo, foi utilizada somente a versão de auto avaliação, cabendo aos professores que indicassem na ficha de cada criança a presença de dificuldades de aprendizagem e sua intensidade (muita, pouca, nenhuma), assim como de problemas de comportamento (muitos, poucos, nenhum). As 21 situações e suas três formas de reação (não habilidosa passiva, habilidosa e não habilidosa ativa) avaliadas pelas crianças são apresentadas em um caderno de pranchas. Os itens (situações) estão agrupados em quatro subescalas: Empatia e civilidade- habilidades de expressão de sentimentos positivos de companheirismo, solidariedade e polidez social (itens 06, 10, 13, 14, 16, 18, 19, 21); Assertividade de enfrentamento- habilidades de afirmação e defesa de direitos e de autoestima (itens 03, 05, 11, 17, 20); Autocontrole- habilidades que envolvem controle emocional frente a demandas que gerem frustração ou de reação negativa de colegas (itens 02, 07, 09, 15); e Participação- habilidades de envolvimento e comprometimentos com o contexto social, mesmo que as situações do ambiente não lhe sejam dirigidas diretamente (itens 01, 08, 13); e mais dois itens que não se enquadram nessas subescalas, sendo agrupados e denominados de “Não-Fatores” (04,12).

Os materiais utilizados foram:

- Caderno de Pranchas da versão impressa do IMHSC-Del Prette que apresenta 21 situações e as três reações interpessoais ilustradas com as imagens digitalizadas extraídas do vídeo usado no CD-ROM.
- Lápis e borracha
- Fichas de autoavaliação C para informações pessoais e de vida escolar da criança, como reprovação, dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento e para preenchimento das respostas de frequência das reações de habilidades sociais.

- Cartões de Siglas das Escalas para verificação do reconhecimento das letras utilizadas pelas crianças no momento do preenchimento. Apresenta os nomes e siglas das escalas utilizadas no IMSHC-Del Prette (Frequência- ‘S’ de sempre, ‘V’ de às vezes, e ‘N’ de nunca)

Procedimento

As etapas da pesquisa estão ilustradas na figura 6 abaixo.

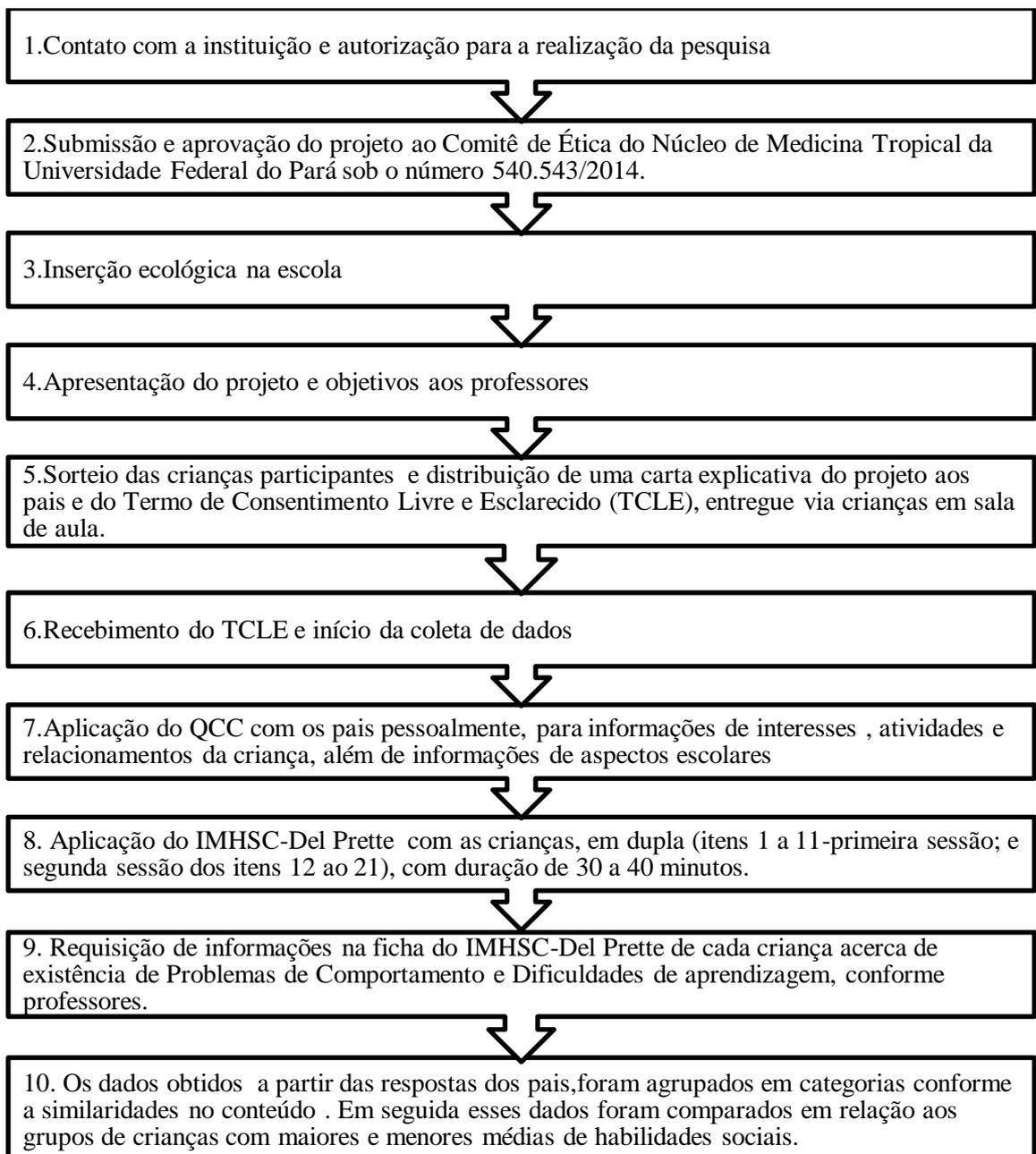


Figura 2. Etapas da pesquisa.

Resultados

Os resultados iniciais referem-se às comparações feitas entre os grupos com menores (MEHS) e maiores (MAHS) escores de habilidades sociais em relação as suas características biopsicológicas, conforme a Tabela 1.

Tabela 1. Interesse, atividades, características biopsicológicas, conforme cuidador da criança e médias de frequência de reações habilidosas e não habilidosas passiva e ativa a partir do IMHSC-Del Prette

Variáveis	Categorias	Grupo com menores	Grupo com
		médias de reações HAB	maiores médias de reações HAB
		N	N
Sexo	Masculino	5	1
	Feminino	5	9
Idade	6-7	6	-
	8-9	2	5
	10-12	2	5
Interesses/lazer	Jogos virtuais	3	1
	Brincadeiras com brinquedos	2	1
	TV/DVD	3	3
	Brincadeiras com movimento	1	2
	Ativ. esportiva	1	-
	Leitura/Artes	-	3
Companhias no lazer	Sozinho	2	3
	Parentes	1	1
	Irmãos	5	1
	Vizinhos	1	5
	Família	1	-
Atividade no contraturno	Religiosa	1	1
	Sem atividade	6	4
	Aula de reforço	3	-
	Aula de música	-	1
	Esporte	-	3
Relacionamento com crianças	Curso de idioma	-	1
	Sem conflito	6	7
Relacionamento familiar	Pouco sociável	4	3
	Sem conflito	8	8
Humor e comportamento	Com conflito	2	2
	Positivo	8	9
Reação à frustração	Negativo	2	1
	Não aceita bem	10	8
	Aceita bem	-	1
Ajuda espontânea	Não fala nada	-	1
	Sim	9	7
Brigas e provocações	Não	1	3
	Sim	6	4
	Não	4	6

De acordo com os dados apresentados na Tabela 1, conforme o relato dos cuidadores, sobre as características pessoais e contextuais que predominaram no perfil do grupo de crianças com as menores médias na avaliação das habilidades sociais pesquisadas (MEHS), destacaram-se: a) Os interesses e atividades de lazer mais citados foram assistir programas de televisão e DVD; b) Os irmãos são apontados como a companhia mais frequente nas atividades de lazer; c) Em sua maioria, os responsáveis informaram que as crianças não realizavam atividades regulares no contra turno escolar; d) Ausência de conflitos nas relações com outras crianças e familiares; e) Presença de humor e comportamentos positivos; f) Não reagem bem a frustrações; g) Apresentam comportamento de ajuda espontânea; e h) Seis crianças das 10, envolvem-se em brigas e provocações.

O grupo MAHS, por sua vez, apresentou no geral as seguintes características pessoais e contextuais, conforme demonstrado na Tabela 2: a) Os interesses de lazer mais comuns das crianças são leitura/artes e assistir televisão/DVD; b) As companhias mais frequentes para brincar são os vizinhos; c) As atividades no contraturno são variadas (esportivas, aulas de música e de idioma); d) Os relacionamentos com outras crianças e familiares são sem conflitos; e) Há indicação de humor e comportamento positivos; e) Não reagem bem diante de uma situação que lhes gera frustração; f) ajudam espontaneamente; e h) Seis crianças das dez não se envolvem em brigas e provocações.

A Tabela 2 apresenta aspectos escolares e sua distribuição nos grupos com maiores médias e menores médias de habilidades sociais.

Tabela 2. Características escolares distribuídas conforme os grupos com menores e maiores médias de emissão de frequência de reações socialmente habilidosas segundo cuidador e professores

Variáveis	Categorias	Grupo com	Grupo com maiores
		menores médias de reações HAB	médias de reações HAB
		n	N
Sexo	Masculino	5	1
	Feminino	5	9
Idade	6-7	6	-
	8-9	2	5
	10-12	2	5
Ano escolar	2º-3º	9	-
	4º-5º	1	10
Dificuldade de aprendizagem	Sim	9	5
	Não	1	5
Problemas de comportamento	Sim	9	1
	Não	1	9
Idade de ingresso escolar	≤3anos	4	4
	≥4anos	6	6
Experiência escolar anterior	Sim	9	9
	Não	1	1
Adaptação escolar	Fácil	7	7
	Difícil	3	3
Mudança escolar	Sim	9	9
	Não	1	1
Suspensão	Sim	8	-
	Não	2	10
Reprovação	Sim	2	2
	Não	8	8
Frequenta as aulas	Sim	10	9
	Não	-	1
Interesse na escola	Sim	9	9
	Não	1	1
Aulas de reforço	Sim	4	-
	Não	6	10
Desempenho escolar	Ruim	3	-
	Regular	3	2
	Bom	3	6
	Excelente	1	2

Especificamente em relação às características escolares, observa-se, pela tabela 2, que as crianças com as menores médias de habilidades sociais: a) foram em mesma quantidade de meninos e meninas; b) Idade de 6 e 7 anos; c) Pertenciam ao 2ª e 3ª ano; d) Apresentavam dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento; e) A idade de ingresso na instituição escolar variou de três a cinco anos; f) Possuíam experiência escolar anterior à escola atual; g) Seis crianças das dez tiveram adaptação

fácil; h) Mudaram de escola; i) Sem histórico de suspensão escolar, com exceção de duas crianças; j) Ausência de reprovação em oito crianças; i) Frequentavam as aulas; l) Demonstravam interesse em ir à escola; m) Seis crianças não possuíam apoio pedagógico; n) Apresentavam desempenho escolar considerado ruim e regular.

Ainda na tabela 2 observa-se que as crianças com maiores médias tiveram como características escolares predominantes: a) Eram do sexo feminino; b) Idades de 9 e 10 anos; c) Frequentavam o 4º e 5º ano; d) Não possuíam dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento; e) Idade de ingresso em instituição escolar variou de três a cinco anos; f) Estudaram em outro colégio antes do atual; g) Tiveram uma adaptação escolar fácil; h) Passaram por mudança escolar; i) Ausência de histórico de suspensão escolar; j) Sem ocorrência de reprovação, com exceção de duas crianças; l) Frequentavam as aulas; m) Demonstravam interesse em ir à escola; n) Seis crianças não frequentavam aulas de apoio pedagógico; o) e Apresentavam desempenho escolar avaliado como bom e excelente.

Discussão

Este estudo investigou características contextuais (interesses/lazer, atividades no contraturno, e aspectos escolares) e características biopsicológicas (relacionamento, humor e comportamento) em relação à frequência de emissão de habilidades sociais em dois grupos de crianças com médias altas e baixas avaliadas pelo IMHSC-Del Prette.

No que diz respeito aos interesses das crianças, foram percebidas diferenças entre os grupos nas atividades desenvolvidas por elas no tempo livre. Os jogos virtuais apareceram em maior número em crianças do grupo MEHS, e atividades de leitura e artes no grupo MAHS. Na literatura está relatado que atividades como jogos virtuais, apesar de estimularem áreas importantes de desenvolvimento infantil (Correa, 2010;

Ramos,2013; Paula,2011) têm sido associadas com frequência à manifestação pelas crianças e seus parceiros de comportamentos agressivos, como apontam Batista, Quintão & Lima (2008). Enquanto que atividades como leitura e artes (especialmente, desenho) tendem a favorecer na criança maior desempenho social, uma vez que são canais de identificação com personagens, de leitura de mundo e de situações e comportamentos, além da expressão de sentimentos (Dias & Almeida,2009;Rodrigues & Tavares,2009; Veit, 2007).

Adicionalmente, pode-se citar que a literatura aponta a existência de relações entre maiores escores de habilidades sociais e bom desempenho na leitura (Molina & Del Prette,2006; Sabol & Pianta, 2011), como encontrada no grupo MAHS. Entretanto, a ausência da atividade de leitura no grupo MEHS pode ser explicada também porque estas crianças possuíam dificuldades de aprendizagem, principalmente na leitura (algumas ainda estavam aprendendo a ler), conforme relatos de professores e cuidadores, e por isso não manifestaram interesse nessa atividade.

Assistir à televisão e DVD são atividades que apareceram igualmente nos dois grupos de habilidades sociais. Estudos mostram que essas são atividades que podem favorecer e/ou prejudicar o desenvolvimento da criança, dependendo do conteúdo e qualidade dos programas assistidos (Dukin & Low, 1999), assim como a mediação que os cuidadores das crianças fazem em relação a eles. Vale lembrar que os programas de televisão constituem-se como exossistema que traz informações sobre diversas formas de viver e se comportar e que contrastam ou não com o ambiente em que a criança vive e interage, e que podem ser tomados como modelos de reprodução se não forem adequadamente expostos às crianças (Bronfenbrenner,1996).

Outras brincadeiras mencionadas pelos cuidadores das crianças foram brincadeiras com movimento e com brinquedos, ainda que em menor ocorrência nos

dois grupos de crianças. As brincadeiras podem constituir como atividades molares (Bronfenbrenner,1996) e a interação gerada a partir delas com o contexto favorece o desenvolvimento da criança, provavelmente em razão do contato com objetos presentes no ambiente físico e com outras pessoas ao seu redor, e vivências variadas.

Já as atividades no contraturno que tiveram destaque para o grupo com maiores habilidades sociais incluiu atividades variadas como música (Blandfor & Duarte,2004; Carminatti & Khrug,2010; Souto,2012;), idiomas (Pereira & Peres,2011), e, principalmente esporte (Lima e Coser,2010; Feiten e Pergher, 2013). De acordo com a literatura, por meio desse tipo de atividade crianças são expostas a aprendizados de habilidades específicas (motoras, cognitivas), assim como desenvolvem o senso de responsabilidade e disciplina, aprendem o cumprimento de regras e o valor do respeito ao outro (Aubrey & Dahal,2006; Pederiva & Tristão, 2006; Rocha,2007)

Os pares para realização de atividades mais comuns citados pelos cuidadores foram os vizinhos, no grupo de maiores médias de habilidades sociais, e irmãos e sozinho na amostra de crianças com menores médias. Os dados sugerem que o primeiro grupo parece ter mais oportunidades de interação com parceiros e coetâneos que não pertencem ao seu próprio grupo familiar, talvez por serem crianças com mais idade e que já tinham permissão de brincar fora de casa, diferentemente dos participantes do grupo MEHS. E esta interação com crianças externa ao núcleo familiar possibilita contato com outras percepções de realidade, de costumes, o que favorece a enfrentar situações e comportamentos diferenciados e lidar com outras experiências de resolução de conflitos (Bronfenbrenner,1996).

As características pessoais das crianças expressas a partir das variáveis ‘humor e comportamento’, ‘relacionamentos com outras crianças’ e ‘relacionamento familiar’ de modo geral foram consideradas como positivas e sem conflito em ambos os grupos. O

comportamento de ajuda espontânea foi mais expressivo no grupo de MEHS o que pode ser atribuído ao fato de estas crianças passarem mais tempo dentro de casa, relacionando-se mais com pessoas do microsistema familiar, além de possuírem idades menores e buscarem ainda mais atenção e companhia dos familiares, diferentemente do outro grupo, que apresentaram maiores médias de habilidades sociais, tinham seu tempo mais ocupado com outras atividades, e tinham mais liberdade de brincar fora de casa. Apesar destes resultados favoráveis ao desenvolvimento da criança, foram observadas também características pessoais que denotam ocorrência de problemas de comportamento em participantes dos dois grupos, como a ocorrência de duas crianças no grupo de MEHS e uma no de MAHS, classificadas como pessoas com humor e comportamento negativos.

Durante a pesquisa, observou-se que as mães das crianças que pertenciam aos primeiro grupo (MEHS) descreveram o filho como 'agressivo', por sua vez, as mães com filhos no segundo grupo(MAHS) apresentavam o filho como 'tímido'. E quando falaram da reação do filho diante de situações em que foi contrariado, os comportamentos emitidos foram choro, demonstração de raiva e xingamento, por isso reações à frustrações consideradas como negativa. Além disso, as mães destacaram que seus filhos são crianças que costumam envolver-se em brigas e provocações, sendo estes problemas de comportamentos também encontrados em outros grupos de crianças estudados na literatura (Bolsoni-Silva & Del Prette,2002; Bolsoni-Silva, Paiva & Barbosa,2009; Gonçalves & Murta,2008; Maddern et al, 2004).

Outra variável que merece destaque é o sexo. Neste estudo, as crianças que obtiveram maiores médias de habilidades sociais eram predominantemente do sexo feminino, concordando com a literatura que indica que meninas apresentam, geralmente, melhor repertório social em relação aos meninos (Cecconello

&Koller,2000; Fumo,2009; Garaigordobil & Maganto,2011; Valle & Garnica,2009). No grupo de MEHS, os resultados não mostraram diferenças de frequência entre os gêneros, o que permite pensar que a idade apresentada por essas crianças pode ter mais peso no padrão comportamental deficitário de habilidades sociais quando comparada ao gênero.

Sobre a variável idade, verificou-se que a faixa etária das crianças no grupo MEHS foi de 6 e 7 anos, enquanto que os participantes do grupo MAHS eram mais velhos, possuindo 9 e 10 anos de idade. Esses resultados confirmam os dados da literatura que relata haver um aumento no repertório social habilidoso das crianças conforme a idade o avanço da criança, por considerar seu maior amadurecimento psicológico e senso de autonomia em relação aos cuidadores primários (Bolsoni-Silva, Marturano & Freiria,2010; Garaigordobil & Maganto, 2011; Sabol & Pianta, 2011; Welsh et al,2001).

Sugere-se, assim, que características biopsicológicas da pessoa podem concorrer para problemas de comportamento, uma vez que segundo Bronfenbrenner (2011), os efeitos dos seus atributos enquanto funcionam como classes de comportamento e de crenças que têm efeitos esperados sobre sua trajetória desenvolvimental, mas “depende do grau significativo dos padrões correspondentes de resposta que eles evocam do ambiente da pessoa” (p.172). Portanto, deve-se considerar que as relações estabelecidas com pares (Castro, Mello & Silvares,2003; Gonçalves & Murta,2008), cuidadores ou cuidadores, conforme os modelos disponibilizados e modos de educação parentais (Bolsoni-Silva & Del Prette,2002; Bolsoni-Silva, Paiva & Barbosa,2009), afetam a emissão de inadequações comportamentais (Barros,2008; Salvo, Silvares & Toni,2005) e que podem ser modificados através de treinos de habilidades sociais, tanto para as crianças (Gonçalves & Murta,2008; Maddern et al., 2004) quanto aos cuidadores

(Pinheiro et al.,2006), já que as características pessoais atuam em interação com o contexto e são passíveis de alterações.

Em relação aos aspectos escolares, encontrou-se que crianças com maiores médias nas habilidades sociais frequentavam série escolar mais avançada (4º e 5º ano) o que confirma o estudo realizado por Bandeira et al. (2006b), mas contraria os resultados de Saud e Tonelotto (2005) que apontaram relação inversa, assim como Fumo (2009) que também não encontrou diferenças no desempenho social entre escolares de diferentes séries. Pode-se pensar que conforme o grau ou a série cursada pela criança, as exigências mudam e mais regras e participação nas atividades são exigidas, o que requer um maior controle emocional e domínio de habilidades relacionais, além do crescimento e amadurecimento da criança também ocorrer. Entretanto, percebe-se que a variável série escolar ainda necessita de mais investigações para verificar as características específicas de cada contexto e poder entender as contradições encontradas na literatura.

O desempenho escolar das crianças considerado como ruim e regular, segundo a percepção do cuidadores, foi mais frequente no grupo que apresentou médias inferiores de habilidades sociais. Esse dado sugere que déficits em habilidades sociais podem estar associados ao baixo desempenho acadêmico da criança, conforme analisou também Bandeira et al. (2006b). Ainda neste grupo, frequentar aulas de ‘apoio pedagógico’ também foi outra variável que esteve presente em seu perfil do grupo de forma predominante, mas isso pode estar ligado ao fato destas crianças necessitarem de mais orientação dos conteúdos das matérias de sala aula, posto que seu desempenho escolar em sua maioria foi avaliado como ruim e regular. Observou-se que quatro crianças (duas do grupo de menores médias, e duas do de maiores médias) apresentaram histórico de reprovação escolar, e quando questionados aos cuidadores os motivos que justificaram esse fato, percebeu-se que a dificuldade de aprender a ler foi o motivo

relatado majoritariamente. Deve-se ressaltar que o contexto escolar e seus integrantes e recursos não podem ser esquecidos nesta discussão, uma vez que representavam um microsistema de desenvolvimento que deve ser disponibilizar práticas pedagógicas que atendam as necessidades da criança, facilitando o processo ensino-aprendizagem (Dessen & Polônia,2007; Marturano & Loureiro,2007). Assim, a própria promoção de habilidades sociais, neste contexto, torna-se importante uma vez que outros estudos (Molina & Del Prette,2006; Sabol & Pianta,2011) apontam para benefícios na leitura e desempenho acadêmico em crianças com escores altos de habilidades sociais, e melhoras nos relacionamentos entre pares (Castro, Mello & Silvaes,2003; Gonçalves & Murta,2008).

Sobre problemas de comportamento e dificuldades de aprendizagem presentes principalmente em crianças com menores médias de habilidades sociais, os achados deste estudo confirmam os da literatura apresentada (Bandeira et al.,2006b; Barreto et al.,2011; Feitosa, Del Prette, Del Prette & Loureiro, 2011). As duas crianças com histórico de suspensão escolar também apresentavam problemas de comportamento e que haviam obtido baixas médias de habilidades sociais.

Em relação a outras características escolares (idade de ingresso, experiência escolar anterior, adaptação, mudanças de escola) as respostas foram parecidas nos dois grupos. Ou seja, as idades mais mencionadas em ambos os grupos, de ingresso na escola foram de 3 e 4 anos; somente duas crianças, uma de cada grupo não estudaram em outra instituição, logo não mudaram de escola; quatro crianças no grupo de MEHS e três no de MAHS tiveram dificuldades em sua adaptação escolar. Segundo a literatura, é comum crianças apresentarem nível de estresse e problemas de comportamento nos anos iniciais escolares (Gonçalves & Damke, 2007; Picado & Rose,2009; Lipp, Arantes, Buriti,Witizig, 2002), o que alerta para investigações sobre transição ecológica da

criança no período de adaptação escolar, considerando o perfil comportamental nas idades mencionadas e experiências relacionais anteriores da criança, e que acompanhando a criança desde as idades pré-escolares mais chances há de se identificar padrões de comportamento disruptivo e possibilidade de intervenção (Bolsoni-Silva, et al., 2010; Dereli, 2009; Han, et al., 2005; Sabol e Pianta, 2011).

Com relação à frequência às aulas, somente uma criança do grupo de MAHS não tem assiduidade nas aulas, e segundo a mãe é porque, como ela repetiu o ano, ficou desmotivada por não estudar com a mesma turma e se sentir com poucos amigos. Apenas uma criança de cada grupo não tem interesse em ir à escola, e as razões seriam que a criança do grupo MEHS ficou alguns anos sem estudar devido à doença da mãe, e apresentou muitas dificuldades de aprendizagem no retorno às aulas, repetência e problemas de comportamento, sendo constantemente alvo de piadas em turmas anteriores, o que pode refletir insegurança interpessoal e acadêmica na turma atual. A criança pertencente ao grupo MAHS, às vezes faltava às aulas porque ainda não se acostumara com o novo horário de estudo. Estudar no período vespertino, causava-lhe desconforto, sobretudo por ter que caminhar sob o sol durante o trajeto de casa para a escola.

Diante dos resultados apresentados percebe-se, nestes casos aqui destacados, que características particulares influenciam a relação que a criança tem com o contexto escolar atual e, a presença dos cuidadores trabalhando conjuntamente com a escola, poderia favorecer melhores interações que a envolvesse, configurando uma ligação mais estreita entre os ambientes ecológicos. Conforme a literatura que trata das experiências escolares (Fram, Kim & Sinha; Gonçalves & Damke, 2007; Lipp et al., 2002; Pacheco & Sisto, 2005; Picado & Rose, 2009), o ambiente escolar pode tanto favorecer como dificultar o amadurecimento emocional e social, dependendo das experiências

vivenciadas pela criança e oferecidas pela escola (Dessen & Polonia,2007; Marturano & Loureiro,2007; Tonelloto,2002), e o treinamento de habilidades sociais no ambiente escolar tem sido eficaz nas melhorias de relacionamentos interpessoais e acadêmicos (Dereli,2009; Moreira et al,2010).

Considerações finais

Este estudo comparou dois grupos de dez crianças com médias baixas e altas do indicador frequência de reações socialmente habilidosas em relação a suas atividades de lazer, relacionamentos, e aspectos escolares e encontrou semelhanças e diferenças entre os grupos. Os resultados indicaram diferenças nas atividades de lazer, onde se observou que no grupo de MEHS prevaleceram atividades de jogos virtuais, companhia de irmãos e ausência de atividade no contraturno, enquanto no grupo de MAHS, prevaleceram atividades de leitura/artes, companhias de vizinhos, e atividades variadas no contraturno estiveram mais presente. Percebe-se que o segundo grupo possui uma variedade maior de interações e em contextos ecológicos diversos, o que possibilita maior estimulação em diversas áreas (cognitivas, motoras, emocionais), favorecendo um desenvolvimento positivo destas crianças.

Aspectos de características do elemento Pessoa do modelo bioecológico do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner e o fator ‘pessoal’ do qual também depende o aprendizado e emissão das habilidades sociais, referido por Del Prette & Del Prette (2009) podem explicar as similaridades nos aspectos relacionais, de humor e comportamento das crianças, e de reação à frustração, além de comportamentos específicos como ajudar e envolver-se em brigas, já que individualidades interagem com e no contexto da criança que é dotado de objetos, símbolos e pessoas que também agem no ambiente e nas características de força, demanda e recursos das crianças.

Sobre o aspecto escolar, esta pesquisa confirmou resultados da literatura no que diz respeito a repertório de habilidades sociais inadequado em crianças que frequentam séries iniciais, que possuem dificuldade de aprendizagem e problemas de comportamento com histórico de suspensão, e baixo desempenho acadêmico.

Uma lacuna que permanece neste estudo diz respeito a ausência de medidas de avaliação que gerasse um perfil comportamental da criança, já que o instrumento utilizado foi auto avaliação para as habilidades sociais e relato dos cuidadores para descrever o padrão comportamental da criança. Estas formas de avaliação, embora válidas nem sempre são plenamente confiáveis visto que pode haver falseamento das respostas para informações socialmente aceitas (Barreto, Freitas, Del Prette e Del Prette,2011; Del Prette & Del Prette,2005). Além da ausência informações mais consistentes sobre as práticas educativas parentais que ajudariam a entender melhor os comportamentos problemáticos citados pelos cuidadores. Outro aspecto limitante é que as medidas de habilidades sociais consideradas foram as habilidosas, e a comparação das não habilidosas em relação às mesmas características poderiam complementar o quadro geral do repertório social das crianças.

Sugerem-se outras medidas de avaliação para estudos futuros e espera-se que os resultados aqui encontrados sejam úteis na ampliação do olhar sobre habilidades sociais, não só por considerar o aspecto escolar da criança que já é amplamente estudada, mas de aspectos da pessoa e do processo que facilitam ou dificultam a emissão e aprendizagem das habilidades sociais, considerando para tanto, a passagem do tempo, o e contexto em que a criança vive e se relaciona. Isso significa observar os elementos de atividades, papéis e relações pois, que dependendo de com quem interagem, da sua complexidade e regularidade podem influenciar positivamente o desenvolvimento da criança não só socialmente, mas no sentido global.

Considerações gerais finais

A partir dos três estudos apresentados foi possível verificar relações entre determinadas características pessoais das crianças participantes e fatores contextuais familiares descritores da população estudada com médias de habilidades sociais de escolares a partir do referencial da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento humano.

O primeiro estudo que evidenciou características pessoais e habilidades sociais encontrou correlação positiva para a variável idade, indicando que nesta amostra existe um aprimoramento de habilidades sociais conforme a maturação etária (Bee,2003; Cecconello & Koller,2000; Pavarino, Del Prette & Del Prette,2005). Para a variável sexo não houve correlação significativa ainda que médias maiores de reações socialmente habilidosas tenham sido encontradas em crianças do sexo feminino, e reações não habilidosas ativa presentes mais nas de sexo masculino. Estas variáveis associadas ao repertório de habilidades sociais expressam que diferenças biológicas contribuem para a variação de padrões de comunicação e relações sociais, conforme afirma Caballo (2012).

Outras variáveis sem associações significativas no Estudo I foram condições clínicas e tratamento de saúde, contrariando a literatura apresentada (Gon, Menezes, Jacovozzi & Zazula,2013; Mendes et. al, 2009; Salomão Júnior et. al, 2008). Estas divergências revelam que outros fatores atuam na presença de um repertório social adequado das crianças participantes uma vez que valores e modelos de comportamento são aprendidos no primeiro microsistema da criança, dependendo do valor e importância atribuídos a eles e norteiam seu modo de agir, independente do sexo e condições clínicas específicas.

O segundo estudo não encontrou relações significativas entre habilidades sociais e variáveis sociodemográficas e econômicas familiares contrariando outros achados da literatura o que permite indagações sobre a natureza das relações pessoais e de recursos

disponibilizados no contexto familiar estudado e da relação do mesossistema família-escola que talvez estejam atuando como fator de proteção no desenvolvimento da criança, posto que essas famílias em sua maioria apresentam características sinalizadas pela literatura como prejudiciais, como baixa renda e composição familiar monoparental. A qualidade das relações familiares, considerando ser a família o contexto primário de desenvolvimento repercute nas atividades, papéis e relações das crianças em outros ambientes, e se positivos, atuam como fatores de proteção frente possíveis adversidades materiais enfrentadas por essas crianças, como demonstram os estudos sobre o envolvimento parental em famílias nessas condições (Cia, Pamplim & Del Prette, 2006; Cia & Barham,2009; Foster et al.,2005; Roopnarine et al,2006). Estes aspectos contextuais podem levar a constituição de um padrão similar de comportamento nos grupos de convivência dessas famílias (Bronfenbrenner, 2011), possibilitando que as crianças aprendam a lidar de forma diferenciada com as demandas situacionais em função da sua condição de gênero (Del Prette & Del Prette, 2009; 2011). Além disso, a própria escola também pode ser considerada como um fator de proteção para essas famílias carentes, já que por seu caráter filantrópico prioriza atender crianças da redondeza em situação de risco, e conseqüentemente esforça-se para estender esse cuidado aos cuidadores dos alunos através de projetos socioassistenciais mantidos nela e seus parceiros.

Sobre características biopsicológicas e habilidades sociais investigadas no Estudo III, os resultados que trouxeram diferenças entre os grupos foram nos interesses/lazer e atividades que as crianças realizavam, com destaque para leitura/artes e atividades variadas, principalmente o esporte no grupo que possuíam maiores médias de habilidades sociais. Estas podem ser consideradas, segundo Bronfenbrenner (1996), como atividades molares, pois estimulam o desenvolvimento da criança em diversas áreas, realizadas em

período regular de tempo e que envolvem díades ou mais pessoas. Além disso, os contextos ecológicos nos quais as crianças interagem possibilitam maiores experiências e contatos com outras formas de agir e perceber o mundo, o que reflete no seu desempenho social.

No estudo III de caráter descritivo, verificou-se que aspectos relacionais e de humor e comportamento da criança, conforme o relato dos cuidadores, não trouxe diferenças em termos de frequência de categorias, revelando de um modo geral ajustamento social familiar e com outras crianças. Entretanto, houve ocorrência de indicativos de comportamentos problemáticos (reação negativa frente situações que geram frustrações, envolvimento em brigas e provocações, desobediência) em algumas crianças de ambos os grupos (MEHS e MAHS), que sinalizam déficits de certas classes de habilidades sociais, tais como autocontrole e expressividade emocional, solução de problemas interpessoais, e empatia. Essas inadequações mencionadas podem revelar um perfil de características pessoais, mas também refletir um padrão relacional inadequado com os cuidadores ou cuidadores, já que déficits em habilidades sociais parentais e estilos parentais negativos associam-se a queixas de comportamentos problemáticos nos filhos (Bolsoni-Silva & Del Prette, 2002; Bolsoni-Silva, Paiva & Barbosa, 2009).

A comparação de características escolares de dois grupos de crianças (maiores e menores médias de habilidades sociais) confirmou relações existentes entre dificuldades de aprendizagem, problemas de comportamento entre crianças com menores médias de habilidades sociais. Além disso, também encontrou maior presença de apoio pedagógico e duas ocorrências de suspensão no mesmo grupo. Nota-se que, devido a importância que o microsistema escolar possui para o desenvolvimento pessoal da criança (Dessen & Polônia, 2007; Marturano & Loureiro, 2007), este poderia favorecer melhores resultados nessas variáveis através de programas de prevenção de problemas de comportamento e de

aprimoramento de habilidades sociais, trazendo mais qualidade nas relações interpessoais entre as crianças e na relação com os professores, além de resultados positivos no desempenho acadêmico (Castro, Mello & Silves,2003; Gonçalves & Murta,2008; Molina & Del Prette,2006; Sabol & Pianta,2011).

A avaliação das habilidades sociais destas crianças, de modo geral, foi positiva uma vez que as médias comparadas aos da amostra de referência presente no manual do instrumento. Os resultados revelam que o indicador adequação das reações habilidosas revelou-se acima da média, enquanto o indicador dificuldade esteve abaixo da média, sugerindo pouco déficit de fluência na amostra.

Em síntese, esta investigação buscou caracterizar uma amostra de escolares de Belém do 2º ao 5º ano do ensino fundamental que frequentavam uma escola pública e moravam na periferia da cidade, no que diz respeito às suas características pessoais, escolares e fatores contextuais familiares associados às suas médias de habilidades sociais, à luz do modelo bioecológico (Bronfenbrenner,2011). Com isso, pretendeu-se não só ampliar o conhecimento do perfil dessa amostra, como inovando na avaliação do repertório social, visto que não se encontram dados desta natureza sobre crianças que vivem na região do norte do Brasil. Além disso, o estudo considerou os elementos Pessoa e Contexto no âmbito da avaliação das habilidades sociais, na tentativa de compreendê-los de forma articulada. Embora estes elementos tenham sido apresentados e analisados nos dois primeiros estudos de forma recortada, apontou-se que para melhor compreensão dos resultados obtidos, estes deveriam ser vistos influenciando-se mutuamente. No terceiro estudo esta articulação foi buscada no sentido de compreender os fatores contextuais e características pessoais lado a lado.

Acrescenta-se ainda que o estudo das habilidades sociais traga dados para planejamentos de intervenções no sentido de promover um melhor desempenho escolar e

maior qualidade nas relações, sendo útil, portanto para prevenção de problemas de comportamento no ambiente escolar, principalmente. E o espaço escolar é útil para conhecer melhor as práticas educativas parentais e orientá-los a fim de favorecer relações familiares de qualidade e melhorias no padrão relacional das crianças, assim como seus desempenhos acadêmicos.

Vale ressaltar que para uma análise mais abrangente, e conforme as lacunas e limitações dos três artigos, uma proposta é a inclusão dos elementos Processo e Tempo para novas investigações, através da inclusão de outros instrumentos que avaliem o padrão comportamental geral da criança e sobre as práticas educativas parentais que possam fornecer mais informações para compreender os dados contraditórios sobre as não associações entre habilidades sociais e variáveis sociodemográficas e de envolvimento familiar.

REFERÊNCIAS

- Amar, J.A. (2000). Niños invulnerables: factores cotidianos de protección que favorecen el desarrollo de los niños que viven en contextos de pobreza. *Psicología desde el Caribe*, Universidad de Norte,05, 96-126.
- Angélico. A.P. (2004). *Estudo descritivo do repertório de habilidades sociais de adolescentes com síndrome de Down*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de São Carlos, São Paulo.
- Arnold,D.H.,Kupersmidt,J.B.,Voegler-Lee,M.E.&Marshall,N.A.(2012).The association between preschool children’s social functioning and their emergent academic skills *Early Childhood Research Quarterly*, 27, 376– 386.
- Arslan, E.,Durmusoglu-Saltali, N. &Yilmaz, H. (2011). Social Skills And Emotional And Behavioral Traits Of Preschool Children. *Social Behavior And Personality*, 39(9), 1281-1288.
- Ashdown, D.M. & Bernard, M.E. (2012). Can Explicit Instruction in Social and Emotional Learning Skills Benefit the Social-Emotional Development, Well-being, and Academic Achievement of Young Children? *Early Childhood Educ J.* V.39. p.397–405.
- Assis,S.G. Avanci,J.Q. Oliveira, R.V.C. (2009).Desigualdades socioeconômicas e saúde mental infantil.*Revista de Saúde Pública*, 43,92-100.
- Aubrey,C. & Dahal, S.(2006)Children’s Voices: The Views of Vulnerable Children on Their Service Providers and the Relevance of Services They Receive. *British Journal of Social Work*, 36, 21–39.
- Bandeira, M.;Rocha, S.S Souza.T.M.P., Del Prette, Z.A.P. & Del Prette, A. (2006a). Comportamentos problemáticos em estudantes do ensino fundamental:

características da ocorrência e relação com habilidades sociais e dificuldades de aprendizagem. *Estudos de Psicologia*, 11(2), 199-208.

Bandeira, M. Rocha, S.S Freitas, L.C. Del Prette, Z.A.P. & Del Prette, A. (2006b).

Habilidades sociais e variáveis sociodemográficas em Estudantes do ensino fundamental *Psicologia em estudo*, Maringá, 11(3), 541-549.

Barreto, S. O., Freitas, L.C. & Del Prette, Z. A. P. (2011). Habilidades sociais na comorbidade entre dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento: uma avaliação multimodal. *PSICO*, 4 (42), 503-510.

Batista, M.L.S., Quintão, P.L. & Lima, S.M.B. (2008). Um Estudo sobre a Influência dos Jogos Eletrônicos sobre os Usuários. *Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery*, 4, 2-11.

Bee, H. (2003). *A criança em desenvolvimento*. Porto Alegre, Artmed. 9ª edição.

Blandford, S. & Duarte, S. (2004). Inclusion in the community: a study of community music centres in England and Portugal, focusing on the development of musical and social skills within each centre. *Westminster Studies in Education*, 27 (1), 7-25.

Bolsoni-silva, A.T. & Del Prette, A. (2002). O que os pais falam sobre suas Habilidades sociais e de seus filhos? *Revista das Faculdades de Educação, Ciências e Letras e Psicologia Padre Anchieta*, 7, 71-86.

Bolsoni-Silva, A.T., Del Prette, Z.A.P., Del Prette, G., Montagner, A.R., Bandeira, M. & Del Prette, A. (2006). Habilidades sociais no Brasil: Uma análise dos estudos publicados em periódicos. In M. Bandeira, Z.A.P. Del Prette & A. Del Prette (orgs). *Estudos sobre habilidades sociais e relacionamento interpessoal*. (pp.1-45). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Bolsoni-Silva, A.T., Paiva, M.M. & Barbo, C.G. (2009). Problemas de comportamento de crianças/adolescentes e dificuldades de pais/cuidadores: um estudo de caracterização. *Psic. Clin.*, 21(1), 169 – 184.
- Bolsoni-Silva, A. T., Marturano, E. M. & Freiria, L. R. B. (2010). Indicativos de Problemas de Comportamento e de Habilidades Sociais em Crianças: Um Estudo Longitudinal. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(3), 506-515.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos*. Porto Alegre: Artemed.
- Caballo, V.E. (2012). *Manual de avaliação e Treinamento das habilidades sociais*. São Paulo: Santos.
- Caballo, V.E., Inurta, M.J., & Salazar, I.C. (2009). Abordagem cognitiva na avaliação e intervenção sobre habilidades sociais. Em Del Prette, Z.A. & Del Prette, A. (orgs) *Psicologia das habilidades sociais: diversidade teórica e suas implicações*, 67-108. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Campos, J. R. (2010). *Habilidades sociais de adolescentes com indicadores de depressão: considerando fatores de gênero e socioeconômicos*. Dissertação de Mestrado, Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos-UFSCar. São Carlos, SP.
- Carminatti, J.S. & Krug, J.S. (2010). A prática de canto coral e o desenvolvimento de habilidades sociais. *Pensamiento Psicológico*, 7(14), 81-96.
- Castro, R.E.F., Melo, M.H.S. & Silveira, E.F.M. (2003). O Julgamento de Pares de Crianças com Dificuldades Interativas após um Modelo Ampliado de Intervenção. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(2), 309-318.

- Cia,F., Pamplim, R.C.O. & Del Prette,Z.A.P. (2006).Comunicação e participação pais-filhos: correlação com Habilidades sociais e problemas de comportamento dos filhos.*Paidéia,16(35), 395-406.*
- Cia, F. & Barham, E.J. (2009a). Repertório de habilidades sociais, problemas de comportamento, autoconceito e desempenho acadêmico de crianças no início da escolarização. *Estudos de psicologia* 26(1). 45-55.
- Cia,F.&Barham,E.J.(2009b).O envolvimento paterno e o desenvolvimento social de crianças iniciando as atividades escolares. *Psicologia em Estudo, Maringá, 14 (1), 67-74.*
- Cecconello, A.M & Koller, S.H. (2000). Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. *Estudos de Psicologia, 5(1), 71-93.*
- Cooklin,A.R., Giallo,R. & Rose,N. (2011). Parental fatigue and parenting practices during early childhood: an Australian community survey. *Child: care, health and developmen.*Blackwell Publishing Ltd, 38, 5, 654–664.
- Correa,E.S. (2010) *Aprende-se com videogames? Com a palavra, os jogadores.* Dissertação Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Coronel, C.P., Levin, M. & Mejail, S. (2011). Las habilidades sociales en adolescents tempranos de diferentes contextos socioeconômicos. *Eletronic Journal of Research in Education & Psychology, 9 (1),241-262.*
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (1996). Habilidades sociais: Uma área em desenvolvimento.*Psicologia Reflexão e Crítica, 9(2), 233-255.*
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A (2005) *Sistema multimídia de habilidades sociais de crianças (SMHSC-Del-Prette) manual.* São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (orgs.) (2009a) *Psicologia das habilidades sociais na infância: Teoria e Prática*. (4.ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Del Prette, Z.A & Del Prette, A. (2009 b). Componentes verbais, não verbais e paralinguísticos. Em Del Prette,Z.A. & Del Prette, A. (orgs). *Psicologia das habilidades sociais: diversidade teórica e suas implicações*. (pp.149-188). Petrópolis, RJ: Vozes
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2010). *Psicologia das Relações Interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo*. 8.ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A (2011a) *Psicologia das Habilidades Sociais: Terapia, educação e trabalho*.8.ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A (2011 b) *Habilidades Sociais: intervenções efetivas em grupo*. São Paulo. Casa do Psicólogo.
- Dereli. E. (2009). Examining the permanence of the effect of a social skills training programme for the acquisition of social problem-solving skills. *Social Behavior and Personality*,37 (10).
- Dessen M.A., & Polonia, A.C. (2007). A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento. *Paidéia* 17(36), 21-32.
- Dessen, M. A.(2009). Questionário de caracterização do sistema familiar. Em Weber, L. & Dessen, M.A.(orgs). *Pesquisando a Família: Instrumentos para coleta e análise de dados*. 102-114. Curitiba: Juruá.
- Dias, T.P. & Almeida,N.V.F. (2009). Atividade de desenho como mediadora de interações sociais entre crianças. *Paideia*,19 (44), 313-322.
- Durkin,K. & Low,J. (1998). Children and Media Violence. *UNESCO International Clearinghouse on Children and Violence — Yearbook*, 125-148.

- Feiten, G. & Pergher, G.K. (2013). A influência do esporte sobre as habilidades sociais de cadeirantes. Recuperado em 15/01/2014. Obtido em <https://psicologia.faccat.br/moodle/pluginfile.php/197/course/section/98/gabriel.pdf>
- Fram, M.S., Kim, J. & Sinha, S. (2012). Early Care and Prekindergarten Care as Influences on School Readiness. *Journal of Family Issues*, 33, 478-505.
- Feitosa, F.B., Del Prette, Z.A.P., Del Prette, A. & Loureiro, S.R. (2011). Explorando relações entre comportamento social e o desempenho acadêmico em crianças. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 11(2), 442-455.
- Foster, M.A., Lamber, R., Abbot-Shim, M., Mcarthy, F. & Franze, S. (2005). A model of home learning environment and social risk factors in relation to children's emergent literacy and social outcomes. *Early Childhood Research Quarterly* 20, 13-36.
- Fumo, V. M. S. (2009). *Habilidades sociais acadêmicas de crianças com baixo e alto rendimento acadêmico na interação com o professor*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP.
- Fumo, V.M.S., Manolio, C.L. & Bello, S. (2009). Produção científica em habilidades sociais: estudo bibliométrico. *Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva*. XI, 2, 246-266.
- Garaigordobil, M. & Maganto, C. (2011). Empatía y resolución de conflictos durante la infancia y la adolescencia. *Revista latinoamericana de psicología*, 43 (2), 255-266.
- Gresham, F.M. (2009). Análise do comportamento aplicada às habilidades sociais. In Del Prette, Z.A.P., & Del Prette, A. (orgs), *Psicologia das Habilidades Sociais: Diversidade teórica e suas implicações*. (pp.17-66). Petrópolis, RJ: Vozes.

- Gonçalves, E. S. & Murta, S. G. (2008). Avaliação dos Efeitos de uma Modalidade de Treinamento de Habilidades Sociais para Crianças. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(3), 430-436.
- Gonçalves, J.P & Damke, A.S. (2007). Os primeiros dias da criança no ambiente escolar. Recuperado em 15/10/2013. Obtido em <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/CI-420-05.pdf>
- Hammes, P.S., Crepaldi, M.A. & Bigras, M. (2012). Family functioning and socioaffective competencies of children in the beginning of schooling. *The Spanish Journal of Psychology*. 15 (1), 124-131.
- Han, S.S, Catron, T, Weiss, B. & Marciel, K.K. (2005). A Teacher-Consultation Approach to Social Skills Training for Pre-Kindergarten Children: Treatment Model and Short-Term Outcome Effects. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 33(6), 681–693.
- Harden, B.J. & Whittaker, J.V. (2011). The early home environment and developmental outcomes for young children in the child welfare system. *Children and Youth Services Review* 33, 1392–1403.
- Lima, F.F. & Coser, D.S. (2013). Avaliação e comparação de habilidades sociais em alunos participantes do projeto handebol. XX Congresso de Iniciação Científica da UFSCar, *Anais de Eventos da UFSCar*, São Carlos, SP.
- Lipp, M.E.N, Arantes, J.P., Buriti, M.S.M. & Witzig, T. (2002). O estresse em escolares. *Psicologia Escolar e Educacional*, 6(1), 51-56.
- Lisboa, C., & Koller, S.H. (2004). O Microssistema escolar e os processos proximais. In: Koller, S.H. (org). *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil*. pp. 337. São Paulo. Casa do Psicólogo.

- López-Soler,C., Fernández, M. V., Prieto,M., Alcántara, M. V., Castro, M. & López-Pina, J A. (2012) Prevalencia de las alteraciones emocionales en una muestra de menores maltratados. *Anales de psicología*. 28, 3, 780-788.
- Maddern, L., Franey,J. McLaughlin,V. & Cox, S. (2004). An Evaluation of the Impact of an Inter-agency Intervention Programme to Promote Social Skills in Primary School Children.*Educational Psychology in Practice*, 20 (2).
- Marturano,E.M. & Loureiro,S.R. (2007). O desenvolvimento socioemocional e as queixas escolares. In Del Prette,A. & Del Prette, Z.A.P (orgs) *Habilidades Sociais,Desenvolvimento e aprendizagem. Questões conceituais, Avaliação e Intervenção*. (pp.259-291). Campinas,SP. Ed. Alínea.
- Mendes, D.D., Mari, J.J., Singer, M. Barros, G.M., Mello, A.F. (2009). Estudo de revisão dos fatores biológicos, sociais e ambientais associados com o comportamento agressivo. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. 31(Supl II):S77-85.
- Molina,R.C.M. & Del Prette, Z.A P. (2006). Funcionalidade da relação entre habilidades sociais e dificuldades de aprendizagem. *Psico-USF*, 11(1), 53-63.
- Morais, N.A., Koller,S.H. & Raffaelli,M. (2012). Rede de apoio, eventos estressores e mau ajustamento na vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social *Universitas Psychologica*, 11(3).
- Moura,C.B., Marinho-Casanova, M.L., Meurer,P.H. & Campana, C. (2008). Caracterização da clientela pré-escolar de uma clínica-escola brasileira a partir do *Child Behavior Checklist (CBCL)*.*Contextos Clínicos*, 1(1),1-8.
- Olaz, F.O. (2009). Contribuições da Teoria Social-Cognitiva de Bandura para o treinamento de habilidades sociais. Em Del Prette,Z.A. & Del Prette, A. (orgs) *Psicologia das habilidades sociais: diversidade teórica e suas implicações*. (pp.109-148). Petrópolis, RJ: Vozes.

- Pacheco, L. & Sisto, F.F. (2005). Ajustamento social e dificuldade de aprendizagem. *Revista de Psicologia da Vetor Editora*, 6(1), 43-50.
- Paula, G.N. (2011). *A prática de jogar videogame como um novo letramento*. Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da linguagem da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.
- Pavarino, M.G., Del Prette, A. & Del Prette, Z.A.P (2005). O desenvolvimento da empatia como prevenção da agressividade na infância. *PSICO*, 36(2), 127-134.
- Pederiva, P.L.M. & Tristão, R.M. (2006) Música e cognição. *Ciências e cognição*, 9, 83-90.
- Pereira, A.C.S. & Peres, M.R. (2011). A criança e a língua estrangeira: contribuições psicopedagógicas para o processo de ensino e aprendizagem. *Construção Psicopedagógica*, São Paulo-SP, 19 (18), 38-63.
- Picado, J.R. & Rose, T.M.S. (2009). Acompanhamento de pré-escolares agressivos: Adaptação na escola e relação professor-aluno. *Psicologia ciência e profissão*, 29 (1), 132-145.
- Pilger, C. & Abreu, I.S. (2007). Diabetes mellitus na infância: repercussões no cotidiano da criança e de sua família. *Cogitare Enferm*, 12(4), 494-501.
- Pinheiro, M.I.S., Haase, V.G., Del Prette, A., Amarante, C.L.D. & Del Prette, Z.A.P. (2006). Treinamento de Habilidades Sociais Educativas para Pais de Crianças com Problemas de Comportamento *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19 (3), 407-414.
- Ramos, D.K. (2013) *Jogos cognitivos eletrônicos na escola: exercício e aprimoramento dos aspectos cognitivos*. IX Seminário de Jogos eletrônicos, educação, comunicação. Universidade Federal de Santa Catarina. Recuperado em 15/01/2014. Obtido em <http://www.comunidadesvirtuais.pro.br/seminario-jogos/files/Jogos%20cognitivos%20e%20eletr%C3%B4nicos%20na%20escola.pdf>

- Rasmussen,C, Becker,M., McLennan,J, Urichuk, L. & Andrew,G. (2010).An evaluation of social skills in children with and without prenatal alcohol exposure. *Child: care, health and development*, 37(5),711–718.8
- Reedtz,C., Handegard,B.H & Mørch, W.T. (2011). Promoting positive parenting practices in primary pare: Outcomes and mechanisms of change in a randomized controlled risk reduction trial. *Scandinavian Journal of Psychology*, 52, 131–137.
- Rocha, C.H. (2007). O ensino de línguas para crianças no contexto educacional brasileiro: breves reflexões e possíveis provisões. *D.E.L.T.A*, 23(2) 273-319.
- Rodrigues,M.C & Tavares,A.L. (2009). Desenvolvimento sociocognitivo e histórias infantis: subsídios para a prática docente. *Paideia*, 19 (44), 323-331.
- Rodrigues,M.C., Dias,J.P. & Freitas,M.D.R.L. (2010). Resolução de problemas interpessoais: promovendo o desenvolvimento sociocognitivo na escola. *Psicologia Em Estudo*, Maringá, 15(4), 831-839.
- Roopnarine,J.L., Krishnakumar,A., Metindogan,A. & Evans,M. (2006). Links between parenting styles, parent–child academic interaction,parent–school interaction, and early academic skills and social behaviors in young children of English-speaking Caribbean immigrants. *Early Childhood Research Quarterly* 21, 238–252.
- Rosin-Pinola,A.R.R, Del Prette,Z.A.P. & Del Prette,A. (2007). Habilidades sociais e problemas de comportamento de alunos com deficiência mental, alto e baixo desempenho acadêmico. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília,13(2), 239-256.
- Sabol, T.J. & Pianta, R.C (2011). Patterns of School Readiness Forecast Achievement and Socioemotional Development at the End of Elementary School. *Child Development*, 00(0),1–18.

- Salomão Júnior, J.B., Miyazaki, M.C.O.S., Cordeiro, J.A., Domingos, N.A.M. & Valerio, N.I. (2008). Asma, competência social e transtornos comportamentais em crianças e adolescentes. *Estudos de Psicologia I*, 25(2), 185-192.
- Salvo, C.G., Silvaes, E.F.M. & Toni, P.M. (2005). Práticas educativas como forma de predição de problemas de comportamento e competência social. *Estudos de Psicologia Campinas* 22(2), 187-195.
- Santos, L. C. & Marturano, E.M. (1999). Crianças com dificuldade de aprendizagem: um estudo de seguimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. (12)2, 2-16.
- Saud, L.F. & Tonelotto, J.M. (2005). Comportamento social na escola: diferenças entre gênero e séries. *Psicologia Escolar e Educacional*. 9 (1), 47-57.
- Silveira, J.M., Silvaes, E.F.M., & Marton, S.A. (2003). Programas preventivos de comportamentos anti-sociais: Dificuldades na pesquisa e na implementação. *Rev. Estudos de Psicologia*, 20(3), 59-67.
- Silva, M.G.N., Naspitz, C.K. & Solé, D. (2000). Qualidade de vida nas doenças alérgicas: Por que é importante avaliar? *Revista Brasileira de Alergia e Imunopatologia*. Recuperado em 20/12/2013. Obtido em <http://www.asbai.org.br/revistas/Vol236/qual.htm>
- Silva, M.G.N. (2001). Doenças crônicas na infância: conceito, prevalência e repercussões emocionais. *Revista de Pediatria do Ceará* 2(2), 29-32.
- Souto, C.A.P. (2012). Igreja e intervenção social em Belém: o desenvolvimento das habilidades sociais através da educação musical com crianças em estado permanente de risco pessoal e social do bairro do Bengui. Congresso Internacional da Faculdades EST, São Leopoldo. *Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST*. São Leopoldo: EST, 1, 899-913.

- Stevanato, I.S., Loureiro,S.R., Linhares,M.B.M. & Marturano,E.M.M. (2003). Autoconceito de crianças com dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 8(1), 67-76.
- Tonelloto, J.M.F. (2002). Aceitação e rejeição: percepção de escolares desatentos no ambiente escolar. *Psicologia Escolar e Educacional*, 6 (2), 141-148.
- Valencia, L.I. , López, G.C.H. (2012). Influencia del clima sociofamiliar y estilos de interacción parental sobre el desarrollo de habilidades sociales en niños y niñas. *Persona* 15, 253-271.
- Valle,T.G.M. & Garnica,K.R.H. (2009). Avaliação e treinamento de habilidades sociais de crianças em idade pré-escolar. Em Valle, T.G.M., org. *Aprendizagem e desenvolvimento humano: avaliações e intervenções* [online]. 48-75. São Paulo: Cultura Acadêmica, Obtido em <http://books.scielo.org>.
- Veit,E.F. (2007). O grafismo infantil como expressão de vivências sociais. *Graphica UFPR* Curitiba-Paraná. Recuperado em 14/01/2013. Obtido em www.degraf.ufpr.br/artigos_graphica/OGRAFISMO.pdf
- Welsh,M., Parke,R.D., Widaman, K. & O’Neil,R. (2001). Linkages Between Children’s Social and Academic Competence: A Longitudinal Analysis. *Journal of School Psychology*, 39 (6), 463–481.
- Wu,Y.P.,Selig, J.P,Roberts, M.C. & Steele, R.G. (2011).Trajectories of Postpartum Maternal Depressive Symptoms and Children’s Social Skills. *J Child Fam Stud*, 20,414–423.
- Zahn-Waxler,C., Shirtcliff, E.A. & Marceau, K. (2008). Disorders of Childhood and Adolescence: Gender and Psychopathology. *Annual Review of Clinical Psychology*, 4, 275-303.

Zhang,S. & Anderson,S.G. (2010). Low-income single mothers' community violence exposure and aggressive parenting practices. *Children and Youth Services Review* 32, 889–895.

ANEXOS

ANEXO A- Questionário de caracterização das crianças (QCC)

Nome do pesquisador: _____

Data de aplicação: _____

Número: _____

Participante: _____

Parentesco com criança: _____

I. Dados Pessoais:

1. Nome: _____

2. Data de Nascimento: _____ Idade: _____

3. Sexo: _____

4. Local de nascimento: _____ UF: _____

5. Endereço: _____

6. Bairro: _____

7. Série: _____ Turma: _____

II. Composição e Estrutura Familiar

Primeiro nome	Parentesco/Relação	Idade	Escolaridade	Atividade profissional	Renda

1. Quem é o cuidador principal da criança?

Mãe Pai Avó Tia Tio Irmão Outro. Quem?

2. Estado civil

Pais casados Pais separados Mãe solteira Segunda união Outros _____

III – Vida Escolar

1. Com que idade começou a estudar? _____

2. Adaptou-se com facilidade? Sim Não

3. Tem experiência escolar anterior à Casa da Criança? Sim Não

Informações

adicionais: _____

4. Quem acompanha a rotina escolar da criança?

Atividade	Mãe	Pai	Avó	Irmão	Tia	Outro (especifique)	Sozinho(a)
Leva a criança até a escola							
Traz a criança da escola							
Arruma a criança para escola							
Prepara o lanche							
Participa das reuniões escolares							
Participa dos eventos escolares (festas, feira de atividades, datas comemorativas)							
Ajuda a criança nos deveres escolares							

5. Sobre eventos ocorridos com a criança

Evento	Nos últimos 6 meses	De 6 a 12 meses	Há mais de um ano (especifique)	Nunca aconteceu
Mudança de escola				
Suspensão da escola				
Reprovação				

7. A criança frequenta as aulas normalmente (exceto em casos de doenças)?

Sim Não

8. Na sua percepção, a criança gosta de ir à escola?

Sim Não.

Caso negativo, qual (is) o(s) motivo(s)?

9. Na sua opinião, o rendimento escolar da criança é:

Ruim Regular Bom Excelente

IV. Interesses e Rotina

1. Há alguma atividade regular que seu filho realiza quando não está na escola? (esportes, aulas de música, curso de idioma, etc.)

2. Quais atividades seu filho(a) gosta de fazer?

3. Com quem seu filho costuma fazer suas atividades e brincadeiras? (sozinho, pai, mãe, irmãos, vizinhos etc)

4. Como é o relacionamento com outras crianças? Possui amigos?

5. E com a família? (obedece, pergunta, ajuda, participa)

6. Como costuma ser o seu humor e comportamento? (alegre, extrovertido, calmo, agressivo...)

7. Como ele(a) reage às frustrações ou negativas? (desabafa, reclama, não fala nada, chora...)

8. É capaz de oferecer ajuda?

9. Envolve-se em brigas ou provocações?

10. A criança faz algum tratamento ou acompanhamento?

11. Gostaria de acrescentar outras informações?

Exemplo de uma das 21 situações que compõem o caderno de pranchas do instrumento.

SITUAÇÃO 2



*Yasmin procura seu único lápis, pois está precisando muito dele.
Na mesma hora, Renato pede-lhe o lápis emprestado.
O que Yasmin vai fazer?*

REAÇÃO 2.1.
*Yasmin preferiria não emprestar mas
empresta e fica preocupada.*



Ai, meu Deus,
será que ele vai
demorar muito?

Eu não posso emprestar agora,
eu estou usando. A hora que eu
terminar eu te empresto.

REAÇÃO 2.2.
Yasmin recusa o lápis justificando:



REAÇÃO 2.3
*Yasmin recusa fazendo
pouco caso.*



Cadê o seu? Não tem o seu não, é?
Eu é que não vou emprestar o meu!

ANEXO C- FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO INDIVIDUAL C DO IMHSC DEL
PRETTE

IMHSC-DEL PRETTE

Ficha de Auto-avaliação Individual C

Dados sobre o(a) aluno(a) Data da Aplicação: Sessão 1: ___/___/___
Sessão 2: ___/___/___

Identificação da Criança

Nome do(a) aluno(a) _____ Série _____

Data de nascimento ___/___/___ Idade: _____ Sexo: Masculino Feminino
Dia Mês Ano

Escola: _____

Informações complementares:

NSE (Faixa Critério Brasil): _____; TS (1 ou 2) _____; SE (no. de repr.): _____; DA-P: _____; PC-P: _____

CD (Def. Não/Sim, especificar): _____

CC (Não/Sim, especificar): _____

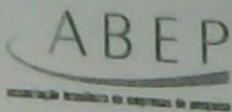
OC (Especificar): _____

SITUAÇÕES	REAÇÃO 1		REAÇÃO 2		REAÇÃO 3		DIFICULDADE M-P-N Reação
	FREQ.	ADEQ.	FREQ.	ADEQ.	FREQ.	ADEQ.	
	S-V-N	C-M-E	S-V-N	C-M-E	S-V-N	C-M-E	
1							(3)
2							(2)
3							(1)
4							(3)
5							(2)
6							(1)
7							(3)
8							(1)
9							(2)
10							(3)
11							(1)
12							(2)
13							(3)
14							(1)
15							(2)
16							(1)
17							3)
18							(2)
19							(1)
20							(3)
21							(2)

ANEXO D- CRITÉRIO DE CLASSIFICAÇÃO ECONÔMICA BRASIL



CRITÉRIO
DE CLASSIFICAÇÃO ECONÔMICA
BRASIL



O Critério de Classificação Econômica Brasil, enfatiza sua função de estimar o poder de compra das pessoas e famílias urbanas, abandonando a pretensão de classificar a população em termos de "classes sociais". A divisão de mercado definida abaixo é de classes econômicas.

SISTEMA DE PONTOS

Posse de Itens

	Quantidade de Itens				
	0	1	2	3	4 ou +
Televisão em cores	0	1	2	3	4
Rádio	0	1	2	3	4
Banheiro	0	1	2	3	4
Automóvel	0	4	5	6	7
Empregada mensalista	0	4	7	9	9
Máquina de lavar	0	3	4	4	4
Videocassete e/ou DVD	0	2	2	2	2
Geladeira	0	2	2	2	2
Freezer (aparelho independente ou parte da geladeira duplex)	0	4	4	4	4
	0	2	2	2	2

Grau de Instrução do chefe de família

Nomenclatura Antiga	Nomenclatura Atual	
Analfabeto/ Primário incompleto	Analfabeto/ Até 3ª série Fundamental/ Até 3ª série 1º. Grau	0
Primário completo/ Ginásial incompleto	Até 4ª série Fundamental / Até 4ª série 1º. Grau	1
Ginásial completo/ Colegial incompleto	Fundamental completo/ 1º. Grau completo	2
Colegial completo/ Superior incompleto	Médio completo/ 2º. Grau completo	4
Superior completo	Superior completo	8

CORTES DO CRITÉRIO BRASIL

Classe	Pontos
A1	42 - 46
A2	35 - 41
B1	29 - 34
B2	23 - 28
C1	18 - 22
C2	14 - 17
D	8 - 13
E	0 - 7

ANEXO E- CARTA EXPLICATIVA SOBRE A PESQUISA

Sr(a). Responsável,

Solicitamos a sua autorização para que seu (sua) filho (a) participe do projeto ***“Características pessoais e fatores contextuais na avaliação de Habilidades sociais em escolares”*** que será realizado na Casa da Criança Santa Inês.

As Habilidades Sociais são classes de comportamento sociais que contribuem para o ajustamento social e que favorecem relacionamentos saudáveis e produtivos com outras pessoas. Crianças que apresentam baixas habilidades sociais muitas vezes podem ter prejuízos na aprendizagem escolar e apresentar problemas emocionais e de comportamentos.

O objetivo deste projeto é avaliar ***qual*** o nível de Habilidades Sociais dos alunos da Casa da Criança Santa Inês e relacioná-lo às características da criança e de vida escolar para melhor compreensão e se for o caso, proposta de intervenção junto aos professores. É um projeto gratuito realizado na própria escola e será conduzido por uma psicóloga e supervisionada por uma assistente social pertencentes do programa de Pós-graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento da Universidade Federal do Pará.

Este projeto possui três etapas:

- 1- Entrevista com o responsável para obter algumas informações sobre a criança (dia e hora avisados previamente);
- 2- Avaliação das Habilidades Sociais da Criança pela criança;
- 3- Avaliação das Habilidades Sociais da criança pela professora.

A participação de seu(sua) filho(a) é bem vinda e não lhe trará nenhum dano. O resultado será comunicado ao responsável, e os dados pessoais serão mantidos em sigilo, sendo utilizados apenas para fins de melhoria para o sucesso escolar e pessoal da criança, acadêmicos e científicos.

Por gentileza, se você concorda que seu (sua) filho (a) participe, assine no documento indicado e o entregue para a professora dele (dela) imediatamente. Caso você ainda tenha dúvidas, pode entrar em contato nestes números: 88478399/82536721, ou na secretária da escola para que eu possa entrar em contato com você e esclarecer suas perguntas.

Atenciosamente,

Thaciana Araujo da Silva

Psicóloga (CRP 03400) e Mestranda da Universidade Federal do Pará

ANEXO F- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu _____, responsável legal do (a) aluno (a) _____, dou meu consentimento para a participação da criança acima referida no projeto de pesquisa “*Características pessoais e Fatores contextuais na avaliação de habilidades sociais em escolares*”, realizado na Escola Casa da Criança Santa Inês, sob condução da psicóloga Thaciana Araujo da Silva, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento da Universidade Federal do Pará e orientação da assistente social Prof^a Dr^a Lilia Iêda Chaves Cavalcante.

Estou ciente de que este projeto tem por objetivo avaliar as habilidades sociais das crianças e relacioná-las a características da criança e de vida escolar, e é constituído de três etapas: 1-Entrevista com o responsável para obtenção de informações sobre a criança; 2- Avaliação das Habilidades sociais pela criança, através de um inventário próprio para crianças; 3-Avaliação das Habilidades sociais pelo professor.

Declaro estar ciente também de que é um projeto gratuito e que não trará nenhum risco ou dano aos participantes e a desistência da participação no projeto é garantida sem prejuízo algum. Além disso, fui informado(a) que posso solicitar mais informações sobre o projeto com a psicóloga responsável e que os resultados serão mantidos em sigilo, sendo seu uso exclusivo para a melhoria da vida escolar e pessoal de meu (minha) filho (a), acadêmicos e científicos, sendo a identidade dos participantes preservada.

Declaro estar esclarecido(a) e de acordo com as informações acima.

Belém ____/____/____.

Assinatura do responsável

Telefone para contato: _____

ANEXO G- AUTORIZAÇÃO DA ESCOLA



Casa da Criança Santa Inês
Missionárias de Santa Teresinha
Avenida Almirante Barroso, 3224 – CEP 66610-830.
Fone: (0xx91) 276-7357 Fax: (0xx91) 277-2256
Belém - Pará - Brasil



AUTORIZAÇÃO

A Escola 'Casa da Criança Santa Inês' autoriza a realização do projeto de pesquisa "Avaliação de habilidades sociais em escolares e sua relação com características pessoais e fatores contextuais" que será conduzida pela psicóloga Thaciana Araujo da Silva e orientada pela professora Dr^a Lília Iêda Chaves Cavalcante, do Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento (UFPA).

A Instituição está ciente que a pesquisa terá como participantes alunos, pais e professores que concordarem em participar do projeto e que os instrumentos utilizados serão questionários e inventários.


Maria Filomena Gomes
Mat.: 56584974
Diretora

ANEXO F- PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA

NÚCLEO DE MEDICINA
TROPICAL-NMT/
UNIVERSIDADE FEDERAL DO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Avaliação de Habilidades Sociais em Escolares e sua Relação com Características Pessoais e Fatores Contextuais

Pesquisador: Thaciana Araujo da Silva

Área Temática:

Versão: 5

CAAE: 10796412.6.0000.5172

Instituição Proponente: Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento

Patrocinador Principal: FUND COORD DE APERFEICOAMENTO DE PESSOAL DE NIVEL SUP

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 540.543

Data da Relatoria: 26/02/2014

Apresentação do Projeto:

A pesquisa busca avaliar as habilidades sociais de crianças escolares em uma escola do município de Belém e a influência sobre elas de características pessoais e fatores contextuais. Os participantes serão pais das crianças, professores e as crianças alunas da escola. Os instrumentos utilizados serão: Questionário de Caracterização da Criança (QCC); Inventário de Recursos Familiares (RAF); Inventário de Eventos Familiares (IEF); e Inventário Multimídia de Avaliação de Habilidades Sociais de Crianças (IMHSC-Del Prette). Espera-se encontrar relações entre os escores de habilidades sociais e variáveis de características pessoais das crianças avaliadas e de seus contextos familiares.

Objetivo da Pesquisa:

Geral

Avaliar as habilidades sociais de crianças escolares em uma escola-creche do município de Belém e a influência sobre elas de características pessoais e fatores contextuais.

Específicos

Avaliar as habilidades sociais de crianças escolares e relacioná-las às características pessoais (tais como, idade, sexo, escolaridade, condições de saúde) de cada criança.

Endereço: Av. Generalíssimo Deodoro, 92

Bairro: Umarizal

UF: PA

Telefone: (91)3201-6857

Município: BELEM

CEP: 66.055-240

E-mail: cepbel@ufpa.br

Relacionar os resultados obtidos com a avaliação das habilidades sociais de escolares com variáveis que caracterizam o seu contexto familiar (tais como, condições de moradia, recursos familiares, renda familiar, grau de vulnerabilidade, rotina escolar).

Comparar dois grupos de crianças que apresentaram escores altos e baixos de habilidades sociais a partir de características que se evidenciaram significativas em correlações que envolvem características pessoais e fatores contextuais.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos

O pesquisador esclarece que riscos que a pesquisa oferece são mínimos, pois os materiais utilizados serão questionários aplicados aos pais e professores e um inventário desenvolvido especialmente para aplicação em crianças. Além disso, os horários de aplicação dos instrumentos serão combinados previamente com as professoras das crianças participantes garantindo que estas não serão prejudicadas em seus estudos e/ou dinâmica escolar. Não haverá manipulação de qualquer material biológico e execução de qualquer atividade que prejudique a integridade física ou moral dos participantes.

Benefícios:

Esta pesquisa busca conhecer o perfil das habilidades sociais de crianças escolares e relacioná-las às suas características pessoais e fatores contextuais e sua investigação contribuirá para um entendimento maior do desenvolvimento social de cada criança e os fatores contextuais familiares que podem contribuir ou dificultar para isso, tendo portanto, neste momento um caráter exploratório. A devolução dos dados será realizada à escola e aos pais após a conclusão de todas as etapas da pesquisa, com a proposta de realização de atividades e palestras para os participantes e a comunidade escolar acerca da temática da investigação realizada para acrescentar conhecimentos e formas de educação para um desenvolvimento social mais saudável das crianças participantes.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O estudo está bem delineado com cronograma de execução factível.

Endereço: Av. Generalíssimo Deodoro, 92

Bairro: Umarizal

UF: PA

Município: BELEM

CEP: 66.055-240

Telefone: (91)3201-6857

E-mail: cepbel@ufpa.br

NÚCLEO DE MEDICINA
TROPICAL-NMT/
UNIVERSIDADE FEDERAL DO



Continuação do Parecer: 540.543

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foi solicitado anteriormente que o termo de consentimento livre e esclarecido fosse modificação, de modo a contemplar a justificativa, riscos e benefícios e os demais termos preconizados pela CONEP 466/12, a citar: 1 - Convite ao participante; 2- Estimativa de tempo gasto para responder aos instrumentos, se possível estimar quantos dias; 3- Enfatizar que nenhum benefício financeiro será destinado aos participantes; 4- Sinalizar os possíveis benefícios e 5- Finalizar o termo sinalizando ao respondente que poderá remeter-se para maiores esclarecimento, além do pesquisador, ao comitê de Ética em Pesquisa situado (colocando o endereço do comitê). Tal solicitação foi acatada.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As modificações solicitadas no TCLE foram acatadas. Projeto aprovado.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

BELEM, 25 de Fevereiro de 2014

Assinador por:
ANDERSON RAIOL RODRIGUES
(Coordenador)

Endereço: Av. Generalíssimo Deodoro, 92
Bairro: Umarizal
UF: PA Município: BELEM

CEP: 66.055-240

Telefone: (91)3201-6857

E-mail: cepbel@ufpa.br